

À Volta
DO MUNDO

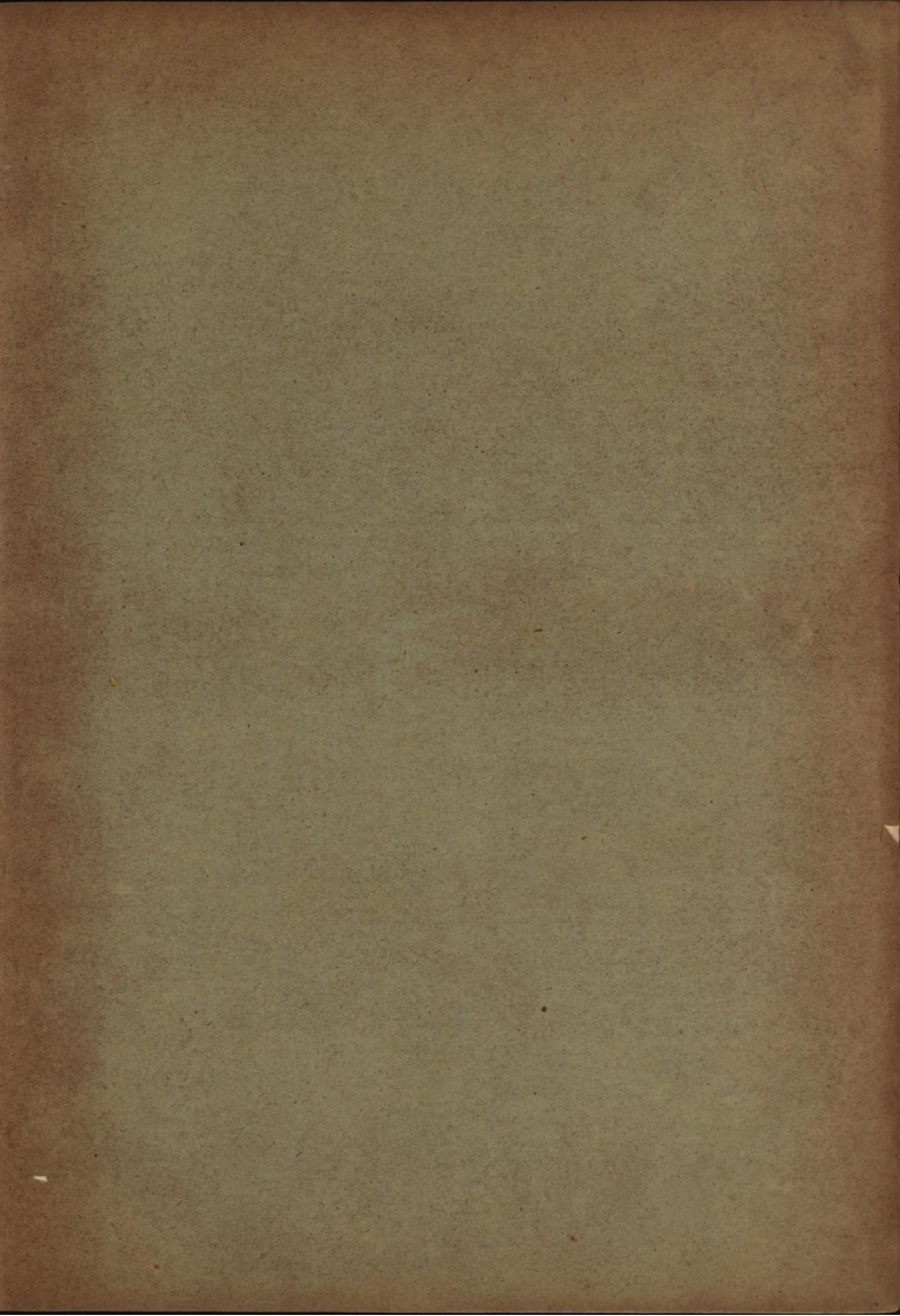
JORNAL DE VIAGENS
E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS

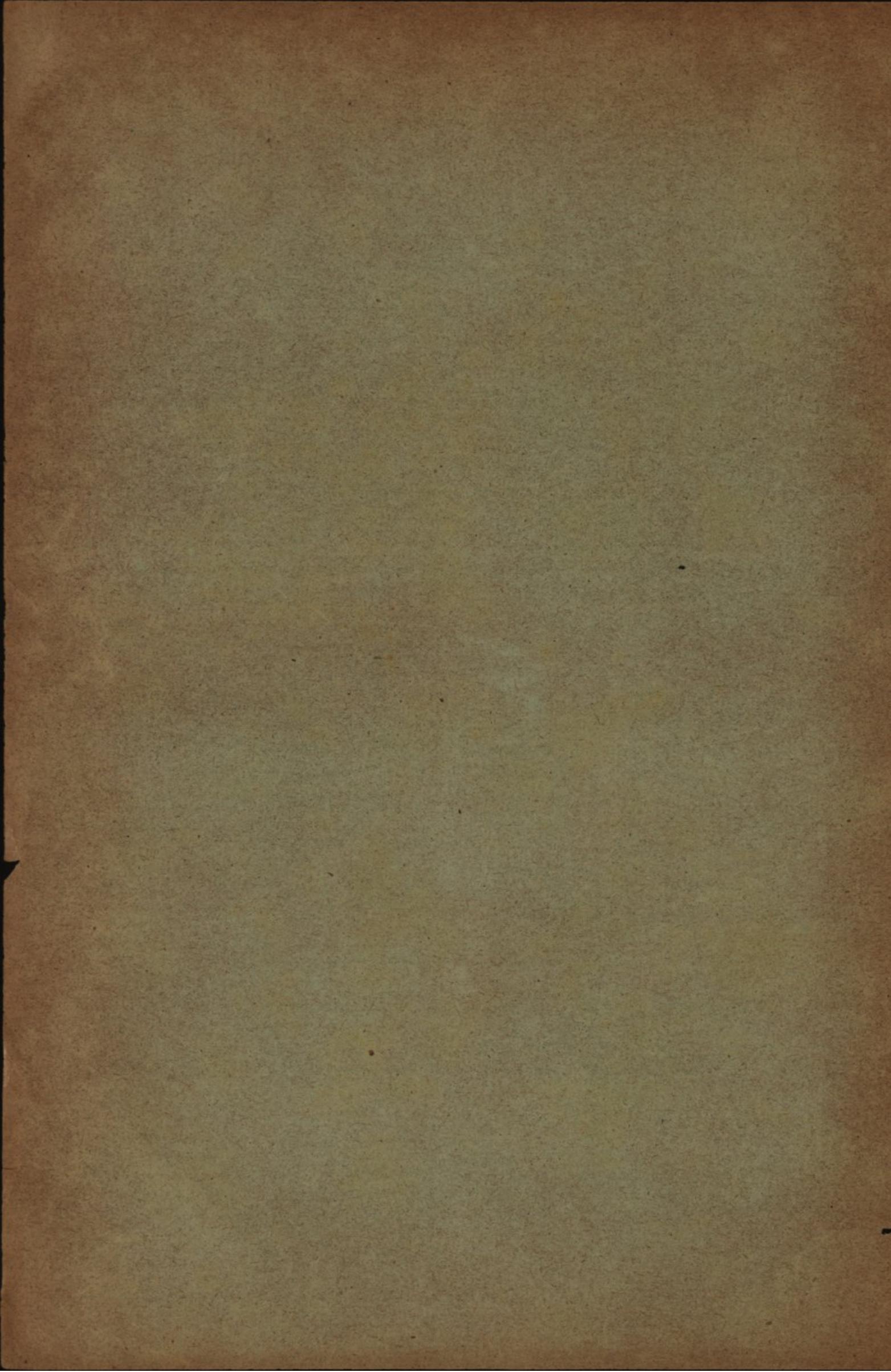


LISBOA
Empreza Litteraria Luzo-Brazileira-EDITORIA

PAULINO FERREIRA
ENCADERNADOR
33 R. dos Cavalleiros 33
LISBOA

Sala B
Est 1
Tab. 6
N.º 12







113.

À VOLTA DO MUNDO

119 22 1



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

INVI-N 3142



-2 OFERTA

-2. JAN. 1974

374

A VOLTA

DO

MUNDO

Jornal de Viagens e de Assumptos geographicos

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

REPRESENTANDO PAISAGENS, CIDADES, VILLAS, MONUMENTOS, RETRATOS, HISTORIA NATURAL, COSTUMES DE TODOS OS POVOS DO MUNDO, ETC., E UM GRANDE NUMERO DE CARTAS GEOGRAPHICAS, DESENHADAS PELOS MAIS CELEBRES ARTISTAS ESTRANGEIROS E NACIONAES

DIRECTORES LITTERARIOS

DR. THEOPHILO BRAGA E ABILIO EDUARDO DA COSTA LOBO

COADJUVADOS PELOS SRS.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE, DUARTE D'OLIVEIRA JUNIOR, AUGUSTO LUSO DA SILVA, SERPA PINTO, AUGUSTO FUSCHINI, JOÃO TEIXEIRA SOARES, BRITO CAPELLO, IVENS, JOSÉ RELVAS, P. A. FERREIRA, JOAQUIM DE VASCONCELLOS, LOURENÇO MALHEIRO, AUGUSTO DE CASTILHO, J. A. MARTINS, A. DE SOUSA PINTO, M. J. FELGUEIRAS, LUCIANO CORDEIRO, ZOFIMO CONSIGLIERI PEDROSO, ETC., ETC.

DESENHOS PORTUGUEZES DE

Columbano Bordallo Pinheiro e dos melhores artistas

COPIAS DE PHOTOGRAPHIAS DE

CARLOS RELVAS



ESTATUA DE CAMÕES

LISBOA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA—EDITORIA

140-1.º RUA DOS CORREIROS, 140-1.º

DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. DE SOUZA PINTO

MDCCLXXXIII



3145

A VOLTA



Jornal de Viagens e de Assuntos Geographicos

Publicado em Lisboa

Proprietario: THEOPHILUS PRADO
Director: THEOPHILUS PRADO
Redacção: Rua do Aljube, 5

THEOPHILUS PRADO

Colaboração: Barthelemy Pinheiro e dos melhores artistas

Carlos Reyias



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

5—PATEO DO ALJUBE—5

1883



ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES — Na praça do mesmo nome

ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES

FM 1860, por iniciativa do nosso illustre esculptor, o snr. Victor Bastos, se formou uma commissão de cavalheiros distinctos, para promoverem subscrições para se levar a effeito esta obra.

Depois de recebidos alguns donativos se lançou a pedra fundamental, no dia 28 de junho de 1862, collocando-se por baixo d'ella um cofre,

contendo o auto da cerimonia, as moedas nacionaes e uma lamina de cobre prateado, com uma inscrição latina adequada. Esteve mais de cinco annos o monumento só com o pedestal, em razão de muita miseria, cuja relação é impropria d'esta obra; até que finalmente se concluiu, sendo a inauguração em 9 d'outubro de 1867.

O pedestal tem 7^m,48 d'altura, sobre quatro degraus, com um socco onde assenta uma grade. Nos angulos se levantam oito plinths, nos quaes estão collocadas as estatuas dos illustres varões seguintes (cada uma de 2^m,40 de altura) o chronista *Fernão Lopes*, o cosmographo, *Pedro Nunes*, os historiadores, *Gomes Eannes d'Azurara*, *João de Barros* e *Fernão Lopes Cantanheda*, dos cantores das nossas glorias navaes, *Vasco Mouzinho de Quevedo*, *Jeronymo Corte Real* e *Francisco de Sá Menezes*.

Na face principal estão as armas reaes portuguezas como as usou D. João I e seus successores até D. Sebastião.

Todo o monumento tem de altura 11^m,48. O

pedestal e estatuas, custaram 38:000\$000 réis. São obra do referido sr. Victor Bastos. A estatua de Camões, que é de bronze, tem 4 metros de altura, e foi feita de peças antigas, que estavam no arsenal real do exercito, avaliadas em 1.700:000 (de peso).

Foi feita na acreditada fundição dos srs. Colares. Foi primeiramente fundida por Mr. Luiz Baptista Berry, de Paris, que a estragou, e pelo que sahiu de Lisboa. A actual, é como devia ser, obra exclusivamente portugueza, sendo o seu principal fundidor, o sr. Alexandre das Neves (um curioso!) e o sr. Delphim Antonio.

PINHO LEAL.

Port. Ant. e mod. — vol. 4.º, pag. 308.

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação do n.º 24 — 2.º anno)

NA mente phantasiava eu chegar ao acampamento e dizer, «vão á margem do correço, e lá encontrarão caça para matar a fome.»

Era uma mistura de prazer e de angustia que me causava a incerteza horrivel.

De repente os animaes desapareceram na floresta em apressado trotar.

O que seria? Ter-me-hiam presentido?

Levantei-me e segui o rasto com maior presteza; mas entrando na floresta, o meu desespero subiu de ponto.

Na mata virgem o solo coberto de musgo espesso não deixa perceber um rasto ao olho mais experimentado.

Parei desanimado. Tudo o que tinha phantasiado cahiu como sonho fagueiro ao impertinente despertar.

Ainda fui longe sem nada perceber de caça, e perto das 6 horas da tarde recolhi ao campo, prostrado de fadiga e fome, tendo andado inutilmente 20 kilometros!

Ao entrar no acampamento, achegou-se a mim o meu Augusto, mostrando-me radiante

de alegria um soberbo antilope que tinha morto! Era uma enorme Malanca (*Hippotragus equinus*) da corpulencia de um boi.

Fiz immediatamente a partilha pelos meus carregadores e por mim mesmo, e depois de um longo jejum, que nem Deus me leva em conta por ser involuntario, tive um opiparo jantar, adubado pela fome, que faria inveja aos mais pichosos gastronomos.

Miguel, o meu bravo caçador de elephantes, tambem veio complimentar-me; mas revelava-se-lhe no rosto a mais profunda tristeza.

Logo que soube a causa do desespero do meu valente, não pude deixar de me consternar muito.

Durante a ausencia de Miguel, a minha cabrinha Cõra entrou na sua tenda, e comera-lhe o grande feitiço que elle possuia para matar os elephantes.

Consistia o valioso talisman em um dente humano cahido do tecto de uma casa velha, embrulhado em palha e trapos por um cirurgiãõ de grande fama, que lhe tinha incutido as maiores virtudes; sendo facilimo ao portador de tão

extraordinario objecto, o encontrar e matar elephantes sem o menor perigo. Miguel estava inconsolavel; mas eu consegui tranquillisal-o, promettendo-lhe maior feitiço do que o perdido, para o mesmo fim.

E não o enganava, pois que a boa carabina que tencionava dar-lhe, logo que chegássemos a paiz de elephantes, valia bem por todos os dentes humanos embrulhados em palha e trapos.

Depois de comer, reuniram-se em torno da minha fogueira os meus pombeiros, e contaram-me, que durante a minha ausencia, toda a gente tinha ido ao mato, seguindo uns os *indicators*, haviam colhido bastante mel, sendo que outros haviam feito larga colheita de uma fruta chamada pelos Bienes *atundo*, semelhante á goiaba, mas produzida por uma planta herbacea de pequeno talhe. Os pedunculos d'esta fruta partem do caule junto á terra, e o fruto cresce semi-enterrado. O seu sabor é agradável, não julgando eu que seja muito nutriente.

No dia seguinte era preciso seguir avante, e por isso, apesar do frio, levantamos campo muito mais cedo que de costume.

Seguimos a S.E., encontrando, depois de duas horas de marcha, um rio difficil de transportar. Tinha 4 metros de largo, por 4 de fundo, e violenta corrente.

Mandei cortar grandes arvores na floresta, e pouco depois estava lançada uma ponte e a comitiva passava. Pouco a jusante do sitio em que passei o rio, affluia a elle um riacho vindo de léste. Segui a margem direita d'este riacho, e uma hora depois, acampava perto de duas povoações que avistava.

Logo que chegamos, vieram espreitar-nos alguns gentios, com quem pudémos fallar a pedir provisões. Pouco depois, já apparecia no nosso campo algum massango que pretas quasi nuas vinham vender. Comprando a missanga sem regatear, em breve tivemos alimentação sufficiente para aquelle dia.

Em breve se estabeleceram relações cordiaes entre aquelle gentio e nós. Por elles soubemos, que o ribeiro onde acampamos na vespera se chamava Licócótoa, o rio onde n'aquelle dia havíamos lançado a ponte Nhongoaviranda, e o corrego em cujas nascentes estávamos acampados Cambimbia.

As duas povoações que ficam na margem esquerda do ribeiro são Luchazes, aquella que ficava a N.O. do meu campo era de Quiôcos ou

Quibôcos. Foram estes ultimos que vieram ao meu campo e com quem estava em relações.

Comi mais de um litro de massango cozido em agua; não me foi desagradavel tal alimento.

Depois de ter saciado o appetite, calculei a posição em que estaria n'aquelle noite o planeta Jupiter, no momento do eclipse do 1.º satellite que eu precisava observar.

Eu estava acampado n'uma floresta copada, que não me deixava ver os astros.

Logo que achei pelo calculo a posição do planeta no momento desejado, escolhi o logar onde assentaria o meu telescopio, e mandei rasgar na floresta um claro sufficiente para poder fazer a observação.

Houve grande faina; e os meus bravos Biheños, de machado em punho, conseguiram em duas horas rasgar uma abertura por onde eu podesse dirigir o meu oculo.

As mulheres dos Quiôcos ou Quibôcos que vieram ao meu campo traziam os filhos ao lado como as Luchazes, suspensos do hombro opposto por uma faixa de casca de arvore.

Além de massango, trouxeram ellas para vender umas raizes tuberculosas chamadas genamba, de que os meus pretos gostavam muito e eu nada. Não cultivam o milho e alimentam-se de massango.

O luxo dos penteados não se encontra entre os Quibôcos ou Quiôcos, e o seu vestir é mais miseravel do que entre os Quimbandes. As mulheres andam nuas!

Causará de certo estranheza ao leitor, que eu estando em pleno paiz dos Luchazes, lhe esteja fallando em Quiôcos. Se isso o admira, não me surprehendeu menos a mim o caso de os encontrar ali.

A emigração constante dos Quiôcos e a colonisação das terras Luchazes por elles, é um facto.

O paiz dos Quiôcos ou Quibôcos (que lhes chamam indifferentemente) é collocado ao norte de Lobar, nas vertentes léste da serra da Mozamba. Livingstone fal-o cortar pelo parallelo 11 sul, e pelo meridiano 20 léste de Greenwich.

Os Quiôcos são viajantes, caçadores, e ousados. Alguns, descontentes com o seu paiz, emigraram para o sul, atravessaram o Lobar, e vieram estabelecer-se na margem direita do Lungo-é-ungo, em paiz Luchaze.

Não foram hostilizados, e atraz d'estes seguiram-se outros, sendo constante hoje a emigração. Não pararam ali, e seguiram muitos emi-

grantes mais ao sul, indo até ao Cubango. A maior parte da povoação de Darico é de Quiôcos.

Perguntando-lhes eu, qual o motivo de abandonarem o seu paiz, disseram-me, que a doença e a falta de caça os afugentava de lá.

Estes Quiôcos com quem entrei em relações estavam estabelecidos ali havia pouco, e não lhes sobravam as provisões para venderem; mas disseram-me elles, que além de uma alta serra que ficava a léste, haviam muitas povoações Luchazes e abundancia de mantimentos.

Contratei guias para me conduzirem ali, e decidi partir no dia immediato, o que não pude levar a effeito, por me terem adoecido n'essa noite alguns homens.

O meu Pépéca appareceu de manhã com uma enorme papeira, e quasi toda a minha gente estava indisposta do estomago, sem duvida devido isso ao Massango, a que depois bem se habituaram. Eu felizmente nada soffri com aquella alimentação nova.

Mandei ás duas povoações Luchazes da margem esquerda do Cambimbia; os enviados voltaram porém sem nada, porque nada lhes quizeram vender. Foram ainda os Quibôcos que n'esse dia proveram á alimentação da caravana.

No dia seguinte ainda haviam alguns doentes; mas era forçoso partir, porque os Quiôcos mostravam a impossibilidade de me fornecerem mais viveres. Obtive d'elles que alguns substituissem os carregadores doentes, e ás 9 horas deixavamos o campo, e precedidos dos guias endireitavamos á serra Cassara-Caiêra, a grande serra de que me haviam fallado na vespera, e além da qual deveríamos encontrar abundancia de viveres.

O alto da serra tem uma altitude de 1615 metros, ou eleva-se ao meu campo no Cambim-

bia de 137 metros. Esta serra fôrma um planalto de vertentes bastante ásperas. A subida foi fatigante. Durante a subida eu animava os carregadores, que me respondiam cantando em Ambundo uma cantiga monotona, cuja letra traduzida dizia assim:

«A cobra não tem braços, não tem pernas, não tem mãos e não tem pés. Como sobe ella? Porque não subiremos nós, que temos braços, temos pernas, temos mãos e temos pés?»

Segui por espaço de uma hora a cumiada da serra léste oeste, e depois encontrei a vertente de léste.

No alto da serra ha um esplendido panorama de N. E. a N. O. Vê-se todo o curso do rio Cuango, affluente do Lungo-é-ungo pelo sul.

Avista-se a bacia d'este desde Cangala até á confluencia do Cuango, e bem assim as bacias superiores dos rios Cuito, Cuime e Cuiba.

O golpe de vista é surpreendente.

Na vertente de oeste da serra Cassara-Caiêra a vegetação arborea é esplendida, na cumiada enfezada e pobre; na vertente léste a vegetação arborescente e herbacea verdadeiramente rica.

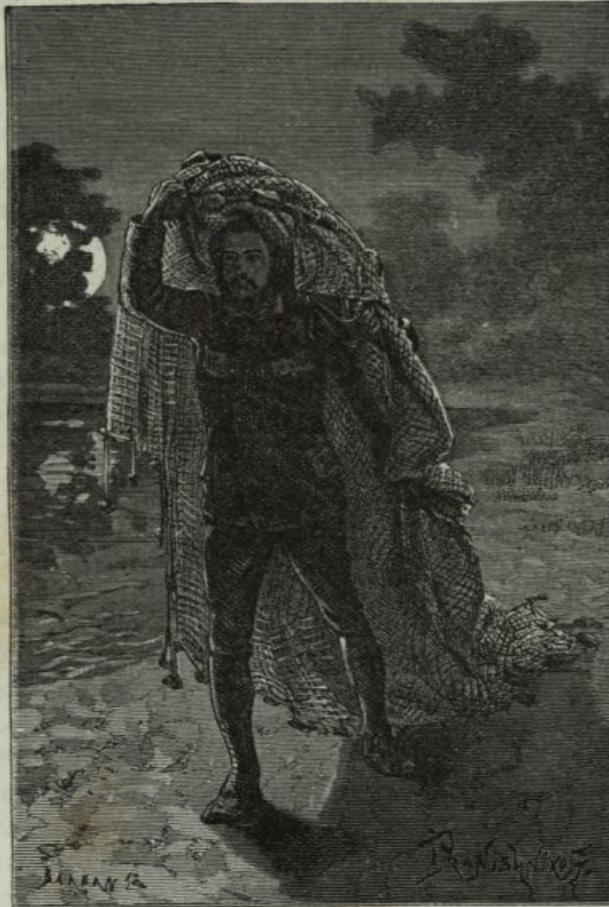
Esta vertente léste é chamada Bongo-Iacon-gonzelo. Fui acampar na nascente do ribeiro Cansampôa, affluente do Cuango, e durante todo o tracto d'aquelle dia não encontrei agua.

Junto ao meu campo, na outra margem do ribeiro, ficavam cinco povoações Luchazes.

Estas cinco povoações são governadas por um sovêta que obedece ao soba Chicôto, cuja povoação é na confluencia do Cuango com o Lungo-é-ungo.

As duas povoações Luchazes que ficam no Cambimbia obedecem ao sovêta Muene-calengo do Cuito.

O sovêta Cassangassanga veio visitar-me, e



A REDE DE PESCAR—Desenho de Yvan P. an'istnikoff, segundo o texto

trouxe-me de presente um cabrito. Dei-lhe alguma missanga, com que se retirou satisfeito, promettendo mandar-me algum massango n'aquelle dia, e guias no immediato para me conduzirem a Cambuta, onde me disse eu encontraria muitos viveres. Cumpriu as suas promessas, não só mandando o massango n'aquelle dia, como os guias no seguinte.

O massango, dividido, deu uma pequena ração a cada um de nós; o cabrito não era cousa de vulto para tanta gente, e francamente dormimos com fome.

Ali cultivam massango, pouca mandioca, menos feijão, bastante mamona e algum lúpulo.

Trabalham o ferro com bastante perfeição, sendo o minério encontrado no paiz.

No dia 6 de julho, parti a lèste, e depois de tres horas de caminho, na ultima das quaes segui a margem do ribeiro Andara-canssamboa, acampava em frente da povoação de Cambuta, junto ao rio Bicéque, que corre a N. E. para unir-se ao Cutangjo, affluente do Lungo-é-ungo. O paiz tem uma certa agglomeração de população, que obedece ao sova de Cambuta. Ali pude obter bastantê massango, unico alimento que cultivam em abundancia, e por isso unico que me vieram vender.

Nunca vi tão grande quantidade de rôlas



REGRESSO A CATONGO — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto

como ali, e eu matei muitas, carregando a arma com pedrinhas miudas das margens do ribeiro. Adoeceram-me alguns carregadores com papeira e outros com gastrites, de certo provenientes da má alimentação.

Entre as raparigas que vieram ao meu campo vender massango, notei algumas muito galantes e muito esbeltas.

Andam quasi nuas, e mal se lhes percebe, não uma folha de vinha, mas um pequeno farapo de casca de arvore.

Ali homens e mulheres sem excepção tem os dentes incisivos da frente cortados em triangulo, de modo que estando a dentadura unida, apparece um lozango vazio, formado por os dois triangulos cortados na frente em dentes de ambas as maxillas.

O frio continuava a ser intensissimo durante a noite, e só junto de grandes fogueiras podiamos repousar.

No dia seguinte, continuavam as doenças. Um caso bem para notar era serem só atacados os Bihenos, e resistirem os negros de Benguella, não tão habituados como aquelles ás vicissitudes da vida sertaneja.

De manhã matou-se perto do acampamento uma ave de rapina, que a minha vista pouco experimentada não soube collocar em algum dos generos em que se divide a familia dos rapaces diurnos, querendo, na minha ignorancia em tal assumpto, que fosse um gypeta, ainda que julgo ser unica a especie do genero conhecida.

O meu passaro parecia-se muitissimo com o gypeta, excepto nas dimensões, que as tinha mui-

to menores, pois contava apenas, de ponta a ponta de aza, 1 metro e 75 centímetros.

Fosse o que fosse, foi saboreado pelos Biheños, que em materia de gastronomia, desde o homem até ao abutre, passando pelo crocodilo, leopardo e hyena, de tudo comem sem escrupulo.

N'esse dia, como na vespera, o tempo que me ficou livre das observações, empreguei-o a percorrer os arredores, levantando, como costume, uma planta grosseira dos terrenos que avisto, tendo marcado tres milhas ao sul da nascente do Biceque, a nascente do rio Cuanavare, grande affluente do Cuito. Junto da nascente do Cuanavare, estive na povoação de Muenevinde, governada por uma dama, cujo marido que se chama Ungira, não tem voz activa na governação.

Eu nunca fui amante de feijão-fradinho, mas á noite, de volta ao campo, tive um pequeno presente d'elle, e comi-o com devorador appetite. O sova de Cambuta estava ausente em caçada, e fizeram-me as honras da casa as suas damas, com quem conservei as mais cordias relações, obtendo d'ellas, não só boa provisão de massango, mas ainda 12 carregadores para me encaminharem ás nascentes do Cuando e do Cubanguí, affluente d'aquelle, rios que me diziam no paiz serem os *maiores do mundo*.

Permittam-me aqui agora os meus leitores duas palavras, a respeito das ultimas do periodo anterior que sublinhei.

O rio Cuando, de certo o maior affluente do Zambeze, não foi conhecido por mim pelas informações dos Luchazes de Cambuta; e eu, tendo sustentado a minha marcha do Bihé até ali, uma grande parte do caminho fôra e muito ao norte do trilho das caravanas Biheñas, sabia o que fazia, e onde deveria pouco mais ou menos ir encontrar as nascentes de tão grande arteria. Devia isso ás informações de Silva Porto, que já tinha descido aquelle rio do Cuchibi até Liniante, levando cargas em canôas.

Silva Porto tinha-me assignalado as nascentes d'aquelle rio, que elle conhecia nos seus terços medio e inferior, pouco mais ou menos no ponto em que as encontrei, e isto por informações colhidas por elle do gentio.

Se Silva Porto pudesse dar aos pontos que conhece da Africa Austral, as posições traduzidas em longitudes e latitudes, enchem-se facilmente os espaços em branco que ainda existem na carta d'aquelles paizes.

Assim, pois, partindo de Cambuta a buscar as nascentes do Cuando, eu cumpria o itinerario que havia traçado, e ia resolver um dos problemas que mais desejava resolver.

As noticias detalhadas ia eu colhendo em caminho, as geraes essas já as tinha aprendido de Silva Porto.

Disseram-me os meus guias, que iamso atravessar, para além do rio Cutangjo, uma região despovoada, e por isso era mister fazer provisões para o caminho. Foi essa informação que me levou a comprar mais massango, e a pedir 12 homens, ás mulheres do sova.

Parti no dia 9 de julho ás 9 da manhã, e tres horas depois passava o rio Cutangjo, e acampava na sua margem direita, junto da povoação de Chaquissengo. O Cutangjo tem ali 4 metros de largo, por 1 de fundo, e corre a N. N. E. para o Lungo-é-ungo. Vi que nas plantações havia alguma mandioca e muito massango — o terrivel massango, que tanto me havia de perseguir em Africa!

Algodoeiros e mamona cultivam muito estes Luchazes. Trabalham em ferro, que tiram das margens do Cassongo, e as suas obras são muito perfectas.

Quasi todos os Luchazes têm barba por baixo do queixo, e pequeno bigode. Vai ali desapparecendo o luxo dos penteados extraordinarios que até ali faziam a minha admiração.

Os homens usam um largo cinto de couro cru, com fivelas feitas por elles; cobrem com pelles a sua nudez, e abrigam-se do frio com licondes, que extrahem de arvores das florestas.

Não fabricam panellas, e as que usam vão obtel-as dos Quimbandes.

Fazem manilhas com cobre, que ali lhes vem permutar a cera os Lobares, sendo que estes a obtem da Lunda.

Fui ver a povoação de Chaquicengo, que, como todas do paiz, é muito bonita e de um grande aceio. As casas são feitas de troncos de arvores, de 1 metro e 20 centímetros de altura, que tanto é a altura das paredes. O intervallo da madeira, que é encostada uma á outra, é cheio, em umas de barro, em outras de palha. Os tectos são de colmo, e como as armações são feitas de varas muito finas, fazem uma curva, tomando um aspecto de tectos chinezes. Os celleiros são collocados muito altos sobre uma armação de madeira, todos de palha, e de cobertura movel, pois é preciso levantá-la para ir dentro buscar os mantimentos. Tem accesso

por uma escada de mão, e não são mais do que um cesto gigantesco á prova d'agua, em que é tampa um tecto conico.

As capoeiras são umas pyramides quadrangulares de varas d'arvore, assentes em quatro pés ou estacas muito altas, para as pôr ao abrigo dos pequenos carnívoros.

No centro da povoação ha, como no Huambo, uma especie de kiosque para conversa.

Ali, em torno de uma fogueira, alguns homens preparavam arcos e frechas. Receberam-me muito bem, e vieram-me offerer uma bebida preparada com agua, mel e farinha de Lúpulo, que misturam em uma cabaça onde a deixam fermentar. Chamam-lhe Bingundo, e é a mais alcoolica que tenho encontrado.

Estes Luchazes usam uma armadilha para apanhar pequenos antilopes e lebres, que é engenhosa, e só se comprehende em vista do desenho. Chama-se Urivi.

Depois de um passeio até ás nascentes do Cutangjo, voltei ao meu campo, acompanhado por grande numero de homens e mulheres que não cessavam de me admirar.

Entre esta gente das margens do Cutangjo vi muitos typos masculinos de uma fealdade repugnante.

Estes povos, não só apanham muita cera nas florestas, mas ainda collocam nas arvores innumeras colmeas que fabricam com uma grossa casca de arvore ligada com pinos de pau.

No dia 10 de julho, parti ás 8 da manhã, e meia hora depois, apesar dos guias, andava perdido em uma floresta impassavel, d'onde podêmos a muito custo sahir ás 10 horas. Então encontramos terreno limpo de arbustos, mas coberto de arvores gigantes, que nos abrigavam do sol; prazer que durou pouco, porque meia hora depois, já andavamos outra vez mettidos em mato tão emmaranhado que nos deu verdadeiro trabalho a transpor. Emfim, ás 11 e 20 minutos, descia eu a vertente suave de um comoro, em cujo sopê a agua limosa de uma pequena lagôa era cercada por um tapete de verdejantes gramineas.

Ao chegar ali, dei um tiro em um animal que creio se chama *Leopardus jubatus*, cuja pelle veio augmentar a minha cama felina. Esta pelle, que foi minha cama até Pretoria, offereci eu ao doutor Bocage.

Este leopardo jubatus bastante raro, porque em toda a minha viagem vi apenas dois, vê muito pouco de dia, supponho eu, e supponho isto por

ter notado em ambos, que, ao deparar com elles, fitavam as orelhas para o meu lado, em que sentiam rumor, como querendo perceber o perigo mais pelos orgãos auditivos do que pelos visuaes.

Abeirei-me da lagôa, e determinei a sua posição, tendo mandado construir o meu campo uns 100 metros ao sul, sobre a encosta, ficando uns 30 metros sobranceiro ao paul, que mais paul do que lagôa é o charco onde nasce o grande affluente do Zambeze.

Quando trabalhava fui acommettido de um repentino e violento accesso de febre que me prostrou por tres horas. Quando voltei a mim, não pude deixar de sorrir. Estava coberto de amuletos, tendo ao pescoço um sem numero de cornos de pequenos antilopes, cheios das mais virtuosas medicinas. Uma pulseira de dentes de crocodilo enlaçava-me o braço direito, e dois enormes cornos de malanca pendiam de dois paus espetados dentro da barraca.

Os meus pretos, durante a febre, não se haviam poupado a cuidados, e ouvido o doutor Chacaiombe, tinham posto tudo aquillo sobre mim, com a mais inteira fê no resultado.

Uma forte dose de quinino, que tomei, determinando o meu prompto restabelecimento, veio corroborar mais as virtudes dos amuletos, que tudo a elles foi attribuido.

Os meu pretos Augusto e Miguel, tinham ido caçar; mas voltaram sem nada, tendo encontrado alguns leopardos. Viram comtudo muitos rastos de caça grossa.

No dia seguinte de manhã, levantei uma grosseira planta do paul, rectifiquei a minha posição, e levantei um pequeno padrão, construido de barro, dentro da barraca das observações, onde enterrei um frasco que fôra de quinino, perfeitamente rolhado, contendo um papel, onde, de um lado, por baixo do nome d'El-Rei, escrevi os nomes dos membros da commissão central permanente de geographia, e do outro, as coordenadas do ponto e a data.

Depois do meio-dia, os guias Luchazes foram mostrar-me a nascento do rio Queimbo, affluente do Cuando por oeste. Marquei estas nascentes, 6 milhas geographicas a S. O. do paul da nascente do Cuando.

Os doze carregadores Luchazes estavam muito saudosos de suas casas, e queixavam-se muito do frio. O paiz é despovoado, e deve ter muita caça, porque d'ella haviam rastos, continuando a apparecer leopardos, que d'ella são

tambem indício certo. Nós não vimos nenhuma. Era preciso seguir ávante, porque os mantimentos desappareciam rapidamente, e precisavamos alcançar as povoações Ambuelas, para escapar á fome.

Na manhã de 12 de julho, por um frio de dois graus acima de zero, mandei levantar campo e preparar para partir, não conseguindo deixar o acampamento antes das 8 horas.

Milhares de periquitos esvoaçavam nas matas e faziam uma chiada infernal.

Segui a margem direita do Cuando por duas horas, e em seguida, por indicação dos guias, passei á margem esquerda sobre uma ponte que improvisamos de troncos de arvore.

Ali já o rio tinha dois metros de largo por dois de fundo, e violenta corrente.

Ao passar o rio avistei uma manada de gnous, a que não pude atirar.

Acampei ali. As margens do Cuando são montanhosas, e desde a nascente até áquelle ponto tem uma faixa apaulada de 30 a 40 metros, que deita em toda a extensão muita agua, que vai engrossar o rio.

Este factó dá-se com quasi todos os rios d'aquellas regiões, que recebem por aquelle meio enorme quantidade de aguas, de modo que, sem a elles affluirem outros, são navegaveis a algumas milhas das pequenas nascentes.

Na margem direita do rio vi aqui e além algumas barreiras verticaes estratificadas, apresentando faxas cõr de rosa, brancas e azues.

No dia seguinte levantei ás 8, e caminhei até ao meio dia, indo acampar junto de um corrego affluente do Cuando.

Adoeceram-me alguns homens com papeira, e outros com inflamações nas pernas.

Felizmente, as cargas das provisões tinham diminuido sensivelmente, e tinha carregadores de sobreceleste. Nas margens apauladas do Cuando abundavam sanguesugas, que mandei apanhar, para applicar a alguns doentes que d'ellas careciam.

As matas que atravessei, e aquella em que estava acampado, eram quasi exclusivamente formadas de umas arvores enormes, a que os Bihenos chamam Cuchibi, arvores prestadias ao viajante faminto.

O seu fructo semelha ao feijão, onde só um grão de vivo escarlante está encerrado na casca verde escuro. Este fructo, depois de uma demorada cocção, separa os involucros escarlates dos cotyledones brancos. São aquelles involucros

escarlates a parte comestivel d'esta semente. São bastante oleaginosos, e os Ambuelas e Luchazes extrahem d'elles um oleo que tempera a comida.

Este fructo é de certo um grande socorro ao viajante faminto, mas não é para pressas, que a sua cocção é demoradissima.

Outro fructo que se encontra ali e que é bastante vulgar em todo o planalto, é o que os Bihenos chamam Mapole.

É produzido por uma arvore de mediana corpulencia, e semelha pela cõr e tamanho uma laranja madura.

Um pedunculo bastante comprido suspende este fructo verticalmente dos ramos da arvore. O epicarpio e o mesocarpio estreitamente ligados, formam um involucro de quatro millimetros de espessura, de dureza cornea.

Só um forte machado os pôde partir. No interior a parte comestivel é um liquido espesso e coagulado em que se agglomeram umas sementes como as das ameixas pequenas.

Este liquido, de sabor agro-doce, tomado em quantidade, é bastante purgativo; mas asseguraram-me os Bihenos que é muito nutritivo e um homem pôde viver d'elle alguns dias.

No dia seguinte deixei o rio Cuando, que já ali se inclina a S. S. E., e por indicação dos guias, caminhei a lêste, para ir demandar as nascentes do Cubangui, rio que elles me diziam ser muito grande.

Depois de uma hora de marcha, passei um ribeirão que corre ao sul, n'um terreno apaulado de 100 metros de largo, que custou a transpõr; 4 milhas além, outro grande ribeiro corre parallelo ao antecedente.

Entre os leitos d'estes ribeiros, e bem assim entre os dos affluentes do Cuando, a lêste, correm montanhas norte-sul, montanhas que pertencem a um systema mais importante, que ao norte corre leste-oeste, indo as suas vertentes N. terminar no valle do Lungo-é-ungo.

Pelas 11 e meia cheguei ao alto da serra, d'onde os guias me mostraram, muito ao longe, as nascentes do rio Cubangui. Marquei aquellas nascentes perfeitamente a lêste, e como recei não poder, chegado que fosse, determinar a latitude, parei, e ao meio-dia determinei a d'aquelle ponto em que estava, por ser a mesma das nascentes do rio, estando, como estavam, lêste-oeste com elle.

Pelas 2 horas da tarde, acampeo junto ás nascentes, que são em tudo semelhantes ás do

Cuando. O pantano que dá nascente a este rio tem o seu eixo norte-sul, e estende-se por um kilometro, variando a sua largura entre 80 e 100 metros. Não appareceu caça, mas vimos d'ella muitos rastos, e durante a noite, os leões fizeram um concerto infernal em torno do campo.

Já ali se distribuíram as ultimas rações, e de novo tínhamos diante de nós a fome.

Os guias diziam estarem perto as povoações, mas termos de marchar dois dias para as alcançar, porque os muitos doentes, e sobre tudo o pombeiro Canhengo, que estava mal, nos impediam de forçar as marchas.

O meu cuidado era extremo, e receiava já que o agravarem-se as doenças com a fome e com a fadiga me impedisse de alcançar a tempo os recursos precisos.

No dia seguinte, apesar de todos os meus esforços, não consegui sustentar a marcha além de quatro horas, e tive de acampar na margem do Cubanguí, que não deixei desde a sua nascente. No ponto em que acampeí já o rio conta tres metros de largo por um de fundo.

Um gnou, que matei, e algum mel que os pretos colheram na floresta, deu minguada ração com que passamos um dia.

No dia immediato continuei a seguir a margem direita do Cubanguí, e depois de quatro horas de marcha, acampeí junto ao ribeiro Linde, em frente de tres povoações Ambuelas. Mandei logo não só áquellas povoações, mas ainda a outras que ficavam na margem direita, e apenas pudemos obter uma escassa ração de massango.

Todos nos diziam, que no dia seguinte chegaríamos á terra do sova, e que elle nos daria de comer. Na confluencia do Linde já o rio Cubanguí tem 5 metros de largo por 3 de fundo.

Os meus doentes não melhoravam muito, o que não era por falta de dieta.

Foi preciso sustentar a marcha de seis horas, para alcançarmos no dia immediato a povoação do chefe, a quem mandei logo um presente de uma farda velha de cabo de infantaria 2, que elle muito agradeceu, dando ordem aos seus povos para me venderem mantimentos. A troco de missanga obtivemos massango, o maldito massango, que tanto me havia de perseguir.

Despedi os meus guias e os doze Luchazes que até ali me acompanharam, e que se retiraram satisfeitos com o que lhes dei.

Elles fraternizaram com a gente das povoações Ambuelas, que estão ali um pouco misturadas com a raça Luchaze.

Em um dos dias seguintes que passei ali, acampou junto de mim uma grande porção de familias Luchazes que se vinham estabelecer no paiz.

Passou ali tambem um rancho de caçadores, que iam para o sul em busca dos elephantes. Foi a primeira vez que ouvi fallar em elephantes, porque todo o paiz que atravesssei desde Benguella até ao Cubanguí, não os tem, nem mesmo d'elles vi rasto antigo.

Ainda assim, os taes caçadores disseram-me que precisavam andar seis dias para os encontrarem.

Dois dias depois da minha chegada veio visitar-me o sova de Cangamba, Muene Cahenda, que me levava um presente de quatro gallinhas e um grande cesto de massango.

Trajava a farda que eu lhe tinha enviado, e da cinta pendiam-lhe pelles de leopardo. Na mão trazia elle um objecto formado de caudas de antilope, com que sacudia as moscas.

A cultura é feita no paiz por homens e mulheres, que, em pequenas plantações, cultivam massango, algodão, pouca mandioca, e ainda menos batata doce.

Trabalham muito em ferro, que extrahem das minas na margem direita no rio, junto das quaes passei, ao norte de Cangamba.

Ao contrario dos outros povos Ganguelas, em Cangamba são os homens que fazem panellas e as mulheres esteiras.

Fiam o algodão, que tecem em teares de occasião, fazendo uns pannos, de tamanho de toallas de rosto, muito perfeitos.

Vieram vender-me tabaco, que dizem cultivar no paiz, mas que eu não vi nas plantações que visitei.

As armas de que usam são frechas e machadinhas.

O Cubanguí tem, junto a Cangamba, 15 metros de largo por 6 de fundo, e 12 metros de corrente por minuto.

Tem peixe, a que não posso assignalar o feitiço, porque os que vi eram seccos, e tinham de 40 a 50 centimetros de comprido.

Mandioca e peixe secco; que opiparo banquete para quem andava condemnado ao atroz massango!

O rio Cabanguí, para não escapar á lei geral d'aquelle continente, tem crocodilos, mas são nada vorazes, e afiançaram-me os Ambuelas não haver exemplo de uma desgraça causada por elles.

Fui pagar a visita ao sova, que é sujeito distincto e sympathico. Como me não vendiam senão massango, pedi-lhe que me dêsse alguma mandioca e algumas batatas doces, presente que elle me fez em minguada porção, escusando-se por não ter mais.

Ainda assim chegou para tres dias. Tres dias de fêrias de massango!

Tendo obtido guias, alguns carregadores e bastante massango, decidi seguir ávante no dia 22 de julho, a demandar as povoações do sova Caú-eu-hue, no rio Cuchibi, onde passa o caminho outr'ora seguido por Silva Porto, e que eu abandonei no Cuanza, seguindo mais ao norte.

Disseram-me os guias, que teria de jornadas em paiz deserto por espaço de 8 dias, e por isso precisava ir bem provido de rações. Os meus doentes tinham melhorado com o descanso e mais abundante alimentação; ainda assim, o Muene-Cahenga forneceu-me dez homens para ajudarem a carregar o massango de que me provi.

Tendo-me dito os guias, que durante dois dias devíamos caminhar na margem do rio, tive a lembrança infeliz de o descer embarcado.

A 22 de manhã, mandei transportar o meu barco de cautchuc ao rio, fiz levantar campo, e tendo entregue o commando da comitiva ao Verissimo, dirigi-me ao barco, que tripulei com dois muleques pequenos, o meu Catraio, e outro pequeno de 12 annos, chamado Sinjamba, filho de um carregador Biheno, que escolhi por fallar bem a lingua Ganguela, e poder servir-me de interprete, se isso fosse preciso.

Declaro, que não foi sem uma certa commoção que deixei a margem, e me lancei na corrente de um rio desconhecido, tendo por unicos companheiros duas creanças, e governando um barco de fragil tela.

O rio, que nasce trinta milhas ao N., já tem ali 15 metros de largo por 6 de fundo, e pouco a jusante, alarga a 40 e 50 metros, e ás vezes mais.

O seu fundo, que varia entre 3 e 6 metros, é coberto de areia muito alva, que decerto cobre uma camada de lodo, porque a flora aquatica do rio é verdadeiramente assombrosa.

Muitas especies de juncos e outras plantas aquaticas enraizam no fundo, atravessam com suas folhas e seus troncos finos, sempre agitados pela corrente, 6 metros d'agua, e vêem desabrochar á superficie, as suas flores de variado colorido, e elegantes fórmas. Por vezes, esta pomposa

vegetação occupa toda a largura do rio, e parece impedir a passagem. A principio hesitei em lançar o barco sobre aquelle prado aquatico, julgando encontrar fundo e falta de agua para navegar; mas depois que a sonda ali me accusou, ora 4 ora 6 metros de agua, não mais duvidei em deslizar por entre aquelles jardins floridos.

Nos pontos onde a agua, pela disposição do leito, tem corrente insensivel, é que esta vegetação submersa se converte em verdadeira matta virgem, que prende o barco e não o deixa avançar. Vi muitos peixes nadando ligeiros por entre as sarças, sendo alguns de mais de 60 centímetros de comprimento.

Bandos de patos fugiam diante de mim, estranhando de certo o serem interrompidos n'aquellas regiões nunca devassadas por uma canôa.

Nos juncaes das margens, milhares de passarinhos chilreavam e saltavam nos ramos das gramineas, que mal se curvavam ao seu peso ligeiro. Aqui e além, um passaro pescador sustentava a mesma posição no ar com um rapido bater d'azas, até descer verticalmente com velocidade de frecha a tomar a prêsã que espreitava.

Nos canaviaes da margem, um grande rumorajar na folhagem verde deixava-me perceber um ou outro crocodilo que desaparecia nas aguas.

Outras vezes, aquelle rumor era seguido pelo baque de um corpo que em leve salto se precipitava no pego, e mal eu tinha tempo de perceber uma esquiva lontra.

O rio, cuja direcção geral é Norte-sul, descreve as mais caprichosas curvas, que quadruplicam o caminho. A margem direita é um vasto paul de largura muito variavel, que ás vezes alcança 1000 metros. D'ali se escôa um grande volume d'aguas que engrossam o rio a olhos vistos.

Tres milhas além de Cangamba, vi um rancho de 18 mulheres que pescavam junto á margem, peixes pequenos, com cestos de vime.

Em uma das voltas do rio, percebi tres antilopes desconhecidos para mim, e quando ia a tomar a carabina para lhes fazer fogo, elles saltaram na agua e desapareceram em profundo mergulho.

Este facto causou-me a maior estranheza, que cresceu de ponto quando, no correr da viagem, por vezes divisei muitos d'aquelles animaes, já nadando e mergulhando rapidamente, já conservando sempre a cabeça submersa, e deixando vêr apenas as pontas dos cornos.

(Continua.)

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuação da folha 47 — 2.º anno)

COMPREHENDENDO que a minha pelle branca (posto que muito queimada) era objecto de receio para estas naturezas intrataveis por excesso de medo e de timidez, não insisti para ser eu quem fizesse a viagem, mas pedi-lhes que levassem comsigo um dos meus caçadores; á força de presentes annuiram aos meus desejos e Markus acompanhado de um Papu partiu com elles.

Os dias seguiam-se e assemelhavam-se nas fadigas e nos resultados, quando uma manhã, na occasião em que eu ia sahir para a caça, dois homens que eu ainda não tinha visto e que nada se pareciam com os outros Papus me appareceram. Prudentemente adiei a caçada. Havia muito que em Paris, mesmo antes dos meus projectos de viagem, eu ouvira fallar nos povos anthropophagos, nos Karons. D'elles apenas se sabia o que os Mafors de Dorey contavam, que diziam haver ao oeste da região Amberbaki tribus anthropophagas. A esperança d'alguma cousa esclarecer este mysterio não tinha sido extranha á resolução que posteriormente tomara de visitar Amberbaki. Os habitantes de Mamiaona tinham-me confirmado a existencia d'esses povos cannibae com quem estavam, diziam elles, nas melhores relações. Tudo corria á medida dos meus desejos, pois que esses dois desconhecidos que estavam deante de mim eram dois verdadeiros Karons, mais admirados, do que eu proprio, do nosso encontro. Entraram sem fazer barulho, acoraram-se sem proferir palavra, lançando em volta olhares inquietos. Evidentemente tanto elles como eu dedicavamos-nos a um exame silencioso e profundo, de que elles já talvez esqucceram o resultado, mas que eu cuidadosamente apontei no meu diario e que n'este momento reproduzo.

Eram homens approximadamente da minha estatura, isto, é com um metro e sessenta centímetros d'altura, tronco grosso, membros carnudos, com uma grande cabeça, arcadas superciliarias pronunciadas, nariz curto, labios grossos, cabellos lanosos, divididos em numerosas tranças, ou n'uma especie de novellos que lhes ca-

hiam em volta da cabeça. Cicatrizes partindo da espadua desciam-lhes até aos rins e na barriga, simulando um cinto, tinham outras cicatrizes em zig-zag. Uma corda apertada em volta dos rins da qual na frente pendiam alguns bocados de casca d'arvore cortida era todo o seu vestuario, tendo tambem por enfeites os aneis e braceletes já descriptos.

O mais alto, o mais robusto e o mais notavel dos dois pela sua physionomia feroz, trazia a mais enfiado na cartilagem que separa as narinas um anel feito de concha que lhe descia até ao queixo. As orelhas trazia-as enfeitadas com brincos de vidro azul de fórma triangular, objecto de importação malaia, que sem duvida teriam chegado ao seu poder depois de haverem passado por muitas mãos.

As armas que estes homens tinham nas mãos eram o arco e as flechas por mim já descriptas e uma lança, cuja haste esculpida termina por uma ponta feita d'osso de porco.

Para entrar com elles em relações mandei-lhes dar pelo maior algumas missangas, o que me pareceu causar-lhe um grande prazer. Um sorriso deslisou pelos seus labios, que se entreabriram para mostrar duas fiadas de dentes brancos capazes de causarem inveja á mais formosa dama.

Para conversar com elles foi-me necessario esperar que um Amberbaki me podesse servir d'interprete, pois que nenhum dos Mafors comprehendia o dialecto karon. Logo que vira estes dois selvagens mostrara eu ao maior desejos de os photographar, promettendo-lhe uma recompensa se elle conseguisse fazer realisar esse meu desejo.

Só no dia seguinte, mediante uma faca de cabo pintado de vermelho e um espelho reles, os dois Karons, seduzidos por tão ricos presentes, consentiram em collocar-se deante da objectiva.

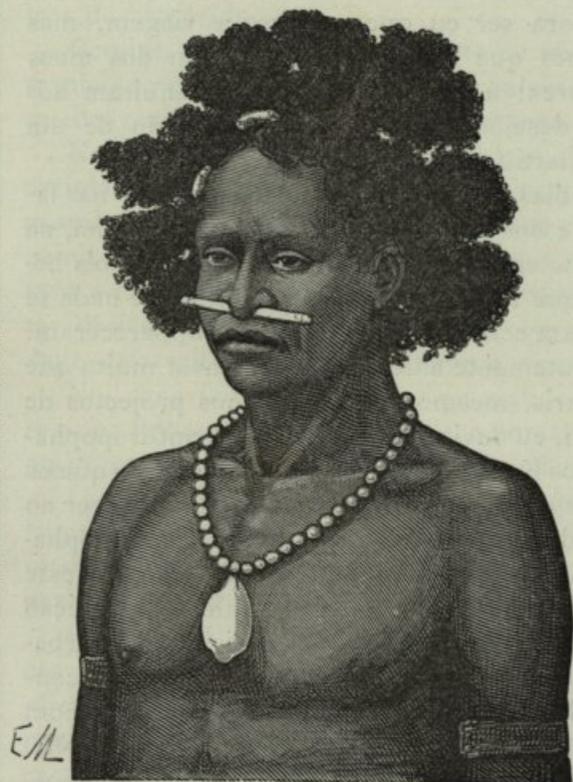
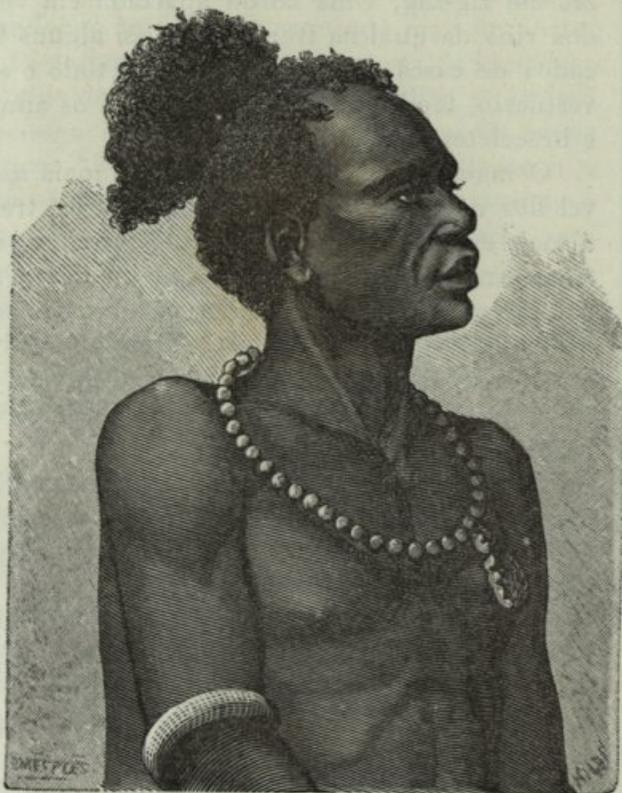
O meu gabinete photographico era ao ar livre junto d'um tronco d'arvore em que eu fizera um corte para appoiar a cabeça do paciente,

que eu para obter a necessaria immobilidade ainda apertara entre dois grandes pregos. Apesar d'isso, quando me viram esconder a cabeça sob o panno negro, tiveram medo de morrer e para os tranquillisar foi necessario que o maior se deixasse photographar com elles. Só depois de muito trabalho pude conseguir tirar uma prova negativa bastante rasoavel para trazer commigo a prova indiscutivel da existencia e da physionomia d'estes selvagens, aos quaes é difficil fazer comprehender que para se estar immobil é

necessario nem mecher com a bocca, nem com os olhos.

Apesar do seu aspecto terrivel e repellente estes Karons depois de se terem familiarisado tinham um ar bonacheirão e riam francamente ás gargalhadas; animavam-se até a pedir-me algumas *manimani* (missangas).

De modo algum me pareceu que apetessem as minhas pernas e todavia eram verdadeiros anthropophagos; um d'elles, o mais novo, affirmava ter já comido quinze homens.



PAPUS ARFAKS

Julgando que, ao passarem pelo intermedio obrigado de dois interpretes, as perguntas e as respostas tivessem sido alteradas, representei o numero quinze com o auxilio de tres mãos e o Karon, rindo da minha incredulidade, fez um signal affirmativo com a cabeça, como se tratasse da coisa mais natural.

É para notar que os Karons não se atiram a qualquer individuo para o devorar; nos seus festins só entram os cadaveres dos seus inimigos mortos na guerra.

D'uma extraordinaria miseria e não sendo nem cultivadores, nem caçadores, (esta ultima profissão é quasi sem resultado na Nova-Guiné, visto que os mamiferos, além do homem, são

d'extrema raridade), reduzidos a viverem de folhas d'arvores, o corpo do inimigo representa para estes pobres seres uma somma d'alimentos que poderosamente lhes tenta a fome. O mesmo acontece, estou eu convencido, com todos os povos—felizmente raros—que se entregam ao monstruoso crime da anthropophagia.

As torturas da fome são o principal, julgo mesmo que o seu unico mobil; o excesso de crueldade sanguinaria para nada entra n'estes actos repugnantes; e se algumas vezes, mesmo muitas, essas orgias monstruosas de carne humana são acompanhadas de gritos, de vociferações, de scenas fantasticas, é preciso não ver n'isso outra coisa mais do que a excitação d'um

appetite felino de mistura com uma embriaguez inconsciente, mas real, do vencedor junto do cadaver do inimigo.

Não assisti a nenhuma refeição anthropophaga dos Karons; o leitor sem duvida perderá com isso informações mais positivas, mas não me penaliso; estes espectaculos só devem deixar terriveis impressões.

Os proprios Papus mostravam repugnancia em fallar em tal assumpto e era em voz baixa, com ar mysterioso, que o velho maior me disse designando os dois Karons: *Makan orang!* (comem homens!)

Os miolos do homem são considerados como o manjar mais delicado; desfazem-os com uma pasta de sagu semelhante á fecula, que deitam



ALDEIA D'ANDAI

em agua a ferver, tomando então um aspecto gelatinoso. Vi muitas vezes os Papus e os malaios comer este prato de sagu, mas não com os miolos dos seus inimigos. O resto do corpo é cortado em pequenos pedaços e cosido dentro de bambus verdes. A carne do homem assim preparada parece-se, segundo dizem os Karons, com a carne de porco. Deixo a responsabilidade d'estas informações aos Papus que m'as deram affirmando-me terem muitas vezes sido testemunhas.

Para deixar de fallar nos Karons resta-me apenas dizer que elles não são Papus, mas sim Negritos, mais semelhantes aos selvagens aborigenes

das Filipinas, do que aos Papus melanesios que os rodeiam. Ao norte da Nova-Guiné sem duvida não são os Karons os unicos pertencentes á raça dos Negritos.

O Amberbakis e os Ouosaonis disseram-me, tremulos de susto, que para o sul, para alem das montanhas, havia uma outra tribu, a de Guebar, numerosa e feroz que, de tempos a tempos, descia a montanha e matava os homens e raptava as mulheres; não sabiam ao certo se os Guébars eram anthropophagos, mas pela sua descripção sou levado a crêr que os Guébars são tambem Negritos.

A presença de Negritos na Nova-Guiné, não

era suspeitada até agora. Pareceu-me interessante o eu ter visto estes Karons-Negritos, ter-lhes tirado os retratos e colhido elementos indispensaveis para a averiguação d'este facto anthropologico.

Markus voltára trazendo-me specimens de quasi todas as aves do paraiso que eu desejava e entre outros o *Laphorinã atra* e o *Cinnamolegus magnus* de que eu aqui apresento as gravuras.

(Continúa.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES
COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuação da folha 21 — 2.º anno)

FEU por animar aos mais moradores d'aquellas partes e pessoas que houverem de aforrar ditos sobas, e por o desejo que tenho de continuar no serviço de Sua Magestade e de que aquellas terras vão em augmento, como quem as ajudou a ganhar desde o principio da conquista, á custa de seu sangue e das vidas de seu pae e irmãos, que morreram na guerra da dita conquista, me encarregarei de fazer uma fortaleza, como a que Sua Magestade tem em Cambambe ou Maçangano, entre o rio Coanza e Bengo, no Anzelle, que é cousa de dez ou onze leguas da cidade de S. Paulo, para que em nenhum tempo el-rei de Angola possa ir a fazer damno á dita cidade, ainda que todo seu reino se levante contra nós, que como estiver dita fortaleza n'este sitio não pôde passar para baixo a dita cidade cousa que nos possa fazer damno: além d'isso se em algum tempo Sua Magestade mandar gente em quantidade para aquelles reinos, servirá dita fortaleza de refugio para os homens que forem de cá, porque o sitio é sadio e tem boas aguas, e fazendo eu a dita fortaleza ir-se-ha muita gente a fazer povoação junto a ella, na qual porei vinte espingardeiros meus que ali assistam continuamente á minha custa.

E isto farei dando-me Sua Magestade o Soba Caculo Quehacango, com toda sua canda, porquanto esta mesma terra é de dito Soba, para que venha em consentir se faça a dita fortaleza

no dito sitio, da qual hei de ser sempre capitão e meus filhos e successores, sem, nunca em nenhum tempo, os governadores se entrometterem a prover outros capitães, nem os podem dispor, nem Sua Magestade os tirará, nem mandará tirar da dita posse, que ha de ser irrevogavel, porquanto hei de gastar muita fazenda em fazer a dita fortaleza e ter n'ella os ditos vinte espingardeiros continuamente e hei de ser alcaide mór d'ella e ditos meus herdeiros com todas as honras e preeminencias que os alcaides môres tem das villas e logares e fortalezas de Portugal concedidas aos capitães d'ellas.

E indo elle dito Garcia Mendes em pessoa a fazer a dita fortaleza se irá muita gente com elle e fará a dita povoação e fortaleza muito depressa, e não cumprindo com este offerecimento não tenha a mercê nenhum effeito, o qual o haverá de se fazer dita fortaleza e pôr n'ella os ditos vinte espingardeiros seus captivos, dentro de dois annos primeiros seguintes, a mais tardar, e com isso se irão augmentando as terras, que tem Sua Magestade n'aquelle reino, e a este fidalgo, que é bellicoso, ainda que o temos sujeito, convém pôr este freio da fortaleza, e espero que Sua Magestade por este serviço que lhe offereço fazer, vendo o grande proveito que d'elle lhe resultará n'aquella conquista, me fará muitas honras e mercês e a meus filhos.

Do rio Coanza á fortaleza que digo no An-

zele pôde haver tres ou quatro leguas, e do Bengo á dita fortaleza podem haver tres ou mais, e o dito Soba se dará de juro e herdade para todo o sempre a elle Garcia Mendes e as seus filhos e successores até o ultimo possuidor seu e de seus herdeiros, e de sesmaria, como se dava em tempo do governador Paulo Dias de Novaes, que o foi no dito reino, na fórma de outra doação que tenho de Ycoloreandala, dada pelo dito Paulo Dias de Novaes que está junto a dito Cáculo.

As terras de Angola, de junto ao mar, são seccas e de pouca agua, e a que ha é salobra, e de poucos arvoredos, porém, por dentro é mui fertil e viçosa pela parte de Ailamba, que é entre o rio Dange e a Coanza, até Dongo, que é a cidade d'onde o rei tem sua casa, e d'ali para cima ha muitos palmares, arvores de fructo, e sem elle, que podem servir para madeiras, e ha muitas ribeiras de agua, muita cana de assucar, muito inhame, batata.

Por toda esta provincia ha muita junca, e grande quantidade de legumes, feijões, favas, massa grossa, que é como milho zaburro e milho como o nosso e melhor, que faz bom pão, e outra muita diversidade de legumes e fructos da terra; ha muito gado de carneiros, cabras e gallinhas, e infinita monteria de veados, porcos montezes, corças, coelhos, vaccaria brava que chamam empalacas, muito ferozes, outros que chamam macocos, que são como jumentos, tem a unha fendida e se diz que estas são as perfectas antas, muitissimas onças, tigres, lobos, elephantes, zebras, e gatos de algalea e outros animaes montezes.¹

Ha muitas aves, perdizes, gallinhas do mato, papagaios e outra diversidade de passaros de comer, muito bons, e quanto mais dentro das terras, são melhores, e ha infinito gentio.

Sua Magestade tem mandado ao reino de Angola que não fossem eguas áquelle reino, de que tem resultado a Sua Magestade mui grande damno para aquella conquista, por respeito que já hoje houvera cavallos com que se poderam ir descobrindo outros reinos e grandes riquezas. A causa dizem que foi porque os negros se não apoderassem d'elles e que por tempos viriam a fazer damno, o que foi sinistra informação.

Porque Sua Magestade tem defronte da cidade de S. Paulo uma ilha rasa de sete leguas

de comprido e um quarto de legua de largo, e em muitas partes que será um tiro de espingarda, na qual ilha ha muita grama e agua em abastança adonde se podem criar infinitas eguas, e já agora trazemos algumas que saem d'ellas mui bons cavallos.

E para este effeito se sirva Sua Magestade de mandar aos governadores do Brazil sua provisão para que seja notorio que todo navio que for a Angola e levar uma egua ou cavallo, que lh'a comprarão no dito reino muito bem, e além d'isso será preferido a ser o primeiro que sair carregado de peças do dito reino.

E convém mandar Sua Magestade ao governador de Angola que ora é e ao deante fôr, que deixe ter as eguas aos moradores e lh'as não tome para guerra, nem para outra nenhuma cousa, porquanto hão de ser para criação e bem do dito reino, que importa a Sua Magestade ter cavallos lá e não irem do reino que custam muito e além d'isso lhes dá doença da terra e morrem logo, o que não tem os creolos d'ella.

A cidade de S. Paulo, a pôde Sua Magestade mandar cercar de taipa de cinco ou seis palmos de largo, com espigão e ameias de pedra e cal por cima, que vá o muro por detraz das casas de Custodio Antunes, até por baixo da de Cosme Lopes, e vir assim em quadra, ou como poder, até por cima do telheiro, e será necessario escrever Sua Magestade á camara e aos moradores poderosos, que é Gaspar Alvares e outros, que ajudem a fazer ditas taipas com os senhorios do chão, que cada senhorio faça sua testada, o que lhe couber, e a parte que não tiver dono, que o governador a dê aos moradores para que façam ditas taipas que com isso se animarão a ajudar a fazer dita muralha, e com o governador lhes dizer da parte de Sua Magestade, se haverá por bem servido n'isso, mandando que não façam mais casas do muro para fóra senão, por dentro.

A fortaleza para guardarem os navios se podia fazer no penedo, que a farão como a torre de Belem em Lisboa, que havendo esta fortaleza não passará navio, nem entrará sem licença, que a barra por onde entra para o porto vae por junto d'elle, e ficarão seguros os navios, de ladrão os poder tomar nem queimar.

O morro de S. Paulo é forte de sua natureza; deve-se-lhe mandar encommendar ao governador que não consinta se lhe tire pedra de redor d'elle para não cahir a terra, e fazer tres baluartes, um entre o sitio de Alvaro de Sousa

¹ Vid. doc. de Balthazar Rebello.

e as casas que são agora de Balthasar Rebello, que d'ali a artilheria defende toda a praia, adonde está a feitoria de Sua Magestade e todos os mercadores que vão com fazendas áquelle reino para resgatar as peças, e também defenderá os navios, que é o morro alto e bem defensivel.

Outros dois baluartes que lá ha, podem desmanchar e fazel-os mais para fóra de novo por respeito que onde estão são de pouco effeito, se o governador for homem de experiencia os porá onde forem necessarios, e d'esta maneira ficará fortificada a cidade e navios que a ella vão.

Para isto tem lá Vossa Magestade 5:000 cruzados de renda cada anno, pelo menos, que Sua Magestade não gosa, nem vão á mão do feitor nem nunca foi, que é dois tostões por peça que pagam da saída das peças, que pozeram para a fortaleza e ficou para a cadeia se fazer de novo, que já agora deve estar acabada e sobejar muito dinheiro, que ficará para Sua Magestade fazer estes gastos d'estas fortalezas e fortificações da cidade.

Quando Sua Magestade mandar á camara de S. Paulo sua carta para a fortificação da cidade será bem fazer promessas de mercês a quem se n'isto melhorar, e que os donos dos chãos façam muro, cada um seu, na sua testada, como digo, e a parte que não tiver dono que o governador que ora é e ao diante for a dê a quem faça dito muro, que não faltará quem o faça, que convém estar cercada para o que se offerecer, mandando todavia que as ameias de cima as mande Sua Magestade fazer á custa dos 5:000 cruzados que atraz digo, porque os moradores alguns d'elles não terão posse para lhe fazerem as ameias, e as taipas sendo de quatro palmos ávante de grossura, com se fazerem as ameias por cima de pedra e cal ficarão perpetuas, que a taipa de lá é de barro vermelho fortissimo, e isto quanto para cercarem a cidade, que a fortaleza será de pedra, que não falta perto d'onde o penedo está, que fazel-a no morro das Lagostas, como alguns dizem, é engano, que é uma legua de bocca de bahia, e que estará outra fortaleza na ponta da ilha; poderão passar os navios que quizerem sem lhes fazerem mal as fortalezas, salvo se as fizerem por modo de estado.

Porque posto que digam que tem o penedo padrasto pela banda da terra pôde-se-lhe mandar fazer outra forsazinha de resguardo, quanto mais que não será necessario, que ladrões que forem lá não hão de levar tanto poder que nos possam fazer mal ás nossas fortalezas. Mande

Sua Magestade fazel-a forte de bom grandor e ter n'ella boa artilheria, que sendo Deus servido nos não faltará lá cobre para a fazerem.

Mande Sua Magestade que a feitoria que tem na dita cidade de S. Paulo esteja separada, e que as casas que estão junto a ella se derrubem, que são de taipa, porquanto aquelle sitio todo o deixou Paulo Dias de Novaes sómente para se fazer a dita feitoria por estar ao pé do morro d'onde a nossa artilheria a defende, por respeito de que se se pegar o fogo não queime as fazendas e as cousas que estiverem na dita feitoria e perca Sua Magestade o que tem n'ella, e para que esteja a dita feitoria livre de todo o perigo, que D. Manuel que Deus tem a deu a um creado seu contra parecer de todos os moradores.

Convém mandar Sua Magestade pelo reino a todos os tribunaes degradem assim homens, como mulheres, para Angola, e não para outra parte, e para que da cidade de S. Paulo os mande logo que ali chegarem ás fortalezas de Cambambe, Masangano, Mochima e para qualquer outra fortaleza que se de novo fizer, que os degradados que lá vão vae-lhes bem e dá-lhes Sua Magestade remedio, e por nenhum caso degradem para o porto da cidade de S. Paulo, por respeito que d'ali fogem logo para Congo e não ha podel-os tornar a haver, que d'esta maneira se irão povoando as terras que temos no dito reino.

Sirva-se Sua Magestade de renovar a provisão que o Senhor Rei D. Sebastião, que haja gloria, passou a Paulo Dias de Novaes e a que passou Sua Magestade a João Rodrigues Coutinho, que satisfará os serviços d'aquelle reino como se foram feitos na India ou Africa, que com isto se animarão muitos a ir lá, e fazer-se-ha a terra, e ir-se-ha povoando por dentro, o que até agora tem tirado, e cada vez irá tirando mais e ir-se-hão descobrindo as grandes riquezas que n'aquelles reinos ha e fazendo-se christandade, augmentando a nossa santa fé por aquelles reinos com muita facilidade, e não desmerecem os serviços feitos na conquista de Angola, dos da India e Africa, porque não são de menos qualidade nem de menor serviço de Deus e de Sua Magestade, antes mais, assim pela christandade que se faz, como por acrescentamento de fazenda real, nem os conquistadores têm menos perigo e trabalho na guerra.

(Continua.)



AS PEIXEIRAS

LISBOA é uma cidade povoada de pequenas colonias emigrantes; o typo genuinamente local do *alfacinha* desaparece confundido no meio da invasão do elemento provincial. Todos os talentos, actividades e ousadias concorrem a Lisboa como a um mais vasto campo de lucta. A população desenvolve-se com esta contribuição de sangue novo, ao passo que o typo *alfacinha* cada vez se accentua mais pelos característicos pathológicos do rachitismo. Sem esta concorrência provincial a população indígena já de ha muito estaria extincta em Lisboa; a sua vida apathica, a sua alimentação insufficiente de torradas e pastellinhos, o seu ar viciado de trapeira mascarado com o cheiro de alfazema, emfim a vida de dependencia em uma cidade burocratica, extinguiram-lhe a energia moral, a iniciativa, e deixam-na plenamente satisfeita com a Carta outorgada, com as paradas officiaes e com os divertimentos gratuitos. A parte activa de Lisboa é provinciana; já no seculo xvi o sentencioso Sá de Miranda notava esta corrente centralista, e escrevia ao seu amigo Antonio Pereira, senhor de Basto:

Ao reino cumpre em todo elle
Ter a quem o seu mal dôa;
Não passar tudo a Lisboa,
Que é muito o peso, e com elle
Metete o barco n'agua a prôa.

A corrente nunca cessou, os antigos fidalgos arruinaram as suas casas em Lisboa, e pelo estabelecimento do parlamentarismo, abrindo a concorrência a todo os talentos, fomos insensivelmente mas logicamente conduzidos para a mais deploravel centralisação administrativa. O que se observa nas esferas superiores repete-se com igual intensidade nas camadas populares. A maior parte dos que trabalham vieram de fêra, e aqui fazem suas pequenas colonias, com costumes característicos. O bairro da Esperança, por exemplo, era o ponto para onde ainda no começo d'este seculo convergiam os naturaes das ilhas dos Açores; ali celebravam as suas festas quasi que exclusivamente insulanas do Espirito Santo, descriptas no raro opusculo do Padre Rey.

Nos Machadinhos, Castello Picão, suas travessas e bêcos, é que está estabelecida a colo-

nia dos varinos, que vem de Ovar e Aveiro trabalhar no inverno para Lisboa; os homens vão à pesca, e as mulheres e filhas fazem a venda do peixe pelas ruas. Em geral essas mulheres apresentam os estragos de uma vida inclemente de privações, mas conservam os traços physionomicos geralmente bellos e tão característicos das mulheres de Aveiro. Uma d'estas mulheres, como se sabe pelo processo da Inquisição contra Philinto Elysio, fôra mãe do poeta que precedeu na reforma da Litteratura portugueza o auctor da *Dona Branca*.

Em geral, todas ellas se distinguem pela sua indole supersticiosa explorada pelos padres. O proprio Filinto Elysio, como consta pelas memorias do seu tempo, foi accusado ao Santo Officio por sua propria mãe, levada a isso por escrúpulos de consciencia incitados pelos inimigos do poeta. As peixeiras conservam a endogamia na sua colonia, casam com pescadores, e quando ajuntam algum dinheiro regressam para a sua terra, d'onde as torna a arrancar a extrema pobreza.

Uma outra colonia tambem natural, não falando na imigração dos gallegos, aguadeiros e carregadores, é a dos *moços de padeiro*. Ha uma provincia que fornece este elemento servil, é o Minho. De Vianna do Castello e cercanias é que elles vem para Lisboa, *comprando os freguezes* aos que se retiram da venda do pão. Esta phrase precisa ser explicada. O moço de padeiro, pela regularidade com que leva as grandes canastras de pão pelas portas adquire um certo numero de compradores; em cada pão que vende, a padaria dá-lhe uma pequena percentagem, de modo que vem por este meio a ganhar uma determinada quantia diariamente. É então que tem a sua freguezia, e um lucro garantido; n'esta base faz o seu contracto com o novo moço, e passa-lhe os freguezes por um preço convencionado. É a isto o que se chama *vender os freguezes*.

Todos nós os que comemos pão, temos sido vendidos duzias de vezes, sem o sabermos, e com menos consciencia do que um preto da costa da Mina. Quando lhe vae bem, o moço de padeiro estabelece-se e entra na burguezia dinheiroza, e colloca o seu capital em compra de pardieiros que manda atamancar para a exploração dos alugueres ás familias de poucos re-

curso. Esta contribuição das provincias alarga-se cada vez mais, porque apesar de tudo a população de Lisboa desce; no *Diario de Noticias* abundam quotidianamente os annuncios de *criadas da provincia*, como um chamariz e uma garantia de fidelidade e docilidade. O phenomeno é digno de ser estudado; e indicando-o concluímos com a quintilha de Sá de Miranda, do

tempo em que as riquezas da India attrahiam a provincia para a capital:

Não me temo de Castella
 Donde inda guerra não sôa;
Mas temo-me de Lisboa,
 Que ao cheiro d'esta canella
 O reino se despovôa.

THEOPHILO BRAGA.

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRÁVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÔGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 2—3.º anno)

FESTE animal curioso, que tive depois occasião de matar no Cuchibi, e de cujos habitos tive algum conhecimento, obriga-me a suspender por um momento a minha narrativa para fallar d'elle.

Chamam-lhe os Biheos Quichôbo, e os Ambuelas Buzi. O seu tamanho, no estado adulto, é o de um bezerro de um anno. O pello é cinzento escuro, de 5 a 6 centímetros de comprido, e extremamente macio. Na cabeça o pello é mais curto, e tem sobre as fossas nasaes uma lista esbranquiçada transversal. Os cornos têm 60 centímetros de comprido, e a sua secção na base é semi-circular, tendo a corda quasi rectilinea. Conserva esta secção até tres quartos da sua altura, depois do que se torna quasi circular até á ponta. O eixo medio dos cornos é recto, e formam entre si pequeno angulo. São torcidos em torno do eixo, sem perder a sua fôrma rectilinea, apresentando as arestas uma espiral de passo muito largo.

As patas têm compridas unhas semelhantes ás do carneiro e reviradas nas pontas.

A disposição das patas e os seus habitos sedentarios tornam este notavel ruminante proprio para correr. A sua vida passa-se na agua, e nunca se afasta muito da margem do rio, onde sahe a pastar raras vezes de dia, e muitas de noite.

O seu somno e o seu repouso é na agua.

A sua potencia mergulhadora é igual, senão superior, á do hippopotamo. Durante o somno approximam-se da superficie da agua e deixam ver fóra d'ella metade dos seus cornos.

É muito timido e acoita-se no fundo das aguas ao menor signal de perigo.

É facil de surprehender e de matar, sendo que os indigenas lhe dão grande caça, para se aproveitarem das suas pelles, que são magnificas, e da sua carne, que não é muito boa.

Quando sahem a pastar, a sua pouca destreza na carreira, permite aos indigenas o apañarem-no vivo, não se defendendo no ultimo trance, como fazem quasi todos os antilopes.

A femea, como o macho, é armada de cornos.

Ha muitos pontos de contacto entre a vida d'este extraordinario ruminante e a dos hippopotamos seus conterraneos.

O rio Cubangui, o rio Cuchibi e o alto Cuando, dão guarida a centenas de Quichôbos, que não apparecem já no baixo Cuando, nem no Zambeze. Eu explico este facto pela voracidade dos crocodilos no Zambeze e baixo Cuando, que em pouco tempo dizimariam tão timido animal, se elle se afoutasse a ir viver nas aguas onde reina com absoluta soberania o carniceiro amphibio.

Em uma entrevista que tive em Pretoria com um notavel caçador de antilopes, Mr. Selous, me disse elle ter ouvido fallar do meu antilope, aos indigenas do alto Cafucue, onde lhe disseram existir um animal n'aquellas condições de vida.

A minha pouca competencia em materia de zoologia, não me permittiu fazer mais minucioso estudo de um animal, que eu julgo merecer a attenção dos homens de sciencia pelos seus estranhos habitos.

Continuando com a minha narrativa, tenho a fazer os maiores elogios ao meu barco Macintosh, que se portava muito bem nas aguas do Cubanguí, mas cuja exiguidade de fôrmas me obrigava a uma posição constrangida, que, pelas 4 horas da tarde, me produzia dôres em todas as articulações.

Desde que deixei Cangamba não mais vi signaes da minha comitiva, e pelas 4 horas da tarde, ás dôres de uma posição contrafeita já se unia um vago cuidado e uma fome bem pronunciada. Os meus pequenos remadores estavam extenuados de fadiga. Aportei á margem esquerda e mandei o muleque Sinjamba subir ao tope de uma arvore a investigar se na outra margem se erguia o fumo do acampamento.

Elle julgou vêr o fumo a N. O., a montante por isso do sitio em que estavamos.

Tornamos a subir o rio, e eu com muito custo pude saltar no paul da margem direita e encaminhar-me ao logar onde foram assignalados os indícios de fumo.

Teria andado um kilometro quando percebi vestigios da passagem da minha comitiva para o sul. Os rastros da minha cabra e dos cães não me podiam enganar.

Voltei ao barco e tornei a navegar rio abaixo. De vez em quando parava e mandava o muleque trepar a alguma arvore da margem esquerda mas esta manobra repetia-se sem resultado.

Approximava-se a noite e eu não estava sem cuidados; porque, além da fome que sentia, receiava o dormir fóra do campo, por causa dos meus chronometros que ficariam sem corda.

Tinha desaparecido o sol, e n'aquellas paragens o crepusculo é curto. Decidi acampar com os meus dois pequenos na margem esquerda, e quando já dava execução ao meu plano, pareceu-me ouvir o estampido de um tiro muito longe a S. O. Redobramos de esforços, e pouco depois ouvia outro tiro, a que respondi.

Ao meu tiro vi o clarão de outro atirado a

200 metros de mim. Dirigi para ali o barco, e deparei com o meu Augusto mettido em agua até á cinta no paul da margem direita. Um Biheno estava com elle. Foi grande a sua alegria ao vêrem-me, e logo vieram tirar-me do barco e transportar-me ás costas por todo o paul que era largo ali.

Foi difficil aquelle caminhar que levou meia hora, mas eu cheguei enxuto á margem.

Os pequenos, depois de prenderem o barco a um canavial, seguiram-nos. Disse-me o Augusto ser longe o acampamento e termos de atravessar uma espessa floresta.

Eram profundas as trevas na floresta e difficil o caminhar por entre as sarças.

Tropear aqui, cahir além, andar dez metros em dez minutos, rasgando o vestuario e a carne nos espinhos do matagal, tal é o jornadear á noite em mata virgem.

Depois de uma hora de violentos esforços, sentimos perto tiros e grande gritaria.

Eram os meus que me buscavam.

Fiz-lhes signal e encontramos-nos.

Vinha Verissimo Gonçalves á frente de um grupo de Bihenos, que quizeram por força transportar-me ao campo em umas andas que ali improvisaram com troncos cortados na mata e folhagem d'arbustos.

Assim entrei no meu acampamento, onde á meia noite, junto de um bom fogo, matava a fome de 36 horas.

Demorei-me ali um dia, e no seguinte logo de manhã comecei a passagem do rio, que foi muito demorada, porque dispunha apenas para isso do meu pequeno barco Macintosh.

Segui ás 9 horas na margem esquerda do rio, e uma hora depois, encontrava um ribeiro nas margens do qual appareceu muita caça; segui sempre, e pela uma hora fui acampar junto de outro riacho, que como o primeiro era tributario do Cubanguí.

Appareceram no meu campo dois Ambuelas caçadores de cêra (como elles dizem), que preveniram os guias de que era imprudente seguir para o Cuchibi; porque, tendo morrido um so-veta proximo do caminho que deviamos seguir, estavamos expostos aos desatinos que aquelles povos costumam praticar em taes occasiões.

Vieram prevenir-me d'isso, mas eu, a despeito da morte de todos os sovetas possiveis, resolvi seguir ávante, e effectivamente no outro dia, depois de marcha bastante forçada de 6 horas, alcancei a margem direita do rio Cuchibi.

Na minha comitiva havia muita gente com uma molestia que tinha alguma coisa de ridiculo; 18 ou 20 pessoas estavam com papeira.

CAPITULO VIII

AS FILHAS DO REI DOS AMBUELAS

O Cuchibi—O sova Cau-eu-hue—Os Mucassequeres—Opudo e Capeu—Abundancia—Bondade dos indigenas—Povoações e costumes—Um váo no Cuchibi—O rio Chicului—Caçada—Feras—O rio Chalongo—Uma jornada atroz—As nascentes do Ninda—O tumulto de Luiz Albino—A planicie do Nhengo—Trabalhos e fome—O Zambeze afinal.

Foi a 25 de julho que acampei na margem direita do rio Cuchibi.

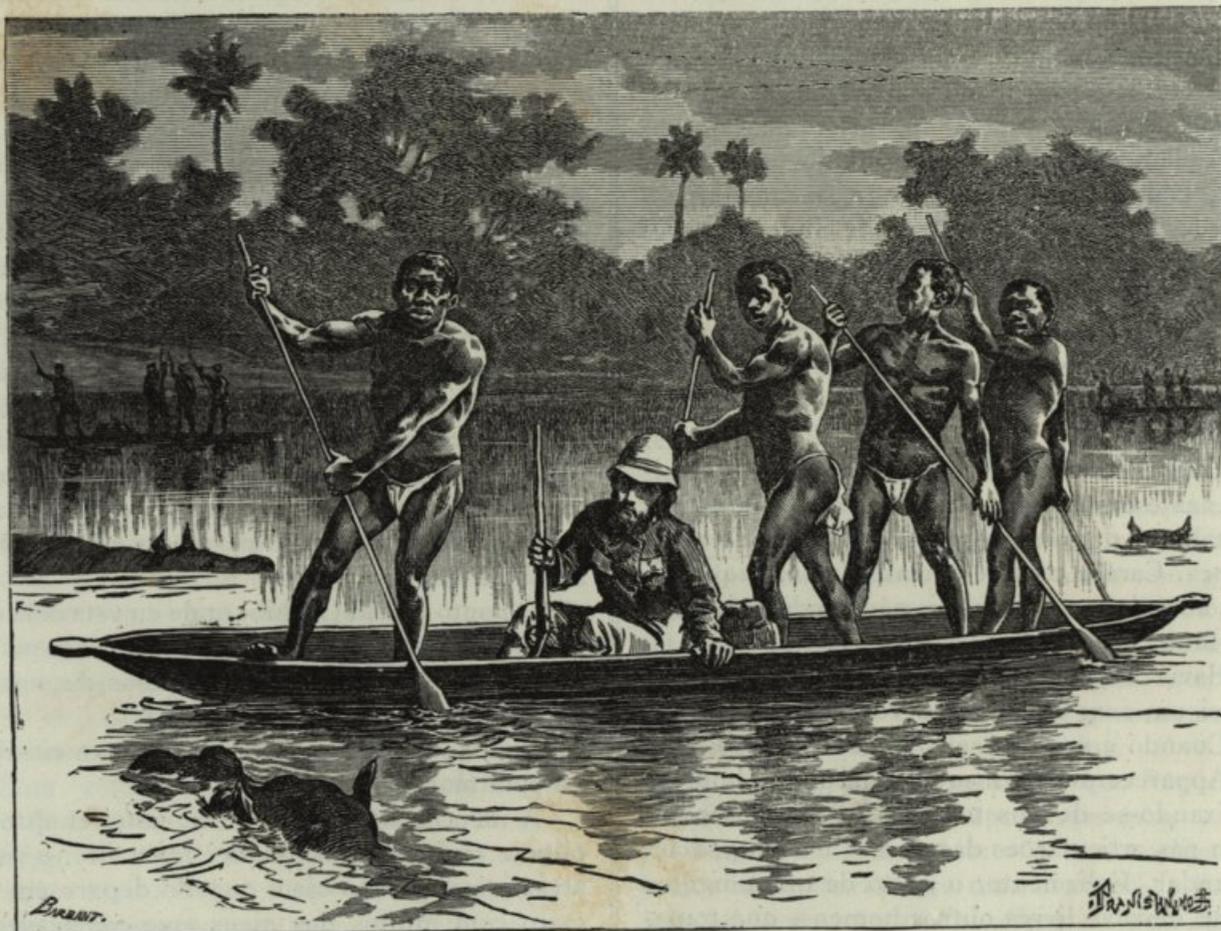
O terreno que medea entre este rio e o Cubangui, é occupado por floresta virgem, onde se nota vegetação opulentissima.

Um naturalista botanico encontraria ali vasto assumpto para demorado estudo, tal é a variedade de plantas que crescem, umas á sombra d'outras, n'aquella brenha enorme.

Por espaços o caminhar foi difficil, e mais de uma vez as machadas sahiram dos fortes cinturões de couro para tornar transitavel um ou outro carreiro de feras.

Ao caminhar na mata foi o meu olfato impressionado por um aroma suave e delicadissimo emanado da flôr de uma arvore abundante ali.

Nenhuma das flôres conhecidas tem mais delicado aroma do que o da flôr do *Oúco*, que assim chamam os naturaes á primorosa arvore.



OS HIPPOPOTAMOS NO RIO LIMBAI — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto

A configuração da arvore, a disposição das folhas, as flôres em cachos, e sobretudo a minha ignorancia em botanica, fizeram-me escrever no meu diario sem hesitação: é uma Acacia.

Ha tempo recebendo a visita do boticario da minha aldeia, e vendo elle um dos meus albuns

de desenhos, disse-me com toda a franqueza de aldeão: «O senhor escreveu aqui uma asneira, esta flôr não pôde ser de uma acacia, porque tem só duas petalas e tres estames, e deve saber, que a acacia produz flores de cinco petalas, e dez estames; por isso entra na familia das

Papilionáceas, e hoje entra na classe das Leguminosas, e eu vou-lhe buscar o meu *de Candolle*. . . » Não vá, lhe disse eu, acredito-o sobre palavra, e como ahí vae representada a flôr, não me mettereí a querer classificar-a.

Esta arvore, cujas flôres cubicei para offerer ás damas da Europa, não a encontrei antes d'este ponto, e desapareceu no curso superior do rio Ninda.

Outra arvore que encontrei ali e que chamou a minha attenção, não pelo aroma das flôres, mas pelo gosto dos fructos, foi uma que os naturaes chamam *Opumbulume*.

O fructo é em tudo semelhante ao Mapole, que já descreví, sendo o seu gosto differente, e muito mais differente a arvore que o produz.

O rio Cuchibi apresenta um aspecto differente do dos outros affluentes do Cuando até ao ponto em que os visitei.

Corre no meio de uma planicie que encosta as vertentes doces de montanhas cobertas de espesso mato.

A planicie completamente enxuta, e não apaulada, como quasi todas as que fazem margem aos seus congenes da Africa de Sudoeste, chega por vezes a alargar-se em oito kilometros de extensão.

O rio serpea ali, não em curvas de curto raio como o Cubangui, mas em pouco ondulada linha, que ao longe faz parecer rectilinea a sua directriz.

Uma pomposa vegetação herbacea vai terminar nas escarpas do leito, onde corre uma agua crystallina, deixando perceber o fundo de areia branca. Carece completamente da flora aquatica que abunda no Cubangui, não sendo inferior a sua fauna, de que fallarei mais tarde.

Havia caça e fiz uma boa caçada, pois que matei um *songue*, antilope vulgar nas margens do Cuando e nas dos seus affluentes.

Appareceram-me n'aquelle dia alguns homens queixando-se de uns tumores que se desenvolviam nas articulações das pernas e os impediam de andar. Felizmente, o gasto de mantimentos já me deixava livres outros homens, que tomaram as cargas d'aquelles.

Uma grande parte dos meus carregadores tinham feridas sobre as tibias, sobre a cabeça do proneo e tendão d'Achilles, que não havia meio de curar. Debalde esgotei toda a minha sciencia medica, emprestada do Chernoviz, e debalde o meu doutor Chacaiombe reuniu os seus medicamentos selvagens aos mais estupen-

dos processos de feitiçaria; ellas a tudo resistiram.

Eu attribui o caso a duas causas, e não sei se attribuia bem. Em primeiro logar, o constante exercício de andar, pensei eu ser uma; em segundo logar, a alimentação seria outra.

Não julguem os meus leitores que lhes vou fallar contra o innocente massango. Não, sou muito leal inimigo para atacar na ausencia aquelle que tanto me perseguiu. Deixo em paz o massango, não é elle offensivo, e creio mesmo que é boa dieta.

A alimentação a que me refiro, e á conta de quem deito em parte a inutilisação dos meus esforços e dos do doutor Chacaiombe, em curar os meus doentes, é outra.

Os Bihenos, como já tive occasião de dizer, comem de tudo e de todas as carnes em estado de putrefacção.

Ainda que repugne um facto que vou narrar, mostra elle bem a que grau sobe o gosto do Biheno pela carne.

A minha cadella Traviata teve em caminho oito cachorros mortos. Mandeio-os enterrar pelo meu Augusto em sitio occulto, para os subtrahir á voracidade dos meus Bihenos; mas dois d'elles, do acampamento seguinte, voltaram atraz, lograram descobrir o sitio onde elles foram enterrados, e levaram-nos, fazendo com aquella carne um banquete. As termites comem elles cruas ás mãos cheias, e apreciam muito os ratos.

Na ordem dos roedores ha um que elles muito procuram, e é um rato pequeno de farta cauda sedosa, que vive nas tocas das abelhas, as quaes não aggride.

O ponto do rio Cuchibi onde eu estava acampado é despovoado de gente, e diziam-me os guias que só depois de quatro dias de marcha lograríamos alcançar as povoações.

No dia immediato, seguimos viagem rio-abaixo pela margem direita.

A meia jornada, n'esse dia, notei eu que me faltava muita gente. Mandeí fazer alto, e voltei atraz a indagar do caso, quando deparo em um mato com muitos dos meus, que compraram a uns Ambuelas carne de Quichôbo, a troco de cartuxos que me tinham furtado.

Fugiram ao verem-se descobertos; mas menos destros pude alcançar o pombeiro Chaquiçonde e o meu doutor Chacaiombe. Este lançou-se de joelhos a pedir perdão, mas o século Chaquiçonde tirou do machado para me aggridir.

Dei-lhe tão forte pancada na cabeça com a

coronha da arma, que elle cahiu por terra atordado, e eu julgei-o morto; não me causando tanta impressão ter morto um homem em defesa propria, como o ter sido isso por uma insubordinação, a primeira que se dava commigo. Voltei á comitiva, que mandei acampar, e fiz transportar ao campo o século Chaquiçonde, que vinha banhado em sangue da larga ferida produzida pela pancada.

Fiz-lhe um curativo, e reconheci que não era de circumstancia o ferimento, porque feridas na cabeça, quando não matam logo, em breve cicatrizam. Reuni depois os pombeiros, por quem fiz julgar o delicto do culpado, sendo a maioria de voto, que elle devia ser condemnado á morte. Outros entenderam que lhe deveria mandar dar muita pancada.

Mandei-o comparecer, fil-o reconhecer a sua culpa, e perdoei-lhe. A minha generosidade produziu geral assombro.

No dia seguinte, sustentei marcha de seis horas, sempre na margem direita do rio.

Continuava de apparecer bastante caça muito esquiva. Matei um *songue*.

Este elegante antilope differe bastante d'aquelle a que os Bihenos dão o mesmo nome entre a Costa e o Bihé.

Tem 1 metro e 50 centímetros de altura na agulha, e 1 e 40 da agulha á raiz da cauda.

O pello curto é amarello torrado, e de tinta egual. Medi alguns saltos de 5 metros, e vi-os saltar por sobre um canavial de 2 metros de alto.

No momento do *hallali* defende-se e ataca raivoso. A sua carne é saborosa, mas, como a de todos os antilopes, muito secca.

Vive em manadas, sempre na planicie, e tem vigias em quanto pasta.

Só muito perseguido se embrenha nas matas, ou atravessa um rio a nado.

Este antilope desaparece completamente além do curso superior do rio Ninda.

Segui no dia immediato. Á medida que ia descendo o rio, vi que a planicie marginal mais e mais se alargava.

N'ella pastam bandos de antilopes, predominando os *songues*.

N'esse dia já se sentia grande falta de viveres, e comeram-se as ultimas rações de massango.

Finalmente, a 29 de julho, depois de tres horas de marcha, fui acampar em frente das povoações de Caú-cu-hue, onde reside o sova do Cuchibi.

Antes de fallar dos povos Ambuelas, e d'um rico paiz atravessado pelo Cuchibi, quero dizer duas palavras do meu modo de viajar, ou antes da minha vida em Africa.

É certo que todos os meus predecessores téem tido o seu systema, e aquelles que me seguirem terão o seu, todos optimos.

A minha vida, salvas raras excepções, foi a seguinte. Levantava-me ás 5 horas, despia-me (porque dormia sempre vestido e armado), e tomava banho em agua á temperatura de 33 centigrados.

Os inglezes tomam banho em agua fria, que é mui tonica; eu por mim, lavo-me por aceio, e não uso da hydropathia; para isso tinha uma chaleira de ferro que me servia para aquecer a agua. Narrando o meu viver africano, fallarei de alguns objectos que a elle estavam estreitamente ligados. O primeiro, depois da chaleira, era a minha banheira de cautchouc, fabricada pela casa Macintosh de Londres. Era um traste precioso, que, depois de tão aturado serviço, ainda se acha hoje em optimo estado.

Coisa de borracha fabricada em Inglaterra é assim.

Depois do banho, passava ao meu *toilette*. A bacia era cortada em uma cabaça de 50 centímetros de diametro. As toalhas eram de finissimo linhô de Guimarães.

Escovas, esponjas, sabonetes e perfumarias (eu em Africa usava muito de perfumarias), eram de primeira qualidade, fornecidas pelo Carlos Godefroy, que vende tudo muito caro, mas muito bom. Terminado o meu *toilette*, a que assistia o meu criado de quarto Catraio, guardava elle cuidadosamente todos os objectos de que eu me tinha servido, e vinha apresentar-me os chronometros, thermometros e barometro.

Dava corda, e comparava os primeiros, registrava as indicações dos segundos.

A esse tempo já o meu muleque Pépéca tinha feito o chá, e vinha apresentar-m'o.

Figura aqui um objecto a que eu ligava a maior importancia. Era uma chavena de porcelana, chavena que me foi offerecida pela esposa do tenente Rosa, em Quillengues.

Fina como uma folha de papel, transparente e elegante, aquella chavena fazia as minhas delicias, tornando mais saborosa a infusão das folhas do arbusto chinez.

Depois de tomar tres chavenas de chá verde, sem assucar, porque o não tinha, fechava as malas, e dava ordem de partida, partida que raras

vezes se effectuava antes das 8 horas, por ser impossivel arrancar os carregadores de junto das fogueiras, onde os prendia um frio intenso.

Partiamos pelas 8 horas. Na frente da comitiva o preto Cahingã, de Silva Porto, levantava a bandeira, e logo após elle seguiam as caixas de cartuxos, a pau e corda. Iam após os outros carregadores indistinctamente a um de fundo, fechando a marcha eu, o Verissimo, e os pombeiros.

O carregador que por qualquer motivo tinha de deixar o caminho, pousava a carga, e era isso signal para junto d'ella parar o pombeiro a quem elle pertencia, que depois o acompanhava.

Durante o caminho observava os meus rumos, e calculava as minhas marchas, combinando o pedometro com o relógio. As marchas regulares eram entre 8 e 10 milhas geographicas, sendo elevadas a muito mais quando as circumstancias o exigiam. A tempo acampava, e durante uma hora durava a faina de construir barracas.

Era um cortar de madeira, de ramos e de herva que durava uma hora. Se não tinha observações a fazer, estendia-me horizontalmente na herva viçosa, e dormia até me virem prevenir que estava prompta a barraca.

Geralmente a barraca estava prompta á uma hora; tinha pois de esperar algum tempo para fazer as minhas observações para o boletim meteorologico, que era feito 43 minutos de Greenwich.

Para saber a hora consultava um relógio que o Pereira de Mello me mandara de Benguella para o Bihé, relógio de latão, puro cylindro de construcção helvetica, oito rubins, etc., que trabalhava desembaraçadamente.

Á hora precisa, chamava o Catraio, que me trazia os instrumentos, e usando eu de um thermometro de funda, que pertencera ao infeliz barão de Barth, quando eu fazia girar o thermometro, juntavam-se sempre a distancia todos os carregadores Bihenos, que contemplavam pasmados aquella operação, que eu repetia todos os dias, e elles todos os dias vinham contemplar pasmados.

Logo que registava as observações, vinha o meu muleque Moero com os pratos e a ração, que eu não quero chamar jantar áquelle punhado de massango cozido em agua.

Depois da refeição, se a fadiga me impedia de ir caçar e percorrer os arredores, empregava o tempo passando as notas do dia para o diario, calculando as observações, desenhando, etc.

A tinta que eu empreguei em todos os meus trabalhos, foi a dos pequenos tinteiros magicos, cada um dos quaes me durava de dois a tres mezes.

Este systema de fazer apontamentos durante as marchas e durante o dia, que depois passava ao diario, dava em resultado o ter eu um duplicado dos meus trabalhos, e de haver sempre a possibilidade de se salvar um, se o outro se perdesse. Os apontamentos diarios eram feitos a lapis, em pequenos cadernos, que eu ia lacrando e sellando á medida que os preenchia. N'elles, além dos factos, estavam registradas todas as observações iniciaes, já astronomicas, já meteorologicas. Estes cadernos, que ao deixar Durban enviei a Portugal por via de Inglaterra, chegaram a salvo a Lisboa, onde ainda estão por abrir, ao passo que a copia desenvolvida do que elles contêem, sempre me acompanhou, e está servindo de norma ao que estou escrevendo agora.

Foi-me preciso fazer esta viagem, para saber o quanto vale o tempo, e para quanto elle chega sendo bem aproveitado.

Vinha a noite, e então crepitava na minha barraca grande fogueira, que me proporcionava calor e luz. Se eu não tinha observações a fazer durante a noite, ou, muitas vezes, se a fadiga obrigava o repouso a preterir tudo o que houvesse a fazer, ia deitar-me sobre as pelles de leopardo que formavam a minha cama, tendo por travesseiro a pequena mallinha em que guardava os meus papeis.

Um habito que adquiri em viagem, de envolta com o frio da ante-manhã, faziam-me regularmente acordar ás tres horas. Levantava-me então e reaccendia a fogueira amortecida. Vinha á porta da barraca, onde via um thermometro deixado fóra, e que a essa hora me dava uma minima muito approximada. Eu não tinha thermometros de maxima e minima, e são apenas approximadas estas duas indicações thermometricas que véem nos meus boletins; sendo a temperatura maxima approximada á que se fazia sentir á 1 e meia hora, proximamente á hora do meu boletim a 43 minutos do tempo de Greenwich.

Depois das 3 horas até ás 5, o meu tempo era passado junto ao fogo, fumando ininterrompidamente 10 ou 12 cigarros, e pensando na minha patria e nos meus.

Quantas vezes a essa hora, hora para mim de meditação e tristeza, não cogitava eu no futuro do meu empreendimento!

Estava então no Cuchibi, 20 graus a léste de Greenwich, e 14 e meio ao sul do equador. Estava longe de todo o soccorro que carecesse; onde iria buscar recursos para seguir ávante?

Do Bihé até ali ainda tive a pouca fazenda de algodão de que dispunha; mas as ultimas peças estavam diante de mim. Eram o meu ultimo dinheiro.

Em todos os povos encontrei mais ou menos facilidade de permutar o alimento pela fazenda de algodão, sendo a preferida o zuarte, o zuarte pintado e o algodão branco ordinario.

Raras vezes querem os riscados e a fazenda de lei. O buzio miudo (caurim) que tem muito valor entre os Quimbandes, e muito pouco entre os Luchazes, recupera no Cuchibi a sua importancia, para emprego bem diverso d'aquelle que lhe dão os primeiros d'estes povos.

Ali é para ornamentar as cabeças, aqui é para fazer cinturões, em que ha grande luxo.

A missanga Maria 2.^a tem grande valor em toda a parte, mas no Cuchibi é preferida a tudo, excepto á polvora.

Chegando ao Cuchibi, cheguei ao primeiro ponto em que n'esta viagem me pediram manilhas de cobre e arame para ellas.

Logo depois de ter estabelecido o meu campo, appareceu n'elle um homem que veio fallar-me, dizendo ser Biheno e ter ficado ali doente, deixado por uma comitiva, havia tres annos.

Foi reconhecido por muitos dos meus carregadores, e engajou-se ao meu serviço.

Eu estava no caminho das comitivas do Bihé, e como tencionava demorar-me alguns dias, mandei um pequeno presente ao sova, e participarlhe a minha resolução.

Soube pelo Biheno que me appareceu, que corria a noticia de ter havido uma revolução no Barôze, tendo sido expulso o regulo Manáuíno, e aclamado um outro de que não se conhecia por ora o character.

Não me foi agradavel esta noticia, porque eu sabia que Manáuíno era feroz e sanguinario com os seus, mas hospitaleiro para com estranhos.

Estes Ambuelas, entre os quaes estava, são a pura raça Ambuela, porque as do Cubangui estão muito misturadas com a raça Luchaze.

São os habitantes do Cuchibi inimigos dos Ambuelas de Oeste, e muitas vezes vem ás mãos.

A raça Ambuela occupa todo o paiz banhado pelo Cuando superior, e está agglomerada, sobre tudo na parte em que este rio recebe os seus

confluentes, Queimbo, Cubangui, Cuchibi e Chicului.

As povoações no rio Cubangui são construidas, já nas ilhas do rio, já no mesmo rio sobre estacaria. Sendo estes povos os unicos que possuem canôas, dormem de noite descansados nas suas habitações aquaticas, sem receio de serem atacados.

O sova mandou-me logo provisões e bastante milho. Com que prazer eu comi um prato de milho cosido!

Estava por algum tempo livre do fatal mas-sango!

Mandou elle dizer que viria visitar-me no dia immediato.

N'esse dia, logo de manhã, sahi a dar um passeio.

O emmaranhado da brenha espinhosa tornava difficil o caminhar na floresta.

Ainda assim, afastei-me uns tres kilometros do acampamento, e fui deparar com uma enorme armadilha de apanhar caça.

Era ella fôrma por uma sebe que devia ter alguns kilometros de extensão, fechando um espaço proximamente circular. Este cercado enorme tinha de 20 em 20 metros, proximamente, umas aberturas, em cada uma das quaes estava armado um Urivi, armadilha em que a caça, lebres e antilopes pequenos, são esmagados por um pesado cepo. Reunida muita gente fazem uma grande batida no matto, e então a caça foge espavorida, e não podendo saltar o cercado, investe com as aberturas, onde victima é dos Urivis ali collocados.

De volta ao meu campo, encontrei no matto um acampamento de Mucassequeres, abandonado de ha pouco.

Recebi a visita do sova, homem de idade avançada, de typo sympathico, com um perfil judaico. Vinha bem vestido, trazendo sobre uma farda um casaco de linho branco, e ao pescoço um grande e vistoso lenço.

Cubria-lhe a cabeça um barrete de listras pretas e encarnadas. Na mão trazia uma concertina de que tirava sons desordenados.

Deu-me novo presente de milho, mandioca, feijão e gallinhas, que eu retribui, dando-lhe algumas cargas de polvora, o mais estimado presente que se póde fazer no Cuchibi.

Retirou-se o velho muito satisfeito, prometendo visitar-nos mais vezes.

(Continua.)



ARVORE DE PAU-FERRO EM ANDAI

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuação da folha 2 — 3.º anno)

P CAMINHO que seguira tinha, disse elle, difficuldades quasi invenciveis para o transporte das bagagens e achára o viver dos Ouosaonis mais miseravel ainda, do que o dos Amberbakis. Só viu pequenas cabanas empoleiradas sobre algumas pilotes vacilantes e pouca ou nenhuma cultura. Quizera demorar-se

mais tempo pois estava na verdadeira patria das formosas aves do paraíso, mas tivera de voltar, por que a sua pequena provisão de arroz esgotara-se e era obrigado, á falta de batata e de raizes de bété, a alimentar-se com folhas d'arvores.

O momento fixado para o regresso approxi-

mava-se e os meus Mafors, a quem tinha sido obrigado a supprimir a ração de sagu, a fim de conservar algum para a viagem da volta, mostravam-se impacientes por regressar a Dorey. Eu mesmo estava quasi sem viveres e um violento ataque de febre tinha-me debilitado extraordinariamente.

Era pois necessario pensar em voltar e tanto mais que estavamos já em meiado de maio e, segundo o itinerario que eu traçara, tinha ainda a fazer outras excursões. Convocou-se toda a povoação de Mémiaona para transportar as bagagens.

A descida da montanha não foi das mais facteis e quando desciamos para a praia ouvi dois tiros d'espingarda; apressei o passo, pois dizia-se andarem nos arredores piratas biaks e receiava um conflicto. Era o meu caçador William que tinha atirado a uma python. Este gigantesco reptil estava enlaçado n'um dos mais altos ramos d'uma grande arvore e pelo modo como elle desenroscava os seus anneis dir-se-hia que os dois tiros lhe não tinham tocado, todavia era um animal que eu não desejava ver escapar, pois ainda o não tinha nas minhas collecções. Em breve o vi perder-se no meio da folhagem, mas os olhos penetrantes dos Papus seguiam-o sempre; ainda varias vezes se lhe fez fogo sem maior successo; então os Papus começaram a deitar abaixo arvores para a isolarem e fechar-lhe a retirada. Por fim a python mostrou a cabeça; era a unica parte do corpo vulneravel; atirei... O seu comprido corpo destendeu-se e a serpente cahia pesadamente sobre o solo d'uma altura de cincoenta pés. Julguei-a morta e só estava aturdida; Markus agarrou-a intrepidamente pela cauda; eu tive tempo de lhe atar ao pescoço uma corda e apezar dos doze tiros que recebera e de que tinha vestigios no corpo, apezar d'amarada deu-nos muito que fazer o luctarmos com ella.

Emfim conseguimos atal-a a uma comprida estaca e dois Papus a transportaram á praia, onde eu e Markus lhe tiramos a pelle.

Os Amberbakis collocaram-se junto de nós seguindo com vistas anciosas as nossas operações taxidermicas; e, quando atiramos para longe o corpo, todos se lançaram sobre elle como uma matilha esfomeada e cada um fugiu para a montanha, levando consigo uma parte d'essa iguaria, que elles dizem succolenta. A este proposito, William, que é oriundo do norte de Célèbes, affirmou-me que, em certas partes d'esta

ilha, ha tribus que criam e engordam serpentes para as comer; depois dos antropophagos os eretophagos.

Carregaram-se as pirogas e pela noite tinhamos voltado á costa de Saokorem.

Logo pela manhã fui á povoação d'Ouépaï e ahi tive o prazer d'apertar a mão a M. Laglaize, que tambem regressara da sua excursão. Sentiamos-nos alegres e admirados por fallarmos a nossa lingua.

N'essa mesma tarde embarquei e fiz-me ao mar com rumo para Dorey. Vinte e quatro horas mais tarde quando, depois de dobrar o cabo Boropé, iam os lançar ferro para deixar descansar os remadores vimos na costa fogueiras, homens e pirogas. N'esta costa deserta tal encontro só podia ser perigoso; sem duvida eram os piratas biaks de que já tinhamos ouvido fallar.

Uma das nossas pirogas, a commandada pelo maior, tinha-nos ficado pela popa; voltamos para traz para a esperar e fomos ancorar do outro lado do cabo, onde a segunda piroga nos foi encontrar de noute; apressamo-nos a offerecer aos piratas as recepções de que eram dignos, no caso pouco provavel de elles nos atacarem.

Com effeito ao romper da aurora tres grandes pirogas dobraram o cabo e se dirigiram para nós; tinham tirado a cobertura signal não equivoco, disseram-me, das suas más intenções. Com effeito as pirogas de guerra devem ser descobertas para que se possam armar os arcos. Nós fizemos o mesmo; mas para lhes dar a conhecer que havia um europeu a bordo fiz içar a minha bandeira.

Logo que elles nos puderam ouvir, os meus Papus gritaram-lhes que tinhamos espingardas e que á primeira flecha arremessada fariamos fogo; prudente aviso que teve os seus effeitos. Os Biaks continuaram a adiantar-se, mas cobrindo as pirogas em signal de paz. Conformando-nos com o conselho de Markus não os deixamos atracar com receio d'alguma surpresa. Os piratas limitaram-se a pedir-nos algum tabaco que lhe trocamos por fructos d'areca e depois continuaram a sua derrota; iam, disseram elles, para a ilha Waigion. Em outras circumstancias em que melhor os puder descrever encontraremos estes Biaks.

Continuamos o nosso rumo, mas um vendaval obrigou-nos novamente a separarmos-nos e tivemos de nos ir abrigar junto da foz do rio Prafi, o que me fez observar que as supposições que eu fizera sobre a sua posição eram exa-



FLORESTA DE SAO BABA

ctas. Levantámos ferró ao amanhecer, pois que os meus Papus estavam desassocegados com o encontro da vespóra, com a proximidade da costa de Prafi e com o desaparecimento do maior. Os Biaks tinham-nos dito que uma frota de piratas onandamen andava no mar e todos tinham pressa em chegar ao porto.

Passámos em frente da bahia de Saobaba para irmos refrescar na ilha Aori, onde esperavamos encontrar o maior.

Havia quarenta e oito horas que quasi não tinhamos comido; as minhas provisões de bolacha e arroz tinham-se esgotado e tinha sido obrigado a alimentar-me com sagu.

Na ilha d'Aori não encontramos ninguem; desembarcamos, o que faz muito bem, quando portanto tempo se esteve encaixado n'uma piroga. Matamos dois Maléos que se assaram; os Papus foram aos rochedos apanhar mariscos e depois de fartos deitaram-se sobre a areia.

E o maior não chegava e foi em vão que eu mandei a piroga de desembarque á bahia de Saobaba.

Depois soube que os Papus se tinham demorado junto de um rochedo, onde tinham encontrado ovos de gaivota. Pela noite appareceram duas grandes pirogas de Biaks. Parece que junto com elles vinha um amigo dos Mafors e os Papus são fieis ao proloquio «os amigos dos meus amigos são meus amigos tambem.»

A falta de viveres fazia-nos apressar; toda a noite fizemos força de remos e de madrugada á hora em que a floresta desperta com os gritos e canticos dos seus milhares de habitantes encontramos-nos em frente da povoação de Kouavi, a que depois de seis semanas de ausencia eu achava um ar de antigo conhecimento e velha hospitalidade que me aquecia a alma. Tudo ainda repousava.

Dei cinco tiros de revolver para prevenir da minha chegada; o echo da floresta repercutiu o som, mas detonação alguma lhe respondeu. Já avistava a minha cabana; a vegetação cobria-a e não via pessoa alguma á porta. Eu deixára M. Maindron doente, assustei-me, receei só encontrar uma sepultura. Não permittindo a minha

anciedade que a piroga atracasse a logar secco metti-me n'agua até á cinta e com passo febril marchei para a minha cabana.

Saabar estava sentado no limiar da porta. Este homem, anteriormente activo, vigoroso, nada mais era do que um esqueleto.

M. Maindron estava na cama tão pallido como o seu mosquitoeiro. Estendeu-me uma mão descarnada, dizendo-me: «Bem julguei não o tornar mais a vêr.» As chagas da perna tinham augmentado e multiplicado; uma febre lenta minava-o e para cumulo de desgraça, um dos missionarios, Allemão d'origem, tinha-lhe dado sublimado corrosivo em vez de calomelanos, um veneno em vez d'um remedio... M. Maindron ti-

nhá tomado a tempo um contraveneno, mas continuava sem forças e o seu estado inquietava-me immensamente.

A ilha Mafor—Emigração dos habitantes—Os piratas—O cacatu Korano—Extraordinaria sepultura—Scena de escravatura—Os chefes de Sowek—Uma povoação lacustre—Entre os insulares de Korido—Desconfiança e superstição—Compras forçadas—Na recepção—Ameaças de morte—O desafio—Negocio de crancos—Partida forçada—Regresso a Dorey—Partida para Ternate—Uma tempestade.

Tendo M. Maindron ido para Andaï receber os cuidados de M. e M.^{me} Woelders, pensei em fazer uma excursão ás ilhas Mafor e Misori.

Os Pápús de Dorey, sem duvida enriquecidos pela sua viagem a Amberbaki, não quizeram



LAPHORINA ATRA

acompanhar-me e eu tive de ir a Mausinam procurar o auxilio do *sanadi* Brouss, — um Papú mais civilisado do que os outros.

No dia 1 de junho partimos, costeando a costa do sudoeste da ilha de Mausinam, e graças a um vendaval podemos chegar á ilha Mafor em vinte e quatro horas.

Algumas ilhotas, por meio das quaes passámos, fechavam a entrada d'uma bahia bastante espaçosa, toda salpicada de bancos d'areia, que se descobriam na vasante. N'uma praia d'areia

fina e branca viam-se alinhadas tres ou quatro casas papús, tambem construidas sobre estacaria, metade na praia, metade já no mar. Compreendi immediatamente que não podia esperar encontrar a hospitalidade toleravel que encontrára entre os indigenas d'Amberbaki, por isso armei a minha tenda, que eu tivera a prudencia de trazer, escarmentado como estava dos meus acampamentos nas praias inhospitas de Saobéba e de Saokarem.

(Continua.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuação da folha 2 — 3.º anno)

PORQUE em tempo de Paulo Dias andavamos pela Quiçama, e quando dito governador deitava guerra fóra não iam mais que setenta, e fomos a um Sobe pequeno, por nome Catala, e matou-nos sete e vimos frechados quinze, com morte de muita gente preta, nossos captivos, e outros vassallos.

Depois foi de Portugal socorro que levou Diogo Rodrigues dos Colos, de tresentos homens, dos quaes foram cento e vinte a Angola Calunga, indo por capitão João Castenho Vellez, os quaes mataram, sem escapar nenhum, com mais de seis mil frecheiros negros que iam da nossa parte que todos morreram ás frechadas e captivaram.

Sendo governador Luiz Serrão mandou a guerra á provincia do Are, e ali veiu El-Rei de Matampa, que está por cima de Angola, que tem amizade com os reis de Congo e Angola, e de cento e trinta soldados portuguezes que foram a esta empresa, de que ia por capitão Francisco de Sequeira, não ficou algum que escapasse de captivo ou morte, e mataram e captivaram mais de dez mil frecheiros que iam comnosco,

vassallos de Sua Magestade, e outros captivos nossos.

Governando D. Jeronymo de Almeida, mandou a guerra a Cufuche, fidalgo de Quiçama, d'onde foram cento e quarenta homens, de que ia por capitão Balthasar de Almeida de Sousa, e sómente elle escapou por ir a cavallo, e mataram mais de seis mil frecheiros negros, afora outros muitos que n'outras guerras mataram e digo que peor é a ferida da frecha que do pelouro porque a frecha tem farpas e para se tirar do corpo é necessario rasgarem-lhe as carnes, o que não tem o pelouro.

Tambem atirão com zagaia, em que andam tão certos e destros, como com as frechas, e trazem seus cutellos com que cortam as cabeças, finalmente são tão esforçados e atrevidos como mouros e turcos, e são ligeiros a pé como correndo cavallos, o que nós não podemos fazer indo carregados de armas e morrendo com calmas, sede e muitas vezes de fome, de que se passam grandes calamidades e riscos da vida, e assim merecem os que servirem n'esta conquista lhes faça Sua Magestade honras e mercês.

Tem Sua Magestade necessidade de mandar com graves penas que se não venda em Angola polvora, munições, espadas, nem outro genero de armas para o reino de Congo, porquanto nos podemos temer do rei do dito Congo mais que do de Angola, porque descobertamente ha mostrado muitas e diversas vezes ser inimigo, como se pôde ver e sempre foram inimigos nossos os reis seus antecessores.

Porque, como se refere atrás, foi causa do mal que fez o de Angola pela embaixada que lhe mandou com inveja de ver que iam prosperos no commercio com dito rei de Angola, com paz e amizade, entendendo que era em seu damno, por elle se fazer senhor de todos os reinos comarcãos por respeito de nossas fazendas e nosso commercio que elle tinha em seu porto, porque em toda Ethiopia não havia outro.

Queixando-se o governador Paulo Dias a dito rei de Congo do mal que havia feito em mandar a embaixada maliciosa que mandou ao de Angola, por dissimular sua traição, offereceu a dito governador lhe mandaria soccorro por Manibamba, seu duque, para que se tomasse vingança do rei de Angola, que tudo foi fingido, porque nunca mandou tal soccorro, entretendos mais de dois annos com esperanças falsas sabendo elle padeciamos muitos grandes trabalhos e fomes, porque toda a gente preta nos desamparou, e a branca era pouca, de modo que vendo o governador que o rei de Congo nos queria empecer e pôr em estado que deixassemos a conquista, se poz em ir continuando com sua guerra com a gente que tinha, e como tivemos mais força e fomos senhoreando muita parte do reino de Angola, o mandou ameaçar, lembrando-lhe os males que tinha feito, de que ficou muito atemorizado.

Por amor de Deus que mande Sua Magestade se procure a christandade, mandando-lhes padres da Companhia, e aos senhores dos sobas que tenham egrejas nas suas terras, e em cada cinco leguas estejam dois padres que ensinem o gentio, que os ditos padres já os ensinam pela sua lingua e tomam muito depressa as orações, e já se houvera augmentado muito a nossa christandade se não houvera tanto descuido.

Ha mais de 60 leguas de largo e perto de 100 de comprido, ou mais, tudo povoado, que temos sujeito, que tudo podera e devera estar christiniado e é lastima o não esteja por falta de diligencia.

IV

1621¹

S. Jorge da Mina—Os hollandezes—S. Thomé, suas produções, commercio e população—Arda (Ardra)—Benim—Xabu (jabum)—Calabar—Rio Real—Rio Forçados—Principe—Anno Bom—Lopo Gonçalves—Loango—Congo—Os Jesuitas—Pinda—Angola—Loanda—Benguella—Cabo Negro.

Relação da costa d'Africa, da Mina, que é o castello de S. Jorge, até ao cabo Negro, que o capitão Garcia Mendes Castello Branco faz a V. Ill.^{ma}, que é um dos primeiros conquistadores do reino d'Angola e sabe muito bem esta costa por se achar em toda ella muitas vezes e nos mais dos resgates que tem, em quarenta e seis annos que em ella reside.

O castello de S. Jorge da Mina é uma boa fortaleza de S. M. onde tem um governador.

Havia nella cousa de 300 visinhos, e com soldados, são por todos quinhentos.

O trato da dita fortaleza e resgate d'ouro que se compra aos gentios que veem de dentro da terra e que o dam em troca de roupas da India de Portugal e enfiadas de vidro, como são rosarios, e de outras cousas, e antigamente vinha aos reis de Portugal um navio todos os annos carregado d'ouro finissimo que o daquellas partes é o melhor que se encontra.

Ha na dita Mina muita algalia que de lá vem, e gatos que a dão muito boa por serem os dali estremados.

Os hollandezes teem por baixo do dito castello, ou poucas leguas d'elle, uma feitoria aonde os gentios da terra levam a vender o ouro e marfim, por lhes darem mais por elle do que os nossos lhes dam, e o mesmo é com o marfim e algalia e courame, e o mais que ha na terra, porque os ditos hollandezes teem ordinariamente um navio muito bem artilhado que se chama a feitoria, surto no porto, donde outros navios que lá vão tomam fazendas e andam por toda costa resgatando, e isto nos portos onde costumamos negociar.

Feito seu resgate o levam á dita sua feitoria, e o mesmo fazem de algumas fazendas que roubam aos nossos navios que andam por aquella costa.

Trazem outros navios que levam este ouro e

¹ Vid. nota 8. Comtudo, pela referencia á morte do bispo do Congo e Angola, creio que este documento é de 1624. É escripto em castelhana pouco correcto.

marfim e courame a Flandres e as fazendas que teem roubado, que ali servem.

Pelo que, é necessario remediar-se isto, mandando Sua Magestade uma armada de tres ou quatro galeões bem petrechados e com boa gente ir áquella costa a tomar e desbaratar a força que elles teem, e meter no fundo a dita nau feitoria, e deste modo podem limpar a costa da Guiné de ladrões que são infinitos, e se fará um grande salto n'elles, de modo que não volvam lá, que estes que andam resgatando por aquellas partes e roubando os nossos, não são de muita força, por todos elles são de mercadores, somente a dita nau feitoria, que está no porto que se chama Cara, tem força, e é esta necessaria para a tomar e meter no fundo, e junctamente desbaratar a fortaleza que está em terra, e se fará nisto um grande servido a S. M. porque de não serem roubados os nossos navios que vão resgatar escravos negros, marfim e ouro, courame e algalia, virão a Sua Magestade direitos com que pague largamente todos estes gastos que fizer nesta armada, além de convir ao seu estado tirar a força ao inimigo, e o proveito tamanho que tem em restaurar um commercio de tanta importancia para a fazenda de Sua Magestade e para os seus vassallos.

Temos mais adiante, cousa de 200 leguas, a ilha de S. Thomé que está na linha equinocial, que é de 18 leguas em redondo, mui abundante de açucares que antigamente se carregavam n'ella vinte navios grandes de 20:000 arrobas cada um, o que hoje não acontece por causa de um gusano que deu na cana.

E hoje não vèem mais que 4 ou 5 navios carregados.

Ha n'esta ilha muito arroz e muitos mantimentos, e é mui fresca, e tem muitas arvores de espinho, como cidras, limões, laranjas, limas, toroujas em muita quantidade e muitas aguas e mui boas.

N'esta ilha temos uma fortaleza boa, e ainda que já foi tomada pelos hollandezes por culpa d'um capitão frouxo que n'ella estava, e queimaram a cidade, hoje está melhor porque tem mais artilheria.

Haverá n'esta ilha 800 visinhos brancos e mais de 2:000 creolos da terra, gente que bem se defendera de todo o poder se tivessem bom capitão, que tendo munições e polvora se defenderão, porque são mui grandes escopeteiros e mui destros.

E n'esta ilha temos uma feitoria que é do

contrato que se arrenda em Lisboa, e lhe dam por nome o contrato de S. Thomé, na qual ilha tem o dito contratador alguns navios que envia aos resgates da dita costa da Guiné que são os seguintes:

Com o rei de Arda que está junto á Mina, que é nosso amigo, mandam lá resgatar escravos negros e marfim e panos d'algodão e azeite de palma e muitos legumes como inhame e outros mantimentos.

Sahem d'este porto cada anno um e dois navios carregados d'isto arriba.

Temos outro resgate com o rei de Benin, amigo nosso.

Resgata-se com este rei o mesmo que com o de Arda.

D'ahi trazem umas *cucharas* de marfim mui curiosas que elles fazem, que se pôde ver, e nós panos de palha mui galantes para cobrir as camas.

Temos outro rei amigo nosso que é o de Xabu. reino pequeno mas mui bellicososo.

Fazemos resgate de escravos e de muitos panos de algodão de figuras mui curiosas, que veste a gente da dita ilha de S. Thomé, e d'ahi vão a outras partes. Sahem d'ali dois navios carregados cada anno.

Temos outro resgate com o rei de Calabar, gente bellicosissima, nossos amigos.

Fazemos resgate do mesmo que arriba, e se saca cada anno um navio mui grande.

Fazemos outro resgate com o rei do Rio Real, e outro rei que se chama o Ere, que quasi é um pegado com o outro.

Temos outro rei que é o do Rio Forçados.

D'aqui se saca outro navio carregado das mercadorias arriba ditas e escravos.

Todos estes resgates pertencem á dita ilha de S. Thomé, que estes ditos reis estam em a costa d'Africa entre a Mina e a dita ilha onde vão descarregar, e dali se fazem algumas armações que vão para a India, de escravos, com registro de Sua Magestade, e vão a Lisboa, os que são melhores e a peor gente que vem fica na ilha para a fabrica dos engenhos de assucar que já hoje se vão reedificando por haver menos doença que coma a cana d'assucar.

Está esta ilha desviada ao mar da dita costa d'Africa cousa de quarenta leguas pouco mais ou menos.

(Continúa.)



CABANA D'ITUFA — Desenho de Yvan Pranislukoff, segundo uma gravura da edição inglesa

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÓGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 4 — 3.º anno)

PISSE-ME elle n'esta primeira visita que os reis do Barôze mandam alli receber tributos, e que elle, para evitar guerra, lh'os manda pagar, estando assim estabelecida uma especie de vassalagem; que, havia pouco, soubera da revolução do Zambeze, mas não conhecia o novo potentado, e nenhuma informação me podia dar d'elle.

N'essa tarde, os meus pretos prenderam no matto dois Mucassequeres que trouxeram á minha presença,

Os dois pobres selvagens tremiam de medo e julgavam-se perdidos.

Fallavam um pouco a lingua Ambuela, e por meio de um interprete pudemos entender-nos. Elles julgavam que uma sentença de morte os ia fulminar, ou ao menos que a escravidão iria sujeitar o resto de seus dias.

Mandei que os desamarrassem, e lhes en-

tregassem as suas armas. Disse-lhes que estavam livres, e que voltariam para a sua tribu, e dei-lhes alguns fios de missanga para as suas mulheres.

Elles caminhavam de surpresa em surpresa, e não podiam crer na verdade das minhas palavras. Dei-lhes de comer, e pedi-lhes que me levassem a vêr o seu bivac.

Depois de discutirem acaloradamente um com o outro, n'uma lingua desconhecida a todos os que ouviam, e completamente diferente na intonação a tudo o que em linguas africanas eu tinha ouvido até alli, decidiram que me levariam á sua tribu se eu quizesse ir só. Aceitei, e parti com os dois horrorosos selvagens.

Apesar do meu muito habito da floresta, era-me difficil acompanhar os ageis guias, que mais de uma vez tiveram de esperar por mim.

Ao cabo de uma hora de caminho, depará-

mos, no meio de uma pequena clareira, com o acampamento da tribu.

Haviam alli mais tres homens, sete mulheres e cinco creanças.

Alguns ramos d'arvore derreados, com outros encostados na frente, são os seus unicos abrigos.

Não tem o menor apresto de cosinha. Sustentam-se de raizes e de carne, que assam em espetos de pau. Não conhecem o sal.

Homens e mulheres mal cobriam a sua nudez com pequenas pelles de macacos.

Arcos e frechas são as unicas armas de que se servem. Eu estava muito embaraçado, porque não os entendia nem podia fazer-me entender d'elles. Dirigi-me ás mulheres, a quem dei alguns fios de missangas que tinha levado para isso. Ellas receberam-nos sem darem mostra de nenhum sentimento de agrado.

A miseria d'aquelles desgraçados compungia-me. O seu rosto é feissimo, olhos pequenos e um pouco inclinados nas orbitas, ossos molares muito distanciados e salientes, nariz achatado, com as fossas nasaes desmesuradas.

Tem o cabello encarapinhado e pouco, crescendo em montões separados, mais basto no alto da cabeça.

Alguns bocados de pelle de animaes atados nos pulsos e nos artelhos são o seu ornamento, ou talvez amuleto milagroso.

Procurei fazer comprehender aos meus guias que ia voltar, e elles precederam-me no caminho, deixando-me, já noite, na orla do bosque d'onde eu ouvia o vozear do meu campo e alegres cantares.

Durante a minha permanencia no Cuchibi, pude recolher algumas informações, ainda que escaças, a respeito de tão estranhas gentes.

Os Mucassequeres partilham com os Ambuelas os territorios de entre Cubango e Cuando, sendo que estes vivem sobre os rios e aquelles nas florestas, estes são barbaros, aquelles selvagens.

Não convivem, mas não se hostilisam.

Se a fome os obriga, os Mucassequeres vem aos Ambuelas permutar marfim e cêra por alimentos.

As tribus Mucassequeres são independentes, e não obedecem a chefe commum.

Guerreiam-se mesmo, e os escravos que fazem uns aos outros vem elles vender aos Ambuelas, que os permutam depois ás comitivas do Bihé.

Os Mucassequeres são os verdadeiros selvagens da Africa tropical do sul, os outros povos podem ser chamados barbaros.

O Mucassequer nunca teve casa ou simulacro d'ella. Nasceu sob a arvore da floresta, viveu e morreu sob a arvore da floresta.

Despreza a chuva e o sol, e supporta as intemperies como qualquer fera dos matagaes.

Ainda o leão e o tigre tem um antro onde se escondem; o Mucassequer precisa que pelo corpo despido lhe sopra a brisa do matto.

Não conhece a enxada, porque nunca cultivou a terra. Raizes, mel e caça são o seu alimento, e cada tribu vagueia sem cessar em busca de raizes, mel e caça.

Nunca dormem hoje onde ficaram hontem. A frecha é a sua arma, e tão destros são no seu manejo, que caça apontada é caça morta.

O proprio elephante cahe trespassado pelas suas settas lançadas por musculosos braços.

As duas raças que habitam este paiz, são tão differentes no corpo como nos habitos.

O Ambuela é preto e tem o typo da raça caucasica; o Mucassequer é branco e tem o typo da raça hotentotica em toda a sua hediondez.

O nosso marinheiro crestado pelo sol e pelo vento dos temporaes é mais escuro do que o Mucassequer. Ha comtudo n'aquella côr branca alguma coisa de amarello terroso, que os torna hediondos.

Tive o maior pesar de não poder recolher dados mais precisos sobre esta curiosa raça, que me parece dever merecer attenção especial dos anthropologistas e dos ethnographos.

É minha opinião, que este ramo da raça Ethiope, pôde ser collocado no grupo da divisão Hotentotia. Tem na fôrma muitos dos seus caracteres, e nós vemos n'essa raça uma variação sensível na côr da pelle. O *bushman* do sul do Calaári é de côr mui clara, e alguns tenho visto quasi brancos. São de estatura pequena, e de corpo franzino, mas tem todos os caracteres do typo Hotentotio. No norte do mesmo deserto, sobretudo junto aos lagos salgados, formiga outra raça nomada, os Massaruas, fortes e de estatura elevada, de côr negra carregada, possuindo o mesmo typo Hotentote, e indubitavelmente pertencendo ao mesmo grupo. Disseram-me no Cuchibi, que ainda entre o Cubango e Cuando, mas muito ao sul, existia outra raça em tudo semelhante aos Mucassequeres, em typo e habitos, mas muito pretos.

Assim, pois, em vista da afinidade dos ca-

racteres, não me repugna admitir, que o grupo Hotentotico da raça Ethiope, se estenda ao N. do Cabo até entre Cubango e Cuando, passando por diversas modificações de côr e de estatura, devidas quiçá aos meios em que vivem, á altitude, á grande differença de latitudes, ou ainda a outras causas menos apreciaveis.

Por muito tempo as sub-divisões da raça Ethiope na Africa tropical, serão mal conhecidas na Europa, por não ser facil colligir os dados para o seu estudo.

Qual é o indigena d'essas tribus barbaras que deixa moldar o seu corpo?

Caso deixasse, como pôde o anthropologista levar a materia para fazer os moldes, e reconduzir depois esses moldes até á costa?

Como colleccionar esqueletos, craneos mesmo sómente, em paizes onde a profanação de uma sepultura pôde ser caso da perda de uma expedição?

Como occultar da sua propria comitiva, dos seus proprios carregadores, esses despojos humanos, que seriam olhados como uma fonte de maleficios?

A photographia, de todos o meio mais incompleto de fazer esses estudos, apresenta, ainda assim, difficuldades insuperaveis.

Em primeiro lugar, é difficil empregar-a em viagem de exploração, onde nem sempre dá os resultados que d'ella se esperam; sendo quasi impossivel o transporte de um laboratorio, em frascos de vidro á cabeça de um carregador, que tropeça e cahe dez vezes por dia. Eu sei-o de experiencia propria, e que o digam Capello e Ivens.

Suppondo porém que se podiam mais ou menos facilmente empregar os meios photographicos, qual era o indigena do interior que deixava apontar uma machina, e estava um momento firme diante da objectiva da camara escura?

No correr da minha narrativa terei occasião de narrar uma anecdota acontecida commigo e com o photographo suisso M. Gross, em que eu consegui obter um grupo de Betjuanas, já meio civilizadas, com uma paciencia e uma despezza incalculaveis.

Com os Mucassequeres, aconteceu-me, de nem mesmo lhes poder apanhar o typo com o lapis e papel!

Voltemos á minha narrativa.

Ao deixarem-me na orla da floresta, já noite, os meus Mucassequeres disseram-me umas pa-

lavras, que provavelmente queriam dizer boa noite, e foram-se. A claridade espalhada na atmospherá pelas fogueiras do meu campo, e o som de alegres cantares guiavam meus passos, e pouco depois entrava eu no recinto do acampamento, onde, ao som da musica barbara dos Ambuelas, havia um dançar phrenetico.

Muitas raparigas Ambuelas dançavam com os meus carregadores, fazendo soar as manilhas dos braços em compassado tinir.

Impressionou-me o typo d'aquellas raparigas, que era perfeitamente Europeu, e algumas vi que, com a mudança de côr, fariam inveja a muitas formosas Europêas, a quem egualariam em belleza, e excederiam em fórmas e elegancias naturaes.

Alli soube um caso novo para mim.

Estes Ambuelas, quando chega ao paiz uma comitiva, vem tocar e dançar ao seu campo, e á medida que a noite se adianta, vão pouco a pouco retirando, e deixando alli mulheres, irmãs e filhas. É costume de hospitalidade d'esta gente, offerecerem companheiras aos foragidos que apparecem. No dia seguinte, muito cedo, ellas retiram para as suas povoações, e pouco depois voltam, a trazer presentes ao amante de uma noite.

Commigo deu-se uma estranha aventura.

Moene-Caú-eu-hue, o velho sova, mandou-me as suas duas filhas, Opudo e Capêu.

Opudo teria uns vinte annos, Capêu dezeseis.

A mais velha era feia, e tinha um modo altivo; a mais nova, sympathica, tinha um rosto candido e ingenuo.

Desde que me internei em Africa, decidi ter uma vida austera, o que me deu sempre grande influencia sobre os meus pretos, que, não me vendo beber senão agua, e não me conhecendo uma só aventura galante, me julgaram sempre um ente superior e privilegiado.

Apesar da minha força de vontade, tive de sustentar uma lucta atroz commigo mesmo para resistir á tentação da filha mais nova do sova Caú-eu-hue.

Capêu só falla o Ganguela, que eu não entendia, mas Opudo fallava o Hambundo.

«Porque nos desprezas?» me perguntou ella com modo altivo.

«Por ventura na tua terra tens mulheres mais bonitas do que minha irmã?»

«Nós dormiremos aqui; porque eu não quero que se diga, que as filhas do chefe dos Ambuelas foram expulsas por um branco.»

Imagine-se a ridícula situação em que eu estava collocado! Era tal a attribuição do meu espirito, que não sabia que responder.

É verdade que a unica resposta a dar, era aquella que eu não queria dar.

Na minha barraca estavam sentadas duas mulheres, sobre pelles de leopardo; entre mim e ellas a vasta fogueira deitava uma luz pallida, que era ainda amortecida pelo verde escuro da folhagem que forrava o interior da cabana.

Os lampejos da fogueira alumiam a cabeça candida e collo nú, de uma mulher de dezeseis annos, que me fitava com um olhar languido, tumido de desejos, inebriante de lascivas promessas.

Eu via o arfar d'aquelle peito nú, de belleza esculptural, e não podia desviar os meus olhos d'elle.

Lá fóra, ao ruidoso som dos batuques, havia um cantar mais brando, e o dançar mais compassado indicava a lassidão dos membros.

Os meus bravos carregadores escolhiam as companheiras da noite.

Eu estava só com as duas raparigas, mais só do que se estivesse muito longe de gente.

«Nós ficaremos aqui, me disse a orgulhosa Ambuela; não quero expôr minha irmã aos chascos das mulheres velhas das povoações, e só te digo, branco, que se tu és século do Muene-Puto eu sou filha do sova.»

O ridiculo da minha posição augmentava; eu sustentava uma lucta commigo mesmo para não ceder aos attractivos da joven selvagem, e não tinha uma palavra a dizer, porque não sabia o que fazer.

Aquella situação picaresca não podia continuar, e eu não sabia como terminal-a.

Preferia mil vezes estar em lucta com o guerreiro pae, que em tal colloquio com a amante filha.

De repente levantou-se a pelle que fechava a porta da barraca e alguem entrou.

Era a pequena Marianna, que tinha escutado tudo o que se disse na tenda.

Entrou e foi acocorar-se junto á fogueira que atiçou. Depois complimentou as Ambuelas batendo repetidas vezes as palmas, como é uso no paiz, e repetindo a palavra *Có-qué-tú—cô-qué-tú*, e disse-lhes: «O branco não as despreza; se as não deixa dormir aqui, é porque aqui só eu durmo, o branco é meu. Junto d'esta está a minha barraca, podem ir dormir alli.» As filhas do sova Caù-eu-hue levantaram-se e sahiram com

a pequena, a quem eu daria tudo para pagar tal serviço; mas, momentos depois, voltava Opudo, e dizia-me baixo: «Hoje dormimos fóra, mas tu has-de ser amante de minha irmã.» Confesso que me metteu medo aquella mulher, a mim que nunca temi as feras!

Deitei-me pensando na estranha aventura, e vindo-me vivamente á lembrança a biblica historia da capa de José no Egypto.

No dia immediato, as filhas do regulo vieram como as outras trazer-me presentes; eu dei-lhes alguma missanga, e ellas retiraram, sem fazer a menor allusão á scena da noite.

Pouco depois, um portador do sova veio prevenir-me, de que elle me esperava essa tarde, e me mandaria um barco para eu ir á sua povoação. No acampamento appareceram algumas cobras que os pretos diziam serem venenosas, e muitos escorpiões negros de 10 a 12 centimetros de comprido. Alguns dos meus pretos foram picados por estes repugnantes aráchnides, cujo veneno não produziu outro accidente além de violenta dôr e tumefacção dos tecidos proximos.

Os Ambuelas são os primeiros povos que se encontram no meu caminho, que não vão occultar nas florestas as suas plantações.

É na grande planicie por onde corre o rio que a cultura é feita, por isso a abundancia de producção que tem afamado estes povos como cultivadores.

As cheias alagam a campina, e o nateiro que alli deixam as aguas é uberrimo adubo que lhe avigora a cultura.

Se não regam o terreno, como não vi fazer a povo algum Africano, fazem irrigações, e observei em volta das plantações fundos sulcos, por onde se produz a seccagem dos terrenos que cercam.

Estive trabalhando, e só tarde me lembrei de ir procurar a canôa que o sova me preveniu estaria á minha disposição junto ao rio, para ir á sua povoação.

Ao chegar ao ponto designado, qual não foi a minha surpresa ao ver a ligeira barca tripulada por Opudo e Capêu, as duas filhas do regulo! Eu, que me julgo pouco medroso, confesso que sempre tive muito medo de mulheres.

Todavia não quiz deixar perceber receios, e saltei para a estreita piroga, que equilibrei, dizendo-lhes: «Vamos.» Ellas com immensa destreza, com extrema elegancia, manobraram a canôa, correndo por um canalête que conduz ao rio.

O sol estava no occaso. O ligeiro barco deslisava por entre uma vegetação aquatica riquissima, que vinha expôr as suas bellezas á superficie da agua do canal. As victoria-regias e muitas especies de Nenuphar, prendiam ás vezes o andar da canôa.

Eu só pensava n'aquellas mulheres. Via já a canôa voltada, e eu presa de um crocodilo.

De repente, por uma habil manobra dos remos, a canôa estacou, e Opudo disse-me: «Já é muito tarde para irmos a casa de meu pae, eu esperei-te muito tempo, volvamos para a terra e amanhã voltarás.»

Pouco depois atracavamos, e ellas acompanharam-me ao campo.

Veio a noite, e lá fôra no acampamento, as danças e os cantares, e na minha barraca as filhas do regulo conversando de coisas indifferentes. Levantaram-se quando cessou o ruido das festas, e foram deitar-se á porta da barraca junto de uma fogueira que accenderam.

Quiz que ellas fossem para a barraca da pequena Marianna, mas Opudo respondeu-me, que «era bicho do matto e estava acostumada a tudo.»

N'esse dia o meu Augusto, que foi ao matto caçar, encontrou um bando de macacos pequenos, os primeiros que appareceram no meu caminho desde a costa de Oeste.

No dia immediato, fui logo de manhã visitar o sova, mas, querendo evitar aventuras, armei o meu barco de cautchuc e fui n'elle.

O canal que segui vae desembocar n'um braço do rio que tem 20 metros de largo por 6 de fundo, com corrente rapida de 50 metros por minuto.

O rio divide-se, formando ilhotas baixas e encharcadas, onde cresce um canavial espesso. É n'estas ilhotas, ainda cortadas por pequenos canaes, formando um verdadeiro labyrintho, que assentam as povoações Ambuelas n'um solo pantanoso, ao nivel do rio. As casas são meio encobertas pelo canavial basto. As paredes são construidas de caniços, assentes sobre estacaria e as coberturas são de côlmo.

Casas, como tudo o que fazem estes Ambuelas, são pessimamente construidas, e pouco abrigam. Fôra das portas, pendem de grandes estacas enormes cabaças, onde elles guardam a cêra e outros objectos.

As proprias casas estão atulhadas de cabaças. Entre os Ambuelas, a cabaça é mala, é cofre, é o seu principal traste de mobilia.

Os depositos de mantimentos, só differem

das casas de habitação em estarem dois metros elevados do solo, sobre estacas, e por isso livres das inundações do rio.

N'uma das ilhotas mora o sova Moene-Caú-eu-hue. Ha alli a sua casa de habitação, quatro mais, de quatro mulheres, e alguns depositos de mantimentos.

Junto da casa do regulo estão misturados em tropheu rustico, caveiras, cornos e outros despojos de caça.

Moene-Caú-eu-hue recebeu-me tendo a seu lado dois dos seus favoritos.

Logo que me sentei, o meu interprete e um dos favoritos começaram um estridente bater de palmas, e apanhando uma pouca de terra, esfregaram com ella o peito, e repetiram muitas vezes apressadamente as palavras *Bamba* e *Calunga*, terminando por novo bater de palmas muito rapido mas pouco forte. Estavam os cumprimentos feitos.

O regulo quiz vêr o meu barco, e fez n'elle uma pequena excursão pelo rio.

O seu espanto, ao vêr o poder de fluctuação do barco portatil, nao tinha limites, e muitas vezes me repetiu, que não vendesse d'aquelles barcos aos Ambuelas do Cubanguí, senão estavam perdidos.

Tranquillisei-o dizendo-lhe, que os brancos não queriam guerra entre elles, e por isso teriam todo o cuidado em não lhes dar os meios de a fazerem.

De volta á ilha, mandou elle vir uma cabaça de *Bingundo*, e um copo de folha de flandres, lata troncozónica de marmelada de Lisboa, deixada alli por algum sertanejo Biheno, em viagem de commercio.

Cheio o copo, entornou o sova algumas gotas do liquido fermentado no solo, e cobriu de terra humida o sitio, bebendo em seguida todo o seu conteúdo.

Tendo-lhe dito o interprete, que eu só bebia agua, elle passou a cabaça aos seus favoritos, que a esgotaram em um momento. Ao meio dia estava de volta ao meu acampamento.

Estive n'esse dia com um indigena, irmão do sova, que me disse, ter descido d'alli ao Zambeze embarcado pelo Cuchibi e Cuando.

Este preto é intelligente, e falla bem o portuguez, por ter sido soldado em Loanda, para onde fôra vendido no tempo da escravatura. É um grande caçador, e muitas vezes percorreu nas suas excursões cyneceticas, as margens do Cuando até Linianti.

Disse-me, ser o Cuando completamente navegavel, sem rapidos, mas por vezes alargar tanto que adquire pouco fundo, e ser tão poderosa a vegetação aquatica, que prende os barcos, tornando em alguns pontos difficil a navegação.

Affirmou-me, e depois tive occasião de verificar nas localidades, que o rio Cuando se chama sempre Cuando até Linianti, e d'alli ao Zambe ainda Cuando ou rio de Linianti e nunca Chobe ou Tchobe, como vem designado nas cartas.

A raça Ambuela continúa no Cuando o mesmo systema de vida que tem no Cuchibi, e as ilhas são ainda o local onde edificam as suas povoações.

Nas margens do Cuchibi reaparece o luxo dos penteados, que tinha desaparecido com a raça Quimbande. O buzio miudo, *caurim*, è de novo muito apreciado alli, não para enfeitar as cabeças, mas para fazer largos cintos adornados com elle.

No fim do canal onde embarquei para ir a casa do sova, notei dois molhos de grossos paus espetados verticalmente e distanciados de alguns metros. D'estes paus pendiam bocados de esteiras já meio apodrecidas do tempo. Indagando o que era aquillo, soube que junto áquelles paus se praticava a circuncisão ás creanças masculas de 6 a 7 annos, e depois as mandavam para o matto completamente despidas, até completa cura, sendo-lhes ministrada a alimentação pelos operados do anno antecedente. Elles no matto teciam esteiras para cobrirem a sua nudez, e ao reentrarem nas povoações, deixavam-nas penduradas nos paus em que haviam sido operados.

Mostraram-me alli tambem outra engenhoca muito curiosa.

Sobre duas forquilhas toscas elevadas meio metro da terra, descança um pau cylindrico de um metro de comprido com 30 milímetros de diametro, envolvido em palha fortemente amarrada, que lhe dá um aspecto fusiforme.

Este aparelho è feito por um cirurgião de fama, que lhe incute um poder extraordinario. Logo que um marido suspeita sua mulher de esterilidade, manda chamar o cirurgião, que a conduz junto ao *curativo*.

No meio de palavras cabalisticas, è-lhe esfregado o peito e as costas com o precioso pau envolto em palha, e afiançou-me o sova, que o resultado apenas se fazia esperar nove luas.

Apesar da muita fé que os Ambuelas tem

n'este systema de terminar a esterilidade, eu não me atrevo a aconselhal-o na Europa.

As minhas relações com os indigenas eram as mais cordiaes e affaveis.

As filhas do regulo continuavam a trazer-me presentes, e só ellas proviam á minha alimentação e á dos meus muleques de serviço.

Coisa que eu desejava era logo procurada e a minha vontade satisfeita, querendo ellas fazer acreditar ás outras, que entre nós existiam relações mais intimas do que as de uma leal amizade. Eu sabia que era uma vergonha para ellas o serem repudiadas pelo forasteiro a quem se dão, e deixava-as apparentar a meu respeito o que realmente não eram.

Viviamos assim nos termos da melhor amizade, sendo verdadeiramente importante a coadjuvação que ellas me prestavam, para obter os carregadores e mantimentos de que eu precisava, para atravessar uma larga zona despovoada e falta de recursos.

Pude obter larga provisão de milho e algum feijão, sendo a maior parte presente das filhas do regulo.

Os meus haveres tocavam o seu fim, e salvo uma grande porção de polvora encartuxada, alguma missanga e pouco cobre para manilhas, já nada mais possuia. Dois dos meus carregadores levavam o presente que eu destinava ao regulo do Barôze, no qual figurava um realejo, em cuja tampa dois bonecos automaticos, que dançavam ao som do moinho de musica, faziam divertir enormemente o gentio. O meu Augusto aproveitava a curiosidade dos indigenas, explorando-a em meu favor, e fazendo vêr o realejo em acção, a troco de ovos de gallinha, que elle tinha o cuidado prévio de deitar em agua para vêr se estavam em bom estado, porque mais de uma vez no principio, foi enganado pelo gentio manhoso, que ávido de satisfazer a curiosidade, não hesitava em ir aos ninheiros tirar ás gallinhas os ovos incubados.

Moene-Caú-eu-hue, de certo a instancias das filhas, resolvia todas as difficuldades que se apresentavam, e preparava-me rapidamente a partida.

Ellas tinham resolvido acompanhar-me até onde fossem os Ambuelas, devendo ser Opudo quem dirigisse a horda dos seus subditos.

Antes de seguir os acontecimentos da minha viagem, direi mais algumas palavras do paiz e dos Ambuelas, que tão hospitaleiros foram para mim.

A lingua Ambuela não é mais do que a lingua Ganguela, a mesma que se começa a fallar a leste do rio Cuqueima.

Como o Hambundo, de que é um dialecto, é pobrissima, muito irregular nos verbos e falta de todos os vocabulos que exprimem um sentimento nobre e generoso.

Serão tão infelizes estes povos que não sintam a necessidade de exprimir esses sentimentos pela palavra, por serem elles estranhos á sua existencia?

Impossivel me foi averigual-o, mas não me repugna crê-lo.

N'este ponto, onde fui recebido como amigo, e por isso livre de qualquer influencia que predisposse o meu espirito contra o gentio Africano, não pude lèr ainda nos arcanos da alma do negro, mais do que sordida cupidez, a material lascivia, a cobardia em presença do forte, a ousadia contra o fraco.

Os povos Ambuelas são, de todos os que encontrei no meu caminho, os que em maior escala cultivam a terra, que lhes paga o trabalho que elles lhe dispensam com prodigalidade admiravel.

O feijão, a abobora, a batata doce, a ginguaba, o ricino e o algodão, são cultivados entre as enormes searas de milho de optima qualidade. Tambem cultivam estes povos a mandioca, mas pouca pude obter, por terem sido n'aquelle anno destruidas as plantações d'ella por uma cheia do rio extemporaneo.

As gallinhas são o unico dos animaes domesticos que possuem os Ambuelas. O seu viver, sempre em receio dos ataques dos visinhos, faz com que estes povos não sejam pastores, deixando ao abandono as extensas planicies cobertas de viçoso pasto, onde poderiam apascentar enormes rebanhos.

O gado bovino deixa de apparecer onde desaparecem os Quimbandes.

O caprino apparece, ainda que raro, entre os Luchazes, entre os quaes apparece mais raro ainda o porco domestico, que abunda no Bihé e entre o Bihé e a Costa Oeste.

Em paizes cobertos de ubérrimas pastagens, livres da terrivel mosca zê-zê, em todas as condições desejaveis para largas creações de gados, porque faltarão elles?

Não é talvez difficil encontrar a explicação. O gado é a riqueza maior dos povos Africanos, e excita sempre a cupidez dos visinhos, sendo como eu já tive occasião de dizer, a causa per-

manente das guerras entre os povos que demoram da Costa Oeste ao Bihé.

O receio de ser rico, e por isso de ser atacado e roubado, não é estranho talvez á falta de gados que se encontra do Cuanza ao Zambeze. Entre estas barbaras gentes os paradoxos são vulgares, e ha alli principios estabelecidos e arraigados que difficilmente podem ser comprehendidos na Europa.

O cão, esse fiel e dedicado amigo do homem, não desmente junto do preto o seu mister de companheiro desvelado, e vigia ladino, encontrando-se entre todos os povos das raças Ganguelas. É verdade que uma variedade de gozos e alguns podengos degenerados, são apenas os especimens que se encontram da raça canina n'esta parte de Africa. Entre os Quimbandes e os Bihenos são os cães desveladamente tratados, porque são destinados a serem comidos, e são apreciado manjar.

Os Ambuelas, como disse, com elementos para serem dos primeiros povos pastores da Africa Austral, nenhum gado possuem, e apenas fazem criação de uma variedade de gallinhas muito pequenas.

Entre os habitantes do rio Cuchibi não ha logares destinados para cemiterios. Os sovas são enterrados no matto em logar separado, mas o povo é indistinctamente sepultado no lodo do rio.

Os Ambuelas tem costumes brandos, e é mais franca a sua hospitalidade.

São bastante caçadores, e apanham muita cêra nos mattos.

A mulher tem mais alguma consideração entre elles do que entre os outros povos que até alli visitei, onde é apenas escrava ignobil.

Estes indigenas são muito pescadores, o que não admira vivendo no meio de um rio cuja fauna aquatica é variadissima.

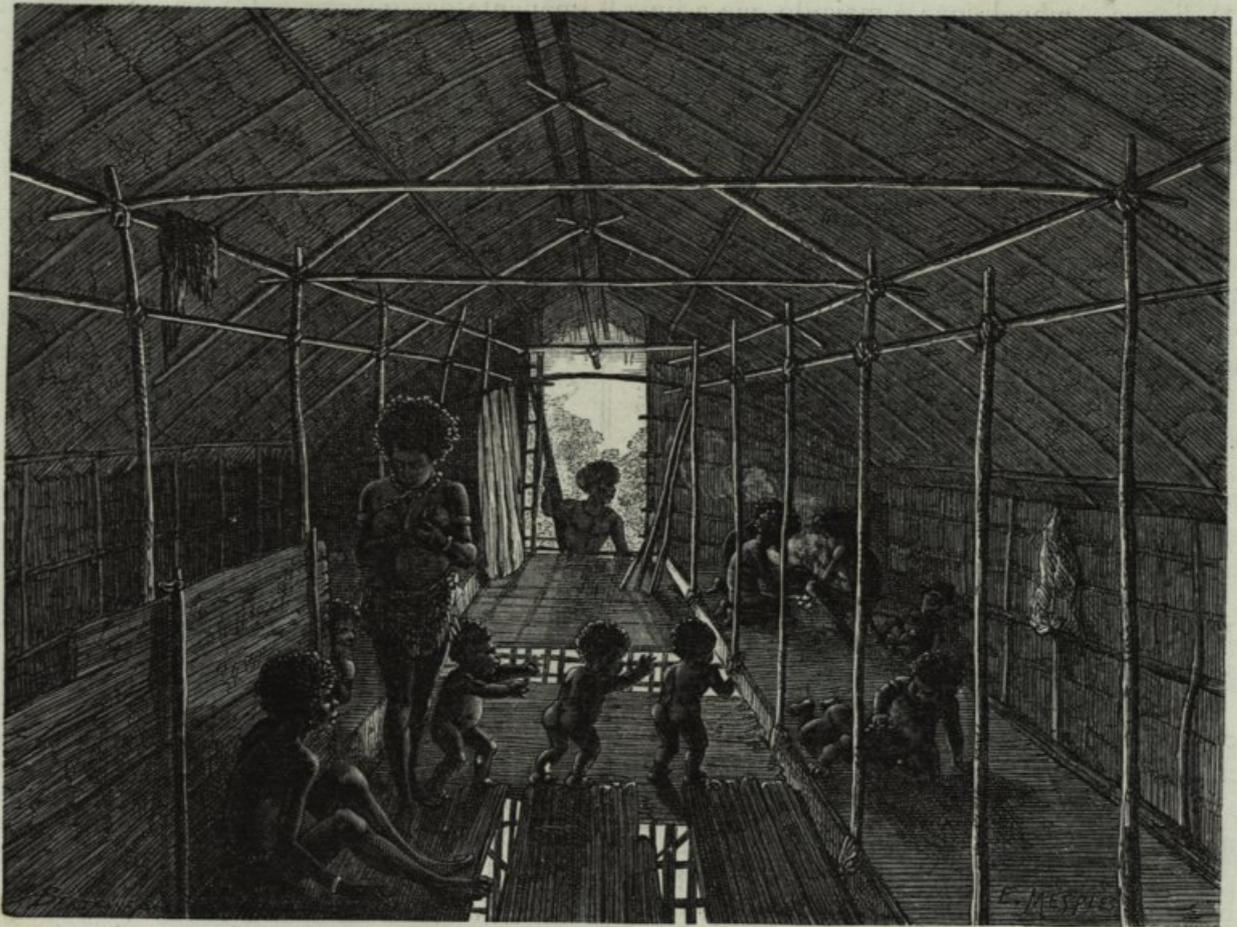
Effectivamente, de todos os rios que até alli encontrei, nenhum vi tão piscoso.

Pude obter dos indigenas, durante a minha estada alli, 18 variedades de peixes, assegurando-me elles haverem outras ainda.

Ainda os reptis que habitam as aguas do rio são numerosos, que os crocodilos são pequenos e pouco vorazes, e as cobras umas são, outras não venenosas.

Tem uma grande variedade de batrachios, que os Ambuelas não distinguem, dando a todos indistinctamente o nome de Maniunda.

(Continua.)



INTERIOR D'UMA CABANA EM AMBERBAKI

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuação da folha 4 — 3.º anno)

A PRAIA em que se erguiam as cabanas chamava-se Mononkowi. Não farei descripção dos habitantes da ilha Mafor, visto serem da mesma raça que os de Dorey.

Como o indica o seu nome, a ilha Mafor foi o berço das tribus Mafors que desde annos emigram para a Grande-Terra, acoçadas pelos inimigos, os piratas biaks e principalmente Ouandamen, que parecem ter jurado o seu extermínio.

Collocada quasi no centro da bahia Geelwink, a igual distancia da ilha de Biak e da costa Ouandamen, pequena e isolada, de facil accesso com os ventos do sudeste, frequentes de ulho a setembro, a ilha Mafor é uma presa

para os piratas mui facil, pois que os seus habitantes, mais ainda que todos os outros Mafors, são medrosos.

Além d'isso, a ilha é inteiramente madreporica, por tanto pouco fertil e, não possuindo nenhuma corrente d'agua, não tem condições para o desenvolvimento da população. Por isso ha muito que os Mafors abandonam sem saudades essa patria tão miseravel.

E todavia esta pequena ilha Mafor é agradável á vista e não tem o aspecto frio e selvagem da Grande-Terra. Depois de ter caminhado duzentos ou trezentos metros, atravessando uma zona de florestas que se desenvolvem em terrenos pantanosos, achamos-nos em frente d'uma



CASA AERIA EM MEMIAUA

pequena collina de vinte metros de facil accesso até ao planalto, que com pequenas ondulações parece estender-se por sobre a ilha toda. Aqui o solo é arido, poroso, formado de rochas madreporicas a nú e cobre-se de florestas, onde ha clareiras cobertas de formosos fêtos.

O aspecto d'estes grupos de fetos faz-nos suppôr que elles são contemporaneos das florestas que os cercam, e não o resultado d'antigas queimadas. Onde os Papús fazem queimadas, encontram-se durante annos troncos d'arvores por terra, semi-calcinados, onde numerosas vergonteas cobertas de folhagens parecem renascer das proprias cinzas, e são geralmente as arvores pouco corpulentas indicio d'uma terra onde houve arroteamento, ha mais ou menos tempo abandonado. As rochas muitas vezes a nú, rachadas, rugosas, cortantes, aceradas, difficultam e tornam perigoso o caminhar.

À beira d'este planalto vi, no meio de zonas de floresta abatidas que, juntando-se ás clareiras naturaes, formavam vasta área descoberta, cabanas encavalladas em altas estacas e habitadas por Papús. Estes indigenas, pela sua attitude, pelo seu ar mais marcial, pelos seus cabellos cuidadosa e laboriosamente penteados, pareciam differençar-se dos Papús da costa. É bastante notavel que em toda a parte, em a Nova-Guiné, se encontrem duas populações distinctas, a da costa e a do interior: a primeira sempre mais docil, viajante, vivendo miseravelmente dos aca-sos da pesca; a segunda mais selvagem, mais hostile aos estrangeiros, sedentaria, dada á agricultura, geralmente mais robusta e temida pela população maritima.

Haverá alli duas raças, uma autochthone e outra invasora, ou será uma mesma raça na qual se deu uma scisão nos costumes, uma alimentação differente e enfim uma especie de selecção natural que a tornou mais sensivel?

Eu creio que em certas partes ha duas raças distinctas e n'outras uma raça muito modificada. Em Dorey e em Aiambori ha sem duvida na costa Mafors e nas montanhas Arfaks, que apresentam differenças moraes e physicas notaveis, emquanto que em Amberbaki a população maritima d'Ouépaï e os montanhezes de Mémiaua são todos Mafors.

Os habitantes da ilha de Mafor parecem ser tambem todos Mafors e adiante se verá que os insulares de Korido dão logar a identica observação.

Estes pobres Mafors estavam sempre áler-ta,

investigando o horisonte, afim de a tempo fugirem para as florestas logo que avistassem os seus inimigos, ou examinando as pegadas na areia a ver se descobriam signaes desconhecidos. Esta inquietação não era sem fundamento; alguns mezes antes da minha chegada, cinco pirogas de Ouândamen aportaram d'improviso á ilha Mafor, mataram onze homens e fugiram levando comsigo dezaseis mulheres e nove creanças que escravisaram. Ainda se vêem n'uma praia rodeada de coqueiros as cabanas desertas e em ruinas da infeliz povoação. Diziam até que havia uma flotilha d'*houni* (piratas) que andava em volta da ilha.

Tres dias depois da minha chegada, seriam onze horas da noite, quando me vieram acordar, dizendo-me que um consideravel numero de piratas Ouândamen nos ia atacar. Levantei-me promptamente, distribui munições aos meus caçadores, peguei na minha carabina e no meu revolver e dispuz-me a receber o inimigo. As mulheres fugiam para a floresta; os homens puzeram-se de vigia; a noite era escura e por tanto favoravel ao assalto. Esperava a cada momento ouvir sibilar uma flecha ou ver deslisar por entre o matto uma fórma indecisa e suspeita; os Mafors a cada instante e em cada sombra julgavam vêr um inimigo. Esperei mais de duas horas, mas, como cousa alguma dava signal de si, tornei a entrar para a tenda, onde me estendi vestido sobre a cama com as armas carregadas á cabeceira; coisa alguma me veio perturbar o somno.

No dia seguinte de manhã não chovia, coisa rara na ilha Mafor depois da minha chegada; aproveitei o bom tempo para fazer uma longa excursão.

Seriam quatro horas da tarde quando, ao approximar-me do meu acampamento, ouvi o som da trombeta dos Papús, immenso buzio no qual fazem um buraco que lhes serve de bocal. Este instrumento primitivo dá um som semelhante ao mugir do toiro que se ouve a muita distancia. Os Papús servem-se d'este signal para annunciar aos que andam nas florestas que os inimigos se approximam. Os Mafors que me serviam de guias correram para a povoação e segui-os, para em caso de necessidade, proteger o meu acampamento.

Com effeito, a uma certa distancia no mar, viam-se tres grandes pirogas que visivelmente se dirigiam para a ilha Mafor. As mulheres fugiram para a floresta e só tinham ficado os ho-

mens aptos para combater. Todos estavam convencidos que eram os piratas, e os meus caçadores queriam fazer fogo; oppuz-me energicamente, querendo eu ser o primeiro a fazer fogo, se tal proceder julgasse indispensavel.

Felizmente estava baixa-mar e as pirogas foram obrigadas a fundear a certa distancia da costa. Os que as tripulavam saltaram á agua que lhes dava até ao joelho e dirigiram-se para nós, mas nós immediatamente vimos que vinham como amigos. Eram piratas Biaks, os mesmos que eu encontrara no regresso d'Amberbaki e que agora não estavam mais, do que então, dispostos a combater. O chefe veio mesmo estender-me a mão; os habitantes de Mafor pareciam pouco socegados e não tiveram relações algumas com os Biaks, a quem dei algum tabaco, depois do que immediatamente voltaram para bordo e desappareceram.

Depois do nosso encontro, estes piratas tinham ido á ilha Waigion, isto é, tinham feito, ida e volta, uma viagem de mais de mil kilometros, navegando nas suas pirogas pelo alto mar.

Disseram-me ter decepado duas cabeças que eu offereci comprar, ao que se recusaram, o que me fez suppôr gabarem-se d'um crime que não tinham commettido.

Durante dois dias, não se tornou a ouvir falar em piratas e unicamente fui incommodado por uma chuva incessante, semelhante a um pequeno diluvio, que ameaçava afogar-nos dentro da minha tenda.

Depois mais uma vez fomos dispertados pelo boato de que os piratas estavam acampados perto de nós, por detraz d'um cabo formado ao norte pela bahia. Armaram-se em guerra duas pirogas em que foram Markus e o sanadi Brouss, cada um armado d'uma espingarda.

Passou-se a tarde e cahiu a noite sem que as pirogas tivessem voltado. Inquietava-me esta tão longa ausencia de Markus, que me era muito dedicado e que me contristaria extraordinariamente, se alguma coisa má lhe tivesse succedido. Por fim, seriam nove horas da noite, cantos e gritos misturados com o ruido cadenciado dos remos, chegaram até mim; eram os nossos homens que voltavam depois de ter, diziam elles, visto e dado caça a duas pirogas desconhecidas, cujas tripulações com effeito tinham deixado na praia, no sitio indicado, vestigios de passos e de fogueiras.

Na ilha Mafor havia um velho, cujo typo e côr de pelle mais clara me despertavam a curiosi-

dade; evidentemente não era um Papú, posto que fallasse a sua lingua e tivesse todos os seus costumes. Á força de perguntas pude chegar a saber que era um malaio, arremessado, muito creança ainda, á praia depois d'um naufragio e que se tornára Papú a ponto de completamente ter esquecido a sua lingua.

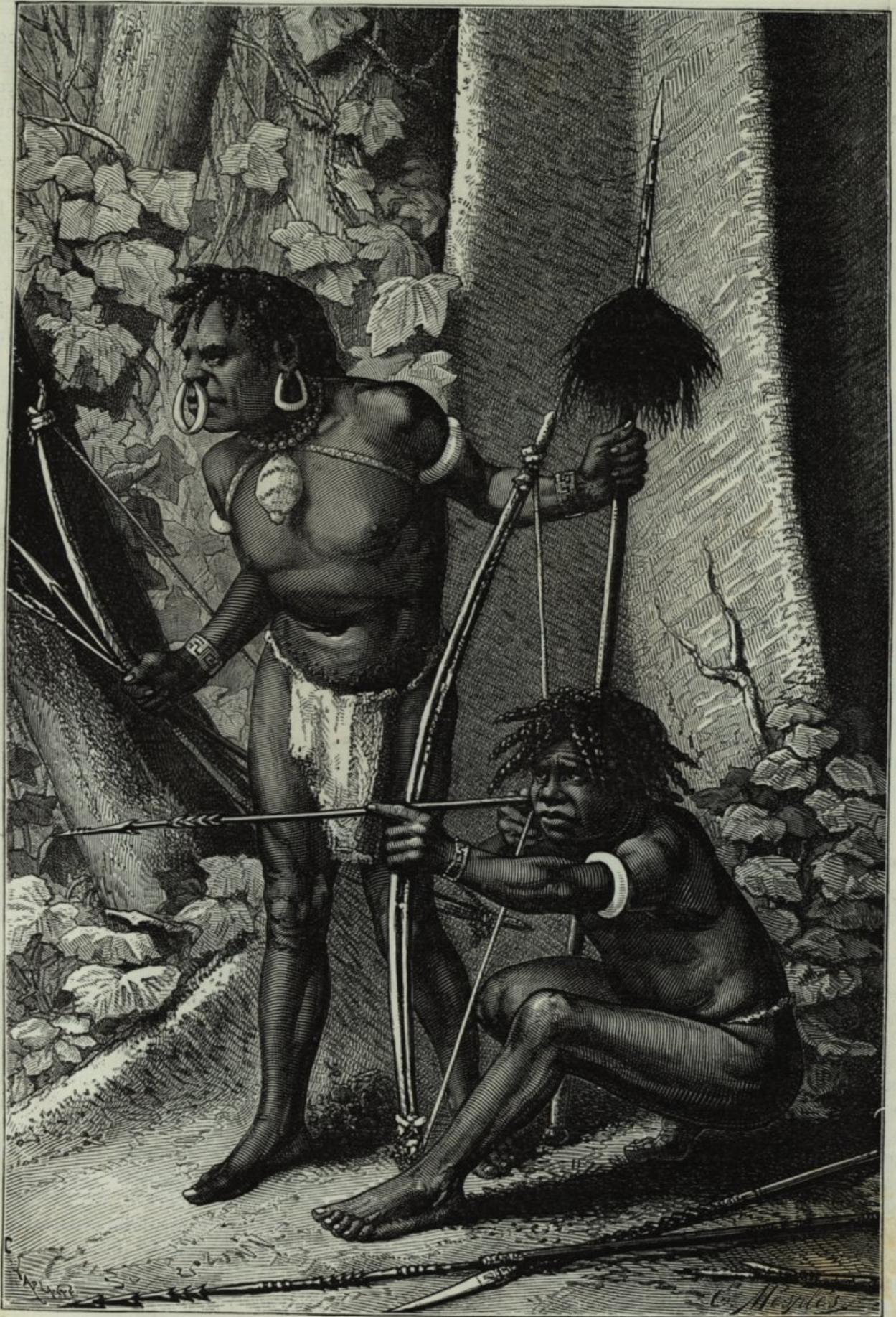
Uma mulher já edosa estava atacada de loucura furiosa que os maus tractos dos seus compatriotas sem duvida augmentavam. Um dia que ella viera vociferar para junto da minha tenda não pude obstar a que um Papú a afugentasse com pauladas. Foi o unico caso d'alienação mental que observei.

A ilha Mafor, é com razão afamada pelos seus vasos de madeira habilmente feitos de pedaços de troncos d'arvores; vi um prato que devia ter pertencido a uma arvore immensa, pois que tinha mais d'um metro de diametro.

Antes d'abandonar a ilha Mafor quero descrever uma sepultura curiosa. Debaixo d'uma cobertura de folhas de coqueiro havia, contendo ossos, um cofre de madeira com o comprimento de um metro, sustentado por um pé; em frente do cofre estava uma pequena meza redonda tendo em cima uma taça de porcelana com as bordas recortadas, na qual sem duvida eram depositos viveres e offerendas por intenção do defunto.

Partimos, mas ventos contrarios obrigaram-nos a fundear logo em frente d'uma povoação chamada Namber, composta de duas ou tres cabanas construidas ao fundo d'uma bahia separada do mar largo por uma muralha natural de rochedos, onde unicamente havia uma estreita abertura por onde passavam pirogas de pequena lotação. Só depois do meio dia, o vento se tornou favoravel e pudemos continuar a nossa derrota, costeando a costa sul da ilha Mafor, cuja direcção é este-sudoeste. Esta costa que, como o resto da ilha, me pareceu composta de rochedos madreporicos, é uma penedia escarpada de quatro ou cinco metros d'altura e coberta d'uma vegetação tão vigorosa como o é a das outras partes da Nova Guiné. Seriam dez horas da noite quando fundeamos n'uma pequena bahia ao fundo da qual julguei avistar uma povoação. A noite estava muito escura e a superficie lisa do mar parecia a superficie d'um espelho coberta de traços phosphorescentes; parecia que sobre a agua tinham lançado oleo inflammado.

Era a primeira vez que eu via dar-se o phenomeno da phosphorecencia sem que a agua

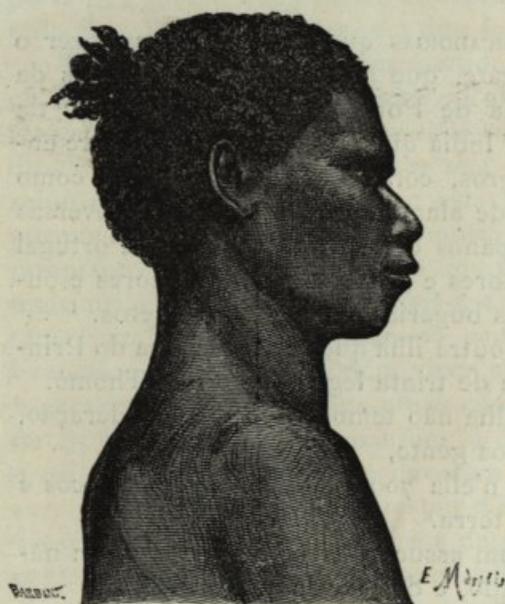
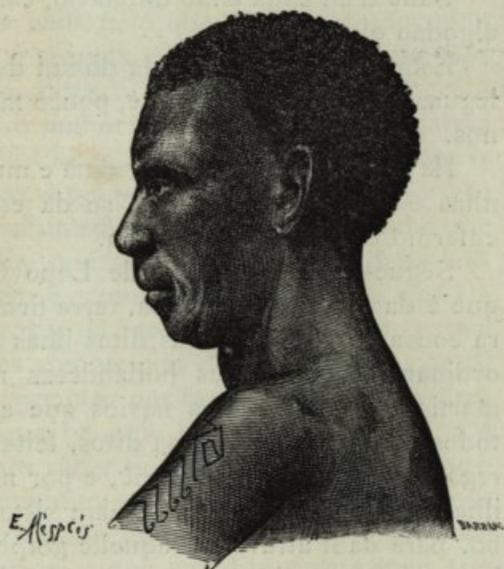


PAPUS KARONS (anthropophagos)

tivesse a menor crispação; sempre vira a phosphorescencia em resultado do embate de vagas, no sulco deixado por um barco, do bater dos remos na agua, d'um attrito qualquer; mas aqui nada d'isso succedera, o mar semelhava uma ampla toalha de seda preta manchada de prata e ouro. Era um espectáculo deslumbrante.

Na manhã seguinte mandamos homens a terra fazer uma provisão d'agua, e elles voltaram com um dos habitantes da povoação que veio á nossa piroga e entabou uma extensa conversa com Brouss, em quanto que o nosso barco, deslizando suavemente, levava a reboque a pequena

piroga em que viera o indigena, guiada por uma creança de dez annos. Apesar da minha ignorancia da lingua Mafor, ouvi muitas vezes as palavras *Kain*, *Sarong*, indício certo de que se tratava d'uma compra. Estando baixa-mar, e sendo a ilha Mafor do lado do sul cercada por bancos de colar á flor d'agua, que se estendem até muito longe (quasi até á ilha Miosnom, de que eu no horisonte avistava as duas montanhas) a nossa piroga deu em secco tendo mesmo de ser escorada para não adornar. Brouss, aproveitando esta paragem, abriu as suas caixas e tirou dez kaibiron (peça de tecido d'algodão azul) que



PAPUS OUOSAONIS

entregou ao indigena. Eu não via mercadoria alguma e só um escravo podia valer aquella somma (cerca de 147400 réis). Com effeito tratava-se d'escravatura e a mercadoria era esse Papú que ficára na pequena piroga e que de cousa alguma desconfiava.

Concluido o ajuste, foi necessario entregar a mercadoria; mas era uma mercadoria dotada de intelligencia e vontade. A creança chorou, berrou, oppoz resistencia; mudar de dono era o desconhecido e o desconhecido assustava-a. Tiraram-o á força sem o maltratar e a piroga afastou-se. Tiveram de o segurar; queria deitar-se ao mar; Brouss deu-lhe um pouco de sagu e a creança, vendo que provavelmente nada tinha perdido com a troca, consolou-se facilmente.

Esta scena d'escravidão leva-me a fallar dos escravos Papús. Sob o dominio dos sultões malaios nas Molucas e antes das prohibições seve-

ras dos Hollandezes, era este o mais importante objecto de commercio na Papuasia. Se hoje os Malaios não podem comprar escravos aos Papús, porque os não poderiam levar para as Molucas, os Papús conservaram a escravatura e os escravos são mesmo mais numerosos na Nova Guiné, do que á primeira vista se suppõe. Quasi cada Papú tem um ou muitos escravos, e se isso não se percebe facilmente é porque entre senhor e escravo ha pouca differença nas condições materiaes da vida. Trazem o mesmo vestuario, alimentam-se do mesmo modo, e chegam mesmo a ter interesses communs.

Não vi que o escravo fosse mais maltratado que os membros da familia; ás vezes alforria-se, casa e, n'esta sociedade sem preconceitos, torna-se egual ao seu senhor.

(Continua.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES
COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuação da folha 4 — 3.º anno)

AS MERCADORIAS que se levam para fazer o resgate, que atraz se diz, são panos da India de Portugal e busio que vem da dita India que é o dinheiro que corre entre os negros, coral, «laquequa» que é como umas q.^{tas} de alambre, outras contarias diversas de vidro, panos ordinarios, azueis de Portugal de varias cores e grans e bonets de cores e outras muitas bugerias de diversos generos. ¹

Temos outra ilha que se chama Ilha do Principe, cousa de trinta leguas da de S. Thomé.

N'esta ilha não temos força de consideração, mas tem boa gente.

Haverá n'ella 700 visinhos, entre brancos e creolos da terra.

Dá algum assucar, arroz de que vae um navio carregado, e dois, cada anno a Lisboa.

Nem serve d'outra coisa.

Tem dez ou doze leguas de largo, e está em 1º e meio da banda do norte.

Temos outra ilha, sem força alguma, nem serve de mais que dar algodão, que se chama a Ilha d'Anno Bom.

Será de 3 ou 4 leguas.

Tem gente preta que lavra este algodão.

Entendo que é de um Senhor de Portugal, porque toda a gente que ella tem é captiva, que não é muita.

Sahe d'ali cada anno um navio, carregado de algodão que vale muito.

Está 2º e meio da banda do sul da linha, 40 leguas da ilha de S. Thomé, pouco mais ou menos.

Ha nesta ilha muito boa agua e muitas gallinhas e gado de cerda, que se dá esta carne a enfermo os por ser bonissima.

Segue-se logo o cabo de Lopo Gonçalves, que é da dita costa d'Africa, terra firme, que será cousa de 50 leguas das ditas ilhas adonde de ordinario estam naves hollandesas resgatando marfim, e como nossos navios que andam por todos estes resgates acima ditos, feitas suas carregações vovem a S. Thomé, e por não errar a ilha, quando vão buscar, tomam vista deste cabo, para dahi atravessar aquelle golpho daquellas 50 leguas, ali os estam aguardando os ditos hollandezes e os tomam, no que fazem grandissimo damno.

Indo seguindo a costa, do cabo de Lopo Gonçalves para o sul, cousa de cem leguas, pouco mais ou menos, um rei nosso amigo que se chama o Loango, aonde de ordinario teem os hollandezes uma ou duas naves no porto e em terra uma feitoria em que resgatam marfim, e nós temos outra no mesmo porto, e com o mesmo rei

lhe attribue Garcia da Orta, lhe veiu o nome de estanca-sangue. É bem conhecida hoje.

Traduzimos *coloridos*, por panos de varias côres, de accordo com outros textos, e *granas* por *grans*. A gran é uma especie de cochonilha, a *kermes (coccus ilicis, L.)* ou *gran-escarlata*, ou *kermes grana*, da pharmacia. Dá uma excellente materia corante e era antigamente usado tambem em therapeutica.

Alambre, é claro, é o ambar. Dos pannos de palha que por vezes se citam n'estes documentos, fallaremos quando publicarmos outros.

¹ *Laquequa*, *laqueca* ou *alaquequa*, pedra branco-opalina, ou alaranjada, e lustrosa, como dizem os dicionaristas, é termo asiatico, (?) dizem elles, Garcia da Orta mete-a na lista das pedras preciosas, e diz: «A alaqueca, chamada de nós (que em arabio é chamada *quequi*) vale um arratel d'esta pedra lavrada em peças meudas, um real castelhano, e esta pedra tem a virtude mais clara que todas as outras, porque estanca o sangue mui supito.» Alguns authores dizem, que d'ella se faziam brincos, e d'ahi e de outras circumstancias suppõe Moraes (Dicc.) que fosse a coralina. Da virtude que

resgatamos panos de palha, que nos servem de dinheiro para o reino d'Angola, por maneira que lá temos uma feitoria e os hollandezes outra, e isto de ordinario, que a elles como lhes custam as fazendas pouco dinheiro, que as levam das suas terras e outras que roubam, dam muito mais pelo marfim, e por este respeito o gentio acode a elles pela dita commodidade, o que nós não podemos fazer porque nos custam mais e não as roubamos.

Aqui se devia mandar fazer uma fortaleza, que o rei é nosso amigo, e enviar-lhe lá quatro padres da Companhia de Jesus porque o dito rei pediu já que lh'os enviassem, que para esse effeito não ha outra religião mais a proposito que esta para permanecer nella pelo que tenho visto no reino do Congo e Angola e que mais instancia faça nella que os ditos.

Este rei é senhor do cabo de Lopo Gonçalves até o rio de Congo da parte do norte, e com ir e estar lá os ditos padres farão com que o dito rei não consinta em sua terra, que é o cabo que acima se diz, que se faça resgate aos ditos hollandezes nem os consinta em sua terra, mas antes os matem se lá forem, e assim se irão extinguindo estes commercios dos hollandezes por ali onde tanto prejuizo nos fazem, e os ditos padres saibam o que ha pelo reino adentro, que nós não podemos saber por que não ha ido pela terra adentro nenhum portuguez até agora, nem se sabem as riquezas que ha nellas, o que se saberá fazendo-se o que fica dito e será mais frequentada de portuguezes do que é hoje, que não vão lá com medo, por não haver quem falle por elles ao rei.

Este reino de Loango é visinho do rei de Congo e divide-os um rio que se chama Zaire e cá lhe chamamos o rio de manicongo.

Tem este rio cousa de sete leguas de boca.

Este rei de Congo haverá cem annos, pouco mais ou menos, que tem a nossa amisade e pediu baptismo e christandade em tempo dos reis de Portugal, enviaram-se-lhe muitos religiosos para isso e ha hoje ali muitos naturaes grandes latinos e clerigos, filhos da propria terra, e ha bispo de Congo e Angola que ha pouco faleceu vindo a esta côrte, e de poucos tempos a cá se tem damnado de maneira que hoje tem em seu porto naves hollandezas e o Mauricio lhe envia suas embaixadas e elle as recebe, publicas e secretas.

Resgata-se n'este porto a que chamam Pinda, marfim, e de ordinario veem uns navios e vão outros.

Tem-lhe pedido Sua Magestade a este rei que o deixe fazer uma fortaleza n'este porto, e para isto enviou por governador a um Antonio Gonçalves Pitta, com gente e fabrica, haverá quatro ou cinco annos e como Sua Magestade o enviou a pedir a dita licença, o dito rei o entreteve de modo que os «albarules» e obreiros que para isso levava morreram na cidade de S. Paulo a donde o dito Antonio Gonçalves Pitta foi aportar para d'ahi ir a Congo fallar com o dito rei, o qual não a quiz dar nem a dará senão se fizer como tenho dito aos ministros de Sua Magestade do reino de Portugal com outras advertencias importantes para o que convem ao serviço de Deus e de Sua Magestade fazer-se a dita fortaleza.

Têm os ditos hollandezes mettido n'este reino a seita de Martim Luthero e Calvino e outras, pelo que convem enviar-se lá treze padres da companhia e que um d'esses seja o bispo do reino de Congo e Angola que está hoje vago, porque estes religiosos fazem muito effeito lá, porquanto o dito rei lhes tem muito respeito mais que a nenhuma outra religião, e alem d'isso tem Sua Magestade enviado ali padres de S. Francisco que lá não podem viver nem a terra é para isso. Foram, haverá cinco annos, padres de S. Domingos e não poderam lá caber, nem o rei fazia caso d'elles que deveram fazer cousas, pelas quaes o rei não gostou d'elles, e devia-se enviar ali estes religiosos da companhia para que ensinassem e fizessem collegio e tomassem gente da terra para companheiros por haver lá muitos clerigos, filhos da terra, e os doutrinassem como convem e elles costumam fazer.

Alem de que, como no dito reino ha infinito cobre, que ha minas abertas, elle deixará que as mande Sua Magestade beneficiar, posto seja mister gente que leve o governador que agora vae para este effeito.

Em toda esta costa, desde o castello de S. Jorge até este porto de Pinda que é Congo, e que deve de ser cousa de 350 leguas de costa, d'onde vem chamar-se Sua Magestade, Senhor da Guiné, não tem mais força do que esta de S. Jorge da Mina, pelo que se devia mandar fazer estas fortalezas que digo e mandar que a povoação que ha em Pinda, que é cousa de 100 moradores brancos, creolos de S. Thomé, se mude para juncto da referida fortaleza, que ha razão para isso, que se houver algum levantamento n'este reino, tenham os portuguezes onde se recolher, porque ha mais de 1:500 homens espalhados por todo o reino.

Está em seguida o reino de Angola, junto d'aquelle, confinando um com o outro, que ha quarenta e seis annos que começámos a conquistar, e foi o primeiro governador a conquistal-o, com quem eu fui, Paulo Dias de Nôvaes. Temos conquistado pela terra dentro cousa de 100 leguas de largura e de 80 de comprimento, pouco mais ou menos, e é todo povoado, havendo cerca de 200 fidalgos, estes senhores das ditas terras, que chamam Sovas, e que têm prestado vassalagem a Sua Magestade, entre os quaes não se tem feito christandade por negligencia de cá, por não se acudir com religiosos da Companhia, que os padres que ha hoje no dito reino não são mais de dez ou doze que sômente estão e servem na cidade de S. Paulo, onde estão com casa e convento que vão fazendo, e assim os christãos que ha no dito reino e na ilha de Loanda que está junto á cidade de S. Paulo, elles os têm feito christãos que já hoje ensinam os citados gentios por sua lingua que a aprendem muito bem como a doutrina que lhes ensinam, pelo que convem acudir com os ditos padres e fazer um d'elles bispo como ha na India de Portugal e têm lá feito grande christandade, o que ali não acontece por causa dos bispos que muitas vezes os impedem de ir pela terra dentro, e para junctamente Sua Magestade aproveitar as riquezas que nos ditos reinos ha, que agora se mostra o cobre que é infinito e por esta occasião reduzir o animo do rei e seus vassallos, e não custará isto sangue nem menos gastára Sua Magestade tanto quanto houvesse de gastar levando-o por força de armas, e isto digo pela muita experienciá que tenho de todos estes reinos e d'esta costa por haver quarenta e seis annos que ando n'ella servindo Sua Magestade como cabo de companhias e capitão mór no campo, e tenho corrido o reino em tempo de paz, quando a tinhamos com o rei de Angola, e tenho sabido e especulado bem o que ha nos ditos reinos e trazendo sempre á minha custa cem frecheiros e espingardeiros escravos meus, e quatro irmãos meus morreram n'estas guerras e meu pae, como tudo se verá mais largamente nos papeis dos meus serviços que tenho apresentado.

E n'este reino de Angola não temos fortificação feita na cidade, nem defeza alguma: sômente temos uma cidade á beira mar, á qual vão cada anno vinte navios e mais, a carregar peças de escravos; uns vão para as Indias com registo de Sua Magestade e outros para o Brazil para trabalhar e augmentar os engenhos de assucar que

ali ha, do que vem a Sua Magestade grandes direitos na cidade de Lisboa.

Haverá n'esta cidade cousa de 400 visinhos e pela terra dentro cerca de sessenta leguas, temos quatro fortalezinhas e n'ellas uns 250 soldados pouco mais ou menos; devia enviar-se mais gente para que não acabasse de levantar e perdermos o que temos ganho com tanto trabalho e tanta gente como nos ha custado.

Estes fortes estão, uns dos outros 4 ou 5 leguas; são de taipa que é o que basta para os gentios da terra.

Segue-se adiante, até ao cabo Negro, e temos agora para aquelle lado um fortesinho, em Benguella, cerca de 60 leguas da cidade de S. Paulo, que haverá tres annos fez Manuel de Sirveira Pereira, que Sua Magestade enviou áquelle reino a conquistal-o e por governador, por se dizer haver n'elle muito cobre como eu vi, que os negros o resgatam em manilhas que são umas argolas que trazem nos braços e nas pernas.

E enviando-me o governador Paulo Dias de Noraes n'uma galeota a descobrir a costa e a resgatar com o gentio d'ella, resgatei algum cobre que truxe, pelo que o deve haver na dita conquista, e lá anda hoje o dito governador Manuel de Sirveira, até ao tempo que d'ali parti, que haverá anno e meio.

Que chegue até ao cabo Negro, que é má terra e sem fructo, que eu não vi mais, antes tem muitos baixos, junto á costa e mais adiante não sei nada da terra.

E n'esta Benguella ha famosos carneiros que teem cinco quartos porque a cauda pesa tanto como um dos outros quartos. Ha muitas vacas em demazia, e todos por ali são vaqueiros e tambem está proximo de Benguella uma bahia que chamam das Vacas que fica antes que cheguemos a Benguella. E entre Loanda e a bahia das Vacas fica um rio que se chama de Amoreira, onde se vae fazer resgate de mantimento, vacas e outro gado, da dita Loanda, e dizem que aqui ha muito cobre e o dito rio vem dar ao mar. Aqui pôde fazer-se povoação porque a terra é boa e fertil.

Segue-se logo mais adiante, para a parte do sul, o cabo da Boa Esperança que é o termo da dita costa, e em toda ella ha povoações de negros.

Não temos commercio com elles, sômente sabemos haver muitos rios onde os navios costumam fazer aguada, mas com as armas na mão.

(Continua.)



QUEBRAMOS UM VELHO BARCO — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÔGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 5 — 3.º anno)

NOS CANAES e sitios onde a agua é estagnada, vivem milhares de sanguessugas, como em todos os rios d'esta parte de Africa.

Tinha' feito larga provisão de milho, e para elle muitos carregadores, sob o commando das filhas do sova; decidi-me pois a partir, e depois das mais cordiaes despedidas, segui, a 4 de agosto, continuando a descer o rio na margem direita.

Duas horas depois de ter deixado Caú-eu-hue foi-me indicado pelos guias um vao onde seria possivel a passagem. Passaram elles para me mostrarem o caminho, e eu vi, que a um homem de estatura regular, dava a agua pelo pescoço durante uns 20 metros.

O rio tem alli de 70 a 80 metros de largo. Despi-me e fui estudar o vao. Vi que era estreito, e logo a montante e a jusante profundava de 3 a 4 metros, mas o fundo era de areia muito re-

sistente. A corrente do rio era sobre o vao de 60 metros por minuto. N'estas condições a passagem é sempre difficil a uma comitiva carregada.

Dei ordem de começar a passagem, que levou duas horas, conservando-me eu sempre dentro de agua, com o Verissimo e Augusto, os unicos que sabiamos nadar, promptos a acudir a algum que perdesse o pé. Não houve porém o menor incidente, e nem uma carga se molhou, tal cuidado tivemos todos.

Passado o rio, como estivessemos bastante fatigados, apenas ganhamos a povoação de Lionzi, acampamos.

Houve grande affluencia de gentio no meu campo, e choveram presentes e offertas de venda de mantimentos. Nunca vi em Africa tantas galinhas como n'esse dia trouxeram os Ambuelas a meu campo. Não houve carregador ou muleque não comesse galinha assada.

Notei entre aquelle gentio uma moderação e brandura verdadeiramente admiraveis em povo Africano.

Todos os homens vinham armados de arco e frechas; alguns traziam azagaias, e muitos, além das armas gentílicas, compridas carabinas de silex, de fabrica belga.

Entre os Ambuelas, homens e mulheres cortam um triangulo nos dois dentes incisivos da frente, mas em angulo muito mais aberto do que entre os Quimbandes.

As suas armas são fabricadas por elles, sendo muito imperfeito o trabalho do ferro, que extrahem em minas a jusante da confluencia do Cuchibi e Cuando.

Os Ambuelas que usam espingardas só querem, como eu já disse, as armas lazarinas hoje fabricadas na Belgica, e a cada peça de caça que matam, enrolam em torno do cano um bocadinho de pelle do animal, o que dá logar, pela simples inspecção da arma, a saber quantas victimas ella tem feito.

Isto defórma a arma, e impede de apontar; mas, como elles só arriscam um tiro a dez passos, acontece matarem.

O caçador que vi alli tendo morto mais caça tinha dez bocados de pelle em torno do cano da espingarda.

Aquella pobre gente, sem as armadilhas do matto, não teria pelles para cobrir a sua nudez.

Polvora é rara alli, onde apenas de annos a annos apparece um sertanejo Biheno, que lhe vende pouca, e por isso tem subido valor.

Entre os Ambuelas que vieram ao meu campo appareceu um muito engraçado, que por todos os modos procurava convencer-me a dar-lhe uma carga de polvora por um gallo grande que trazia. Divertiu-me muito com o modo engraçado por que tentava convencer-me a fazer a transacção, até que eu lhe disse que faria o negocio se elle matasse o gallo a cincoenta passos com uma frecha.

Elle aceitou, e eu medi a distancia.

Colocado o gallo convenientemente desapareceu-lhe oito frechas que trazia, fazendo pessimos tiros.

Outros indigenas enthusiasmaram-se com o divertimento e começou um chuveiro de frechas em torno do pobre animal, e ainda que alguns se acercaram a quarenta passos, foi de meio metro distante do alvo o tiro mais certo. Eu então disse aos Bihenos que dava o gallo a quem o matasse. Vieram os melhores atiradores de frecha da

comitiva, e quem melhores tiros fez foi o preto Jamba, de Silva Porto, que chegou a cravar uma seta a cinco centímetros do gallo, que ficaria vivo, se eu o não matasse com um tiro da minha carabina Winchester.

No matto em que estava acampado havia uma enorme quantidade de aranhas brancas, com o corpo volumoso como uma ervilha, que mordiam, causando uma dôr violenta mas passageira.

O acampamento esteve sempre cheio de mulheres, talvez por estarem alli commigo as filhas do regulo. Usam ellas grande numero de manilhas de ferro da espessura de dois a tres millímetros de secção quadrangular, tendo as duas arestas exteriores picadas.

Quando dançam (e dançam muito as Ambuelas), só o tinir das manilhas é uma musica.

Ellas comprimentam-se umas ás outras, batendo repetidas vezes com as mãos abertas nos peitos nus.

Um costume que encontrei entre todos os povos Ganguelas, mas mais rigorosamente cumprido no Cuchibi, é o modo de fallar aos sovas ou sovetas.

A pessoa que falla diz o que quer dizer ao sova a um dos pretos que elle tem a seu lado; este repete o recado a um segundo preto, que o transmite ao sova. A resposta segue pelas mesmas vias.

A explicação que me deram d'isto foi a seguinte:—A pessoa que dá o recado, ouvindo repetir depois duas vezes o que disse, pôde corrigir alguma interpretação erronea que houvesse da sua ideia, e o mesmo se dá com quem responde.

Eu supponho, porém que ha alli mais alguma cousa, e que os sovas estabeleceram o uso, para durante a repetição triplice da arenga, terem tempo de preparar a resposta.

De Lionzi fui dar um passeio de caça pelo rio até á sua confluencia com o Cuando, cuja posição marquei grosseiramente, por não ter podido fazer observações, mas que, ainda assim, não deve ter grande erro, por haver eu determinado perfeitamente a posição de Lionzi.

Junto á confluencia do Cuchibi, encontrei duas grandes povoações Ambuelas, Linhonzi e Maramo, e entre ellas e Lionzi, uma grande povoação Chimbambo.

Na confluencia do rio Queimbo está situada a povoação de Catiba, governada por um preto da povoação de Caú-eu-hue, e sujeito ao sova do Cuchibi.

De volta ao meu campo, vim encontrar a minha gente de tal modo entregue ás delicias de Capua, que não havia força para os arrancar dos braços das formosas filhas d'esta nova Ninive Africana.

A embriaguez do *Bingundo* e a embriaguez do amor, tornavam surdos os meus homens a rogos e a ameaças.

O soveta de Lionzi veio ao meu campo, e trouxe consigo um Mucassequer, seu hospede. Eu entendi-me logo com o Mucassequer, para elle ser guia até ás nascentes do rio Ninda, que eu queria ir demandar, e estando n'esse dia de muito bom humor, chamei os pombeiros e disse-lhes, que ia seguir com os Ambuelas e os meus muleques, e que ficassem elles se quizessem, mas que eu lhes levava todos os mantimentos.

Puz-me logo a caminho, guiado pelo Mucassequer e acompanhado das filhas do sova e sua gente.

Os meus Quimbares, vendo-me partir, deixaram tambem o campo, e seguiram-me, ficando todos os Quimbundos e os muleques do Verissimo.

Depois de uma difficil marcha de seis horas atravez de floresta emmaranhada, e onde se não encontra agua, alcançamos a margem direita do rio Chicului, abrasados de sêde.

Este rio corre em uma planicie deserta e apaulada, de 1:600 a 2:000 metros de largo, e a floresta sempre espessa vem terminar onde começa o paul.

Durante a noute os leões e leopardos rondaram sem cessar o meu acampamento, rugindo em côro infernal.

No dia immediato, decido logo de manhã passar á outra margem.

Passei o rio n'uma ponte, de certo construida outr'ora por comitivas Bihenas, que eu reconstruí, e que me deu facil passagem; mas não foi igualmente facil alcançar a floresta da margem esquerda, porque havia a atravessar a planicie lodosa, onde nos enterravamos até por cima da cintura

O meu Pépéca por vezes ficou só com a cabeça de fóra, e deu trabalho a desenterrar.

Foram 1:500 metros de travessia difficil e fatigante.

O rio tem 15 metros de largo por 4 a 5 de fundo, com uma corrente de 40 a 45 metros por minuto. Vi n'elle muito peixe grande e pequeno, e alguns crocodilos de pequeno talhe.

Depois de passar o rio, vi a um kilometro ju-

sante, uma grande manada de songue, e indo logo alli encoberto pelo matto, consegui matar tres.

A minha cabrinha Córa não se separa um momento de mim, e anda em continuo sobresalto desde que sentiu os leões.

Os meus pretos apanharam muitas aves, variedade de codornizes, com uma poupa branca, e pernas brancas.

Pela uma hora n'esse dia, chegaram os meus Quimbundos, e os pombeiros, de orelha baixa, vieram pedir-me mil perdões de não terem seguido na vespera.

Eu andava então de tal modo satisfeito, que tudo perdoci, indo em seguida pescar com um enorme tresmalho que levava, e com o qual apanhei innumerous peixes muito semelhantes aos mugens ou tainhas dos nossos rios.

Esta rede, tresmalho ou barbal, como lhe chamam os pescadores do rio Douro, foi um presente que me fez meu pae, e que, em muitas circumstancias, foi o unico recurso que tivemos para matar a fome.

A doença grave de um dos meus pretos fez-me demorar dois dias n'aquelle ponto, o que me contrariou em extremo, porque, tendo commigo numerosos Ambuelas, as provisões que eu tinha trazido do Cuchibi desapareciam rapidamente, e eu tinha diante de mim um enorme paiz a atravessar até ao Zambeze, onde nenhum recurso encontraria, além da caça sempre problematica em Africa.

Em um dos dias, os Ambuelas foram á floresta em busca de mel, guiados pelos *indicators* (*indicadores*), e d'elle fizeram grande colheita.

Muitos naturalistas notaveis, desde Sparmann e Leveillant, os primeiros que estudaram esta curiosa ave, até os mais modernos exploradores que tem descripto os seus habitos, que me perdoem ainda aqui fallar d'ella, e lhes diga, na minha humildade, o que conclui do muito que observei os seus costumes em Africa

Que o *indicator* seja ou não um cuco é coisa de que não faço questão, deixando isso á auctoridade dos Bocages e dos Günthers.

Que elle se deva chamar *Cuculus albirostris*, como queria Temminck, ou sòmente *indicator*, como querem outros, é nova questão em que não entro. Descrevel-o, sendo profano em ornithologia, seria pedantismo, e por isso limitar-mehei a contar o que lhe vi fazer, e a tirar uma conclusão minha.

Logo que o homem penetra em uma floresta

dos sertões d'Africa Austral, apparece-lhe o *indicator* saltitando de ramo em ramo, e chegando a approximar-se, sempre com o seu chilrear monotono. Logo que lhe damos attenção levanta elle o seu vôo pesado, e vai pousar mais longe, vigiando se o seguimos.

Se o desprezamos, volta elle para junto de nós, e continua a saltar e a chilrar, voando outra vez, e formulando muito pronunciadamente o convite de o seguirmos. Cedemos a final e acompanhamos a avezinha, que de ramo em ramo, com vôos curtos para nos não perder de vista, nos vai guiando atravez da floresta, a maior parte das vezes até junto de um ninho de abelhas.

Este caso é o mais vulgar, e é sempre aproveitado pelos indigenas buscadores de cêra.

Alguns exploradores, e entre elles o nosso Gamito, dizem, que elle conduz tambem o homem junto do antro da fera. Esse caso nunca se deu commigo, que segui dezenas de *indicators*, e nunca encontrei indigena que m'o affirmasse.

Conduzir-me junto do cadaver de caça já em putrefacção, a um acampamento abandonado de ha pouco, a uma lagôa, junto de outra gente, isso me aconteceu a mim, e acontece a todos os que seguem o buliçoso passarinho. E contudo elle nada lucra em guiar os passos do homem para alli.

O que é facto è, que elle leva o homem quasi sempre ao mel, e eu supponho que o quer levar sempre, e que são occasionaes os outros encontros, que tem feito impressão a muitos viajantes, encontros nada de estranhar em florestas Africanas.

É mesmo possivel, que no caminho para o enxame encontremos o leão, sem que a intenção do passaro seja a de nos fazer devorar pela fera.

Se porém a regra geral, de ir indicar as abelhas, tem excepções, são ellas tantas e tão variadas, que eu atrevo-me a dizer, que o *indicator* é o verdadeiro apodador da humanidade.

Encontrei junto ao rio Chicului uma pelle de cobra de sete metros de comprido por 40 centimetros de largo, affirmando-me os indigenas que as ha alli maiores.

Pude finalmente seguir a 9 de agosto, já desejoso que as filhas do sova do Cuchibi voltassem com a sua gente, porque os mantimentos que traziamos desappareciam a olhos vistos, e já não era pequeno o meu cuidado pensando no futuro.

Depois de marcha de tres horas, encontrei

um ribeiro, correndo a S. S. E., e depois de atravessarmos a vao, encontramos uma lagôa de duzentos metros, que tivemos de vadear com agua pela cintura.

Este ribeiro, que entra no Chicului perto da sua foz, é o Chalongo, provavelmente o que nas cartas apparece com o nome de Longo, e que, por uma errada informação, os cartographos tem feito correr ao Zambeze.

Durante a passagem da lagôa, vimos alguns abutres descendo com persistencia em um mesmo lugar, a meio kilometro de nós. Fui vêr o que attrahia alli os repugnantes rapaces, e ao longe vi uma nuvem d'elles esvoaçando sobre um corpo volumoso cercado de hyenas, que fugiram sem que eu lhes podesse atirar. Approximei-me, e encontrei uma enorme Malanca (*Hippotragus equinus*) recentemente morta pelo leão.

A pelle do soberbo antilope estava rasgada em tiras pelas garras da fera, e, cousa notavel, que eu não pude explicar, as unhas das patas estavam completamente roidas.

Os olhos tinham sido arrancados das orbitas, de certo pelas aves rapaces.

Os meus Quimbundos, logo que viram a Malanca, correram sobre ella, e com unhas e dentes disputaram uns aos outros os restos d'aquella carne bafejada pelas hyenas, em mais repugnante espectáculo do que, minutos antes, me tinham offerecido as proprias hyenas e abutres. Mais pareciam feras do que homens.

E note-se, que então não havia necessidade porque eu tinha morto caça, e as provisões feitas no Cuchibi nos tinham em abundancia.

Os meus proprios Quimbares não resistiram á tentação, e juntaram-se aos Quimbundos no repugnante espectáculo.

Metti em ordem a caravana, e fiz seguir ávante. Pelo caminho fui pensando no poder que tem a vida selvagem sobre o preto.

Os meus Quimbares, gente meio-civilisada de Benguella, já igualam os Quimbundos em selvageria e embrutecimento.

Eu ás vezes penso, que isto, que se afigura possivel a muita gente na Europa, de civilisar o preto em Africa, é simplesmente absurdo.

O elemento civilizador será por ora tão pequeno junto do elemento selvagem, que este predominará em quanto aquelle não tomar proporções enormes.

É preciso que em Africa haja por cada preto um branco para se realizar esse sonho de mui-